

UNIVERSIDADE DE UBERABA
PROGRAMA DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO

RUDNEY FERREIRA BONFIM

MULHERES DE OURO:
EXPERIÊNCIAS VIVIDAS POR ESPOSAS DE GARIMPEIROS QUE SE
TORNARAM PROFESSORAS EM ITAITUBA, PA

Uberaba, MG
2009

Catálogo elaborado pelo Setor de Referência da Biblioteca Central da UNIUBE

Bonfim, Rudney Ferreira.

B641m Mulheres de ouro: experiências vividas por esposas de garimpeiros que se tornaram professoras em Itaituba-PA / Rudney Ferreira Bonfim. 2009.

123 f.

Dissertação (mestrado) -- Universidade de Uberaba. Programa de Mestrado em Educação, 2009.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Sueli Teresinha de Abreu Bernardes.

1. Professores. 2. Formação de professores. 3. Educação – História - Brasil.

I. Universidade de Uberaba. Programa de Mestrado em Educação. II. Abreu-Bernardes, Sueli Teresinha de. III. Título.

MULHERES DE OURO:
EXPERIÊNCIAS VIVIDAS POR ESPOSAS DE GARIMPEIROS QUE SE
TORNARAM PROFESSORAS EM ITAITUBA, PA

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Educação da Universidade de Uberaba, como requisito parcial, para a obtenção do título de Mestre em Educação, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Sueli Teresinha de Abreu Bernardes.

Uberaba, MG
2009



UNIUBE

Educação e Responsabilidade Social

MESTRADO EM EDUCAÇÃO

Ata da defesa de Dissertação do Mestrado em Educação realizada no dia **11 de dezembro de 2009**, às quatorze horas.

Nesta data e hora, no anfiteatro da Biblioteca, *Campus* Aeroporto da Universidade de Uberaba (MG), foi realizada a sessão de defesa de dissertação de Mestrado do candidato **Rudney Ferreira Bonfim**, que apresentou trabalho intitulado: "**MULHERES DE OURO: experiências vividas por esposas de garimpeiros que se tornaram professoras em Itaituba, PA**". De acordo com os requisitos legais, a Comissão Examinadora designada para proceder ao exame, foi composta pela Prof^ª Dr^ª Sueli Teresinha de Abreu Bernardes (orientadora), da UNIUBE, e pelas professoras doutoras Marisa Lomônaco de Paula Naves, da UFU e Antônia Teresinha da Silva, da UNIUBE. Após a arguição, em sessão secreta deliberou quanto aos resultados do exame da seguinte forma: 1^ª examinadora Prof^ª Dr^ª Marisa Lomônaco de Paula Naves considerou aprovado, 2^ª examinadora Prof^ª Dr^ª Antônia Teresinha da Silva considerou aprovado, a orientadora Prof^ª Dr^ª Sueli Teresinha de Abreu Bernardes considerou aprovado. A Comissão considerou o candidato aprovado. Para constar, eu Tássia Alves de Almeida, da Secretaria do Programa de Mestrado em Educação, lavrei a presente ata que segue assinada pelos membros da Comissão Examinadora. Uberaba (MG), 11 de dezembro de 2009.

Prof^ª Dr^ª Sueli Teresinha de Abreu Bernardes

Prof^ª Dr^ª Marisa Lomônaco de Paula Naves

Prof^ª Dr^ª Antônia Teresinha da Silva

Tássia Alves de Almeida (Secretária)

Programa de Mestrado em Educação / UNIUBE

Av.: Nenê Sabino, 1801 - Bairro Universitário - Bloco X - Sala 2X16 - Uberaba (MG) - CEP: 38055-500

Telefone: (34)3319-8811 / 3319-8813 - FAX: (34)3314-8910

www.uniube.br / mestrado.educ@uniube.br

DEDICATÓRIA

À minha mãe, mulher guerreira, exemplo de vida e perseverança. A meu pai, por ser tão honesto e paciente em tudo que faz e vê. Aos dois, por demonstrarem sempre compreensão e orgulho pelas minhas conquistas profissionais que são em parte alimentadas pelas obrigações, em parte pelo prazer.

AGRADECIMENTOS

A Deus por permitir que eu superasse todos as dificuldades existentes.

Às minhas irmãs Ana Paula e Emily por serem sempre atenciosas comigo.

À minha madrinha Irailde Ferreira Barreto por seu imenso carinho.

Ao meu filho que um dia lerá tudo isso e conhecerá um pouco mais do seu pai.

Em especial às professoras Ângela Santos, Ivandete e Oneide Neves por acompanharem minha trajetória profissional até hoje, e a todas as mestras que colaboraram com a minha formação, acreditaram em meu potencial e ajudaram-se a perceber por meio de seus exemplos o quanto é gratificante ser um bom educador.

A todos os docentes do Mestrado em Educação que fizeram parte desse ímpar processo de compartilhamento de conhecimentos. Um agradecimento muito especial às professoras Alaíde Rita Donatoni e Ana Maria Faccioli de Camargo, das quais recebi minhas primeiras orientações e às professoras Antônia Terezinha Silva e Maria Alzira de Almeida Pimenta por terem sido tão disponíveis e atenciosas ao fazerem parte da minha banca de qualificação.

À Universidade de Uberaba pelo oferecimento do curso e colaboração direta para minha formação e indireta para a formação daqueles que comigo tiveram contato.

Aos colegas que conquistei ao fazer parte da quinta turma de Mestrado, com um olhar especial para os que marcaram muito toda essa fase: Arali, Roníria, Rose, Tássia e Márcio.

Às narradoras Maria, Prado, Edilizia, Rosirene e Perpétua com quem passei agradáveis momentos ouvindo e admirando mais ainda suas singulares experiências, por suas disponibilidades e carinho em se deixarem ouvir e registrar.

RECONHECIMENTO

Professor é o sal da terra e a luz do mundo.
Sem vós tudo seria baço, e a terra escura.
Professor, faz de tua cadeira a cátedra de um mestre.
Se souberes elevar teu magistério, ele te elevará à magnificência...
... Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina.

Cora Coralina

À Professora Doutora Sueli Teresinha de Abreu Bernardes, orientadora amiga e fonte de palavras e compreensão em todas as ocasiões, meu sincero reconhecimento pela ajuda mútua e constante, pelo entendimento nos meus momentos de “fuga”. Pelos apoios múltiplos que me ofereceu, por sua capacidade e sensibilidade frente às minhas dificuldades e por sua generosidade, qualidade máxima em nosso relacionamento profissional e pessoal.

Se admitirmos que o saber dos professores não provém de uma fonte única, mas de várias fontes e de diferentes momentos da história da vida e da carreira profissional, essa própria diversidade levanta o problema da unificação e da recomposição dos saberes no e pelo trabalho.

(Maurice Tardif, Saberes docentes e formação profissional, p.21)

RESUMO

No contexto geográfico, político, econômico, social e educacional, referenciado a partir da conjuntura amazônica, tomamos a cidade de Itaituba no Estado do Pará como cenário para esta pesquisa. Os sujeitos investigados foram esposas de garimpeiros que se tornaram professoras nesse contexto, e nosso olhar investigativo abrangeu as experiências vividas segundo suas lembranças. Nossos objetivos foram: descrever, contextualizar e comentar experiências peculiares de magistério, a partir de lembranças narradas por protagonistas da época do ouro. Os estudos, que se inserem na Linha de Pesquisa Formação de Professores e Práticas Educativas, identificaram sua problemática no fato de que essas mulheres de garimpeiros tornaram-se professoras sem que tivessem a formação escolar para o magistério, para atender as crianças do município. Partimos das seguintes questões: qual é a experiência vivida pelas mulheres de garimpeiros que atuaram como professoras no município de Itaituba/PA na época do ciclo do ouro? Que sentido atribuíram a essa experiência? De quais saberes se valeram para exercer esse trabalho? Há uma dimensão crítica em suas lembranças? Em que espaços e circunstâncias a realizaram? Para fundamentar nossas perguntas, mais que respondê-las, fizemos reflexões sobre o eu-pesquisador e as circunstâncias em que a pesquisa se insere. Apresentamos a região com seus “surto” de desenvolvimento, primeiramente com o ciclo da borracha, que historicamente foi marco desenvolvimentista da região, seguido do ciclo do ouro, que ocorreu nas últimas três décadas do século passado, deixando marcas significativas no município. Realizamos a leitura da época do ouro à luz de Lanni (1979), Moreira (2003), e Santos (2008), dentre outros. Além dos estudos teóricos, utilizamos as narrativas como procedimento metodológico, segundo as concepções de Walter Benjamin (1994) e de pesquisadores que também realizaram seus trabalhos de campo numa perspectiva benjamiana, a saber, Ecléa Bosi (1994) e Carlos Brandão (2001). Nesta investigação aproximamos-nos do método fenomenológico, em diálogo com Bachelard (1990), Merleau-Ponty (2006) e Abreu-Bernardes (2008), e realizamos uma abordagem qualitativa, como é entendida por Brandão (2003). Na articulação da análise das falas das narradoras, organizadas em três unidades de significado — as lembranças das circunstâncias e dos espaços, as lembranças do ofício e a crítica das lembranças — voltamos-nos a Tardif (2002) que nos possibilitou discutir os saberes docentes da experiência. Conciliar atividades domésticas, desafiar maridos, preconceitos, ausência de estrutura, distâncias, má remuneração, falta de experiência e de formação no que se solicitava fazer, mas, apesar disso, uma grande vontade de escolarizar as crianças constituíram sua identidade docente. Pensamos que a partilha de um conhecimento sobre vivências desse magistério peculiar poderá contribuir para a discussão sobre o ofício e a formação do professor.

Palavras-chave: Professoras-esposas-de-garimpeiros. Experiências vividas. Práticas Educativas.

ABSTRACT

In the context of geographical, political, economic, social and educational situation referenced from Amazon culture, we took Itaituba city, in Para State, as the setting for this research. The subjects investigated were the wives of miners who have become teachers in this context, our investigative eye covered the experiences lived according to their memories. Our objectives were to describe, contextualize and comment peculiar experiences of teaching, based on memories narrated by the protagonists from the *age of gold*. The studies, which integrate the research line Teacher Training and Educational Practices, identified its problems on the fact that these wife miners became teachers who had no training school for the teaching to meet children in the city. We took like basis the following questions: what were the experiences lived by the women miners who worked as teachers in Itaituba city, in the statate of Pará, in the time of the gold cycle? What meaning attributed to that experience? Which took advantage of knowledge to exercise that work? There is a critical dimension in their memories? in which spaces and circumstances they took place their work? In support of our questions, rather than answering them, we did reflections on the researcher and the circumstances in which the research falls. We present the region with its "outbrak"of development, first with the rubber boom, which was historically the region's developmental landmark, followed by the gold cycle, which occurred in the last three decades of the last century, leaving significant marks in the municipality. We perform the reading from the gold age in the light of Lanni (1979), Moreira (2003) and Santos (2008), among others. In addition to theoric studies, we use the narratives as a methodological procedure, according to the concepts of Walter Benjamin (1994) and researchers who also conducted their fieldwork in a benjamiana perspective, namely Ecléa Bosi (1994) and Brandão (2001). This research brings us closer to the phenomenological method, in dialogue with Bachelard (1990), Merleau-Ponty (2006) and Bernardes-Abreu (2008), and performed a qualitative approach, as understood by Brandão (2003). In the joint analysis of the speeches from the narrators, organized into three units of meaning - the memories of the circumstances and places, memories of the labor and critique of memories - we turn to Tardif (2002) that allowed us to discuss the teaching knowledge of the experience. Harmonizing household activities, challenging husbands, prejudices, lack of structure, distances, poor remuneration, lack of experience and training as requested to do, but nevertheless, a great desire to educate their children constituted their teaching identity . We thought that sharing knowledge on a particular teaching experiences, may contribute to the discussion about the craft and teacher education.

Key words: Teachers-wives miners. Lived experiences. Educational Practices

LISTA DE FIGURAS

Figura		Pág
Fig. 01-	Itaituba, Pará, banhada pelo Rio Tapajós.....	18
Fig. 02-	Garimpo de Itaituba, PA.....	22
Fig. 03-	Escola onde Maria trabalhava antes de serem construídas as paredes.....	29
Fig. 04-	Estrutura do banheiro e refeitório cedida pelo quartel para atendimento aos alunos.....	30
Fig. 05-	Sala de aula citada por Rosirene.....	31
Fig. 06-	A sala de aula onde Perpétua trabalhava.....	32
Fig. 07-	Maria Prado e alguns alunos ao lado do Prefeito Wirland Freire em uma de suas visitas à escola São Francisco das Chagas.....	36
Fig. 08-	Alunos colaborando para a limpeza da área da escola destinada à recreação.....	38
Fig. 09-	Perpétua exercendo a docência.....	42
Fig. 10-	Rosirene liderando reunião de pais e responsáveis.....	44
Fig. 11-	Momento da distribuição do café da manhã para os alunos.....	45
Fig. 12-	Alunos em ambiente alternativo, separados por níveis de ensino.....	47
Fig. 13-	Maria preparando a merenda pros alunos.....	49
Fig. 14-	Alunos em momento lúdico proporcionado por Perpétua.....	54
Fig. 15-	Edilzia no ensino médio.....	59
Fig. 16-	Espaços onde aconteciam pequenos encontros entre as professoras.....	64

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I – NEM TUDO NO OURO RELUZ.....	13
Um “filho do ouro” – minha narrativa.....	13
Itaituba: criação, ciclo da borracha e ciclo do ouro.....	16
O novo “Eldorado” – garimpos e garimpeiros.....	21
O contexto educacional.....	23
CAPÍTULO II – LEMBRANÇAS DAS CIRCUNSTÂNCIAS E DOS ESPAÇOS OU ESPAÇOS DA MEMÓRIA.....	25
O movimento no espaço em busca de melhores condições de vida.....	25
Os lugares do aprender.....	28
De casa para a escola.....	32
Ampliar para conseguir atender.....	34
A comunidade atuante nos espaços.....	36
CAPÍTULO III – LEMBRANÇAS CRÍTICAS OU A MEMÓRIA CRÍTICA.....	40
A marca da pobreza.....	40
As carências discentes.....	43
A cada momento um desafio.....	48
A constante busca da melhoria docente.....	51
A auto-imagem construída.....	55
CAPÍTULO IV – LEMBRANÇAS DO OFÍCIO OU MEMÓRIA DO SER PROFESSOR.....	58
O labor antecedente ao ofício de professoras.....	58
Saberes constituídos na própria experiência.....	61
A construção do saber docente e a cultura escolar do cotidiano.....	64
A relação das narradoras com seus saberes experienciais.....	69
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	71
REFERÊNCIAS.....	74
APÊNDICES	
Apêndice A – Narrativa 01.....	77
Apêndice B – Narrativa 02.....	90
Apêndice C – Narrativa 03.....	97
Apêndice D – Narrativa 04.....	101
Apêndice E – Narrativa 05.....	107
Apêndice F – Termos de consentimento livres e esclarecidos	112

INTRODUÇÃO

O ser humano difere-se dos demais animais pela capacidade de pensar o mundo e pensar a si próprio. Nessa elaboração de relação consigo, com os outros e com o meio ele vai tecendo a sua história pessoal, ao mesmo tempo em que compõe a trama da história coletiva. Nem sempre nos percebemos ligados uns aos outros. Nem percebemos que nossas histórias pessoais cravadas em nossa lembrança são também, a história de um tempo e de um espaço determinado.

Apesar de iniciar falando sobre história, esta não é uma pesquisa histórica, no que se refere ao rigor acadêmico da palavra. Trata-se de uma visita ao passado atualizado no hoje, ou seja, no fazer memória. Assim, o sujeito-objeto dessa pesquisa são esposas de garimpeiros imigrantes que atuaram como professoras na década de 1980.

O tema da pesquisa está diretamente relacionado à minha travessia profissional e pessoal. Entendo que uma trajetória de vida é marcada por linhas indeléveis, em que desejo e vontade entrelaçam-se numa trama de realização. Cresci filho de pai garimpeiro e mãe professora, ambos imigrantes que deixaram suas famílias na década de 1980 em busca do sonho dourado – a febre do ouro, as histórias sobre essa época sempre me interessaram.

No entanto, não busquei observar o fenômeno da chamada “febre do ouro” em toda sua amplitude, enquanto acontecimento marcante do norte do país a partir da década de 1970. Como locus privilegiado elegeu-se a cidade de Itaituba, sede do município de mesmo nome, localizado no Oeste do Estado do Pará.

Meu olhar investigativo abrangeu tão somente a experiência vivida pelas mulheres de garimpeiros imigrantes como professoras, num determinado tempo e espaço, segundo suas lembranças, sem confrontar as falas a uma pesquisa documental ou as entrevistas com contemporâneos a essas mulheres, o que entendo ser possível em posteriores investigações.

Nesta pesquisa, a intenção é contribuir para a extensão do olhar, para a abrangência do que experiências vividas podem oferecer na discussão sobre práticas educativas. Tenho por intuito partilhar um conhecimento sobre experiências docentes que poderá contribuir para (re)pensar os saberes pedagógicos na sala de aula, mas não pretendo

elaborar uma proposta pedagógica. Às vezes surgem perguntas no meio acadêmico sobre a aplicação pedagógica de concepções oriundas das investigações na pós-graduação. A questão “como utilizar suas ideias na prática escolar?” é pertinente e merece amplos estudos, mas não é objeto deste trabalho. Desejo apenas colaborar para o entendimento do ofício do professor, em circunstâncias que a academia não conseguiu formar os docentes que uma determinada comunidade requeria. Deste modo, este presente estudo insere-se na Linha de Pesquisa Formação de Professores e Práticas Educativas.

A problemática identificada reside no fato de que mulheres de garimpeiros tornaram-se professoras, sem que tivessem a formação escolar para o magistério, para atender as crianças do município. Em contexto de pobreza, de busca por melhoria de vida através do outro garimpado, crianças viviam sem escolarização. Faltavam mestres e escolas. Enquanto os maridos permaneciam em seu trabalho no garimpo, mulheres buscaram a sobrevivência na cidade. Em meio à carência de educação para os filhos, algumas mulheres decidiram colaborar para resolver o problema escolar. Resolveram ser mestras, alfabetizar os pequenos, apesar de sua limitação: não tinham formação específica para o exercício do magistério.

Para dar conta da complexidade das questões que envolvem o universo de pesquisa a ser estudado, o presente trabalho apoiou-se na abordagem qualitativa, como é entendida por Brandão (2003) tendo como procedimento metodológico as narrativas. De posse das mesmas, procedi a análise das falas fazendo uma aproximação do método fenomenológico, ainda que não o tenha aprofundado, com a amplitude e profundidade que o rigor da fenomenologia exige. Ainda neste capítulo, detalharei mais nosso processo de investigação.

Na consolidação desta pesquisa, recorri a alguns teóricos que me auxiliaram na construção da mesma. No que se refere às narrativas como procedimentos metodológicos, busquei as concepções de Walter Benjamin (1994); li pesquisadores de grande importância no meio acadêmico que também realizaram suas pesquisas numa perspectiva benjamiana, a saber: Ecléa Bosi (1994) e Carlos Brandão (2001). Na articulação da análise das falas das narradoras voltei-me também a Tardif (2002) que nos possibilita discutir os saberes docentes da experiência. E para descrição do município na época do ouro, consultei: Rodrigues (1985) e Santos (2008), que em suas obras registraram as características da época do ciclo do ouro.

Escolhi empregar outras linguagens, além da verbal, na construção deste trabalho. Utilizei várias imagens oriundas da fotografia: a Itaituba na época do ouro; os

espaços de ensino, os rostos das narradoras. Com esses recursos, busquei o desvencilhar da pura ilustração na matéria escrita. O convívio de diversas linguagens tem a ver com a tentativa de inserir uma imagem plástica para a composição visual do texto. Desse modo, a ilustração deixa de ser tal, na medida em que procurei criações visuais que contribuem para explicitar as construções verbais. As imagens devem ser lidas como partes do texto.

O processo de construção da pesquisa

A realização deste estudo alicerçou-se em uma série de aspectos, tais como: a minha disponibilidade como eu pesquisador, a ligação com o objeto de estudo, o interesse pelo assunto a ser estudado e certo envolvimento prazeroso com a pesquisa. Além disso, a exigência de um curso, neste caso, a conclusão do Mestrado em Educação.

Para decidir a abordagem metodológica, busquei primeiro a clareza sobre a problemática do que pretendia investigar e sobre o objeto de estudo. A época do ouro no município de Itaituba, PA, constituiu um tempo para uma experiência singular de exercício do ofício de educador. Nesse período, esposas de garimpeiros, sem formação escolar para a docência, assumiram o papel de professoras para atender as crianças da localidade, pois não existiam profissionais formadas para o magistério. A partir de narrativas familiares, de relatos escolares sobre a história da educação do município onde morávamos, me aproximei das pessoas que iriam constituir-se sujeitos/objetos desta investigação: essas mulheres que atuaram na educação do município na época do ouro.

Assim, as questões norteadoras da pesquisa foram delineando-se: qual é a experiência vivida pelas esposas de garimpeiros que atuaram como professoras no município de Itaituba, PA na época do ciclo do ouro? Que sentido atribuíram a essa experiência? De quais saberes se valeram para exercer esse trabalho? Há uma dimensão crítica em suas lembranças? Em que espaços e circunstâncias a realizaram?

Na procura de respostas às indagações, decidi pela abordagem qualitativa, pois neste caso, a preocupação se volta para uma realidade em que a quantificação não se mostra relevante. Essa escolha fundamentou-se nas ideias do pesquisador Carlos Brandão, nas quais se baseia nossa opção de abordagem. Para esse cientista social, um dos grandes méritos da pesquisa qualitativa reside no fato de que por meio dessa abordagem da busca de conhecimentos confiáveis sobre o mistério da experiência humana, da sociedade em que ela vive, da cultura que ela tece e em que se enreda para viver e conviver, nós devolvemos a confiança a nós mesmos.

As abordagens experimentais, científicas, comportamentalistas, quantitativas partem de uma separação fundadora da relação de conhecimento. De um lado, o sujeito do conhecimento, de outro, o objeto de pesquisa (os outros e seus mundos). Partem também do suposto de que para se conhecer algo objetivamente – isto é, sem os desvios pessoais da subjetividade – é necessário que o investigador se arme de todo um instrumental objetivante. É fundamental uma “atitude neutra”. É essencial reduzir maneiras de ser, sensibilidades, sentimentos, formas de viver e de conviver a conjuntos objetivamente observáveis, experimentais e quantificados de reações; reduzir sonhos, anseios e devaneios, assim como identidades pessoais a comportamentos expressivos, redutíveis a números, explicáveis por meio de fórmulas. Tanto a pessoa quanto a sociedade ‘funcionam’ como realidades de padrão mecânico. Tudo o que elas contêm pode e deve ser dividido em unidades mais e mais simples, para que se chegue ao nível mais molecular de sua explicação. [...] O comportamento é expressivo, é visível e é controlável pelo investigador. De tudo o que uma pessoa é, vivência, sente e sonha, o comportamento é a sua mostra. O seu retrato. (BRANDÃO, 2003, p. 185)

Por que nos ocuparmos do imponderável quando podemos explicar por meio do visível e do objetivamente quantificável? ¹

Um dos fundamentos das abordagens qualitativas está na convicção de que nós próprios, pessoas humanas, sujeitos interativos de uma pesquisa, situados de um lado e de outro do gravador na hora de uma narrativa, somos confiáveis. Podemos confiar em nossa personalidade na pesquisa. “Podemos confiar em nossos saberes e valores, em nossos sentimentos e em nosso modo de ser, desde que intencionalmente sinceros e teórico-metodologicamente estejamos preparados para nos relacionar com o outro ‘na pesquisa’”. Para quê? Para interagir de maneira ao mesmo tempo pessoal e objetiva com pessoas em uma comunidade local de sujeitos sociais, de sentidos, de símbolos, de sentimentos, de significados e de sociabilidades (BRANDÃO. 2003, p. 186).

Respondendo a partir desse diálogo com o autor: para buscar solidariamente as interações de vivências e saberes (dos diferentes atores culturais da comunidade) com os nossos saberes vividos (os de co-investigadores); para alcançar com eles as compreensões e as interpretações a respeito da maneira como eles vivem, sentem e refletem sobre suas vidas e seus cenários sociais.

A escolha por essa abordagem possibilitou maior interação entre o pesquisador e o pesquisado, ou seja, abriu meu olhar investigador para o outro na pesquisa. Ambos se tornaram canais mediadores que possibilitaram colocar em questão os lugares desses

¹ Não é nossa intenção, e nem foi a do cientista social lido, ignorar o valor de investigações quantitativas, experimentais ou comportamentais para o desenvolvimento do saber científico. Apenas queremos salientar os aspectos dessas abordagens que não se adequam ao propósito desta presente pesquisa.

agentes no processo de descrever e interpretar os componentes de um sistema complexo de significados tanto para o sujeito da pesquisa como para o pesquisador.

Ressalto, ainda, que não pretendi trabalhar com amostragem, mas com todas as mulheres que aceitaram narrar suas experiências como professoras.

A opção pela narrativa

O procedimento escolhido foi a narrativa. No período de março a maio de 2009, ouvi narrativas de cinco professoras que atuaram na época do ciclo do ouro em Itaituba, PA: Rosirene, Maria Prado, Perpétua, Edilizia e Maria. Como critério de escolha, levei em consideração o fato de serem esposas de garimpeiros imigrantes na no ciclo do ouro e de terem atuado como docentes sem a formação para o magistério.

Antes de escutá-las expliquei às mesmas os objetivos do presente estudo, bem como a forma de realização das narrativas. Após o consentimento, dado verbalmente, com muita simpatia, e ainda com a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido, efetivei a gravação dos relatos. Como Ecléa Bosi, na pesquisa que deu origem ao livro *Memória e Sociedade: lembranças de velhos* (1994), também para mim:

o principal esteio do método de abordagem foi a formação de vínculo de amizade e confiança com os recordadores. Esse vínculo não traduz apenas uma simpatia espontânea que se foi desenvolvendo durante a pesquisa, mas resulta de um amadurecimento de quem deseja compreender a própria vida revelada do sujeito. (BOSI, 1994, p. 37-38).

Observei que os laços de empatia que se foram formando, desde o primeiro encontro, possibilitaram falas densas, emocionadas e espontâneas. Os contatos foram realizados em vários espaços. O local de trabalho foi a primeira referência para localizar essas mulheres que posteriormente viriam a narrar suas experiências. Por meio de consultas informais a antigos moradores da cidade que ali se estabeleceram desde a época do ciclo do ouro, consegui chegar a essas cinco narradoras que se dispuseram a me falar sobre suas experiências. Atribuí a facilidade de obter informações sobre as mesmas ao pequeno porte da cidade, onde as pessoas se conhecem facilmente, havendo uma disseminação de informações pessoais que é peculiar em cidades do interior.

As narradoras mostraram-se bastante a vontade em minha companhia. Desse modo, preferi não ouvir as professoras em seus locais de trabalho e nem em seus lares por entender que esses locais poderiam apresentar certas interferências, por meio de opiniões de colegas, amigos e/ou familiares, o que poderia intervir no êxito da pesquisa. Sugerir

então, às narradoras, que elas me acompanhassem até um ambiente neutro, calmo e mais isolado — uma sala de aula que nos foi emprestada por outra escola —, onde poderiam me falar mais à vontade. Duas concordaram com tal procedimento, mas três preferiram suas próprias casas, por morarem sozinhas. Concordei por entender que a casa da narradora seria o ambiente que mais a deixaria à vontade.

Considero as narrativas como a verdade das narradoras, e é sobre suas experiências vividas que objetivo discorrer. Penso que nessa pesquisa exerço dois papéis distintos e intimamente ligados, o de sujeito e de objeto simultaneamente, pois ao indagar, procurando saber sobre as experiências, tomo o papel de sujeito e, no momento em que era ouvinte desses relatos, passo para uma postura secundária, um organismo que auferiu e transportou a memória dessas narradoras.

Meu interesse concentrou-se no “que foi lembrado, no que foi escolhido para perpetuar-se na história de sua vida.” (BOSI, 1994, p. 37), tendo as mesmas, a liberdade para falar sobre o que lhes era interessante. A opção pelas narrativas inseriu-se na mesma perspectiva em que outros pesquisadores como Vaz, Mendes e Maués entendem, ou seja:

uma narrativa é como um colar de contas. Ao narrar algo o narrador vai encadeando casos como contas são presas a um fio para formar o colar. A escolha dos casos e a ordem em que eles são encadeados são potencialmente informativos sobre sentimentos ou convicções enraizadas, que muitas vezes são difíceis de serem expressos claramente. Nem todos os eventos vividos pelo narrador são incluídos na narrativa. Já os escolhidos poderiam ser ordenados conforme se queira. Nossa tarefa enquanto sujeitos interessados em narrativas de professores é, primeiro, permitir que a escolha dos casos a serem incluídos na narrativa sejam significativos para o narrador. É muito comum se observar os professores em circunstâncias de entrevista tentando adivinhar o que o entrevistador quer ouvir (VAZ, MENDES E MAUÉS, 2001, p. 6).

As professoras sempre iniciavam suas falas relatando as circunstâncias em que se encontravam, ora falando sobre os espaços, sobre as condições físicas dos locais de trabalho, ora sobre a temporalidade, e foi isso que possibilitou a percepção de que o espaço e as conjunturas nas quais aconteciam suas histórias eram fator de muita influência em suas vivências. E isso apresenta profunda relação com os argumentos de Valter Benjamin ao afirmar que “os narradores gostam de começar sua história com uma descrição das circunstâncias em que foram informados dos fatos que vão contar a seguir, a menos que prefiram atribuir essa história a experiências autobiográficas” (BENJAMIN, 1994, p. 205).

Como Vaz, Mendes e Maués, penso que a narrativa é um excelente

procedimento para pesquisar o saber docente, porque o professor se expressa de forma mais fácil por meio de histórias e muitas vezes só consegue explicitar o que viveu por meio de narrativas. Assim, “o uso das narrativas nos permite levantar o véu de um tipo de saber que está mais próximo das realidades educativas do cotidiano do professor” (VAZ, MENDES E MAUÉS, 2001, p. 05). Dessa forma penso que as narradoras ficariam mais à vontade para expressar-se e abordar assuntos ligados à experiência vivida.

Reflico, ao mesmo tempo, que o homem é um ser constante. Ele constrói sua história a partir do que ele narra de situações vividas ou até imaginadas. Ao narrar suas histórias ele se aprende e se apreende enquanto ser pensante, atuante e presente no mundo e nas relações que estabelece com outros homens. Na verdade, essas narrativas são as histórias de nossas vidas, tecidas a partir de nossos atos e palavras, que nos permitiram compreender o mundo e o nosso ser. Nesse sentido, esta pesquisa colheu narrativas segundo a perspectiva teórica de Walter Benjamin.

Para esse filósofo a narrativa “é em certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o ‘puro em si’ de coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele” (BENJAMIN, 1994, p. 205).

Penso que cada narradora colaborou, de forma particular, com a construção de um contexto amplo, uma vez que ao comunicarem o vivido, as narrativas vão atribuindo significados a um conjunto de ações. Basta olharmos a realidade e percebermos que quando alguém se comporta de maneira inesperada para certo contexto, ou quando algo inusitado ocorre, as histórias que tentam explicar o que aconteceu surgem de todos os lados. Destaco que não são apenas as ações com caráter excepcional que produzem história, mas entendo que todas as ações humanas são capazes de fazê-la. A questão encontra-se no significado que damos a tais acontecimentos.

Ecléa Bosi, em *Memória e Sociedade: lembrança de velhos* (1994), recupera as lembranças de velhos utilizando-se das narrativas, também numa perspectiva benjaminiana. Ela vê a narrativa como a apreciação das vidas de seus narradores, e a verificação de que o desempenho social da velhice, nem sempre reconhecido, não deveria cair no esquecimento enquanto componente dum contexto social (BOSI, 1994, p. 84).

Numa tentativa de não deixar cair no esquecimento a ação de esposas de garimpeiros que atuaram na educação das crianças no município de Itaituba, PA no ciclo do ouro, busquei no trabalho de Bosi (1994) uma fonte de inspiração. Procurei, tão somente, contemplar um traço do que fora registrado por essas mulheres em suas

lembranças. Até por que também entender que “a memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento” (BOSI, 1994, p. 38).

Lembrança e memória – meu entendimento

Estudando a obra *Matière et mémoire*, de Henri Bergson (1959), Bosi afirma que memória e lembrança estão intrinsecamente ligadas à corporeidade humana, uma vez que a própria “percepção está impregnada de lembranças”. Nessa perspectiva, lembrar significa “vir à tona o que estava submerso” (BOSI, 1994, p. 46-52). Desse modo,

aos dados imediatos e presentes dos nossos sentimentos nós misturamos milhares de pormenores da nossa experiência passada. Quase sempre essas lembranças deslocam nossas percepções reais, das quais retemos então apenas algumas indicações, meros “signos” destinados a evocar antigas imagens (BERGSON, 1959, p.183-184 apud BOSI, 1994, p. 46).

Infiro, assim, que enquanto a lembrança seria o registro das atividades as quais o homem atribui certo significado, e por isso as guarda em si e para si, a memória consistiria numa atividade psicológica em que o passado ao mesmo tempo em que vem a tona atualiza-se na própria vida humana presente. Nessa perspectiva, “a memória é essa reserva crescente a cada instante e que dispõe da totalidade da nossa experiência adquirida” (BOSI, 1994, p. 47).

Podemos distinguir na memória dois tipos, segundo a filosofia bergsoniana: memória-hábito e memória-lembrança. A memória-hábito seria nossos atos, gestos e palavras que reproduzimos pela repetição constante em nosso cotidiano, ou seja, é a forma automatizada de nossos atos incorporados no nosso dia-a-dia. Por outro lado, a memória-lembrança ou imagem-lembrança refere-se ao acontecimento que emerge da consciência a partir de um acontecimento singular, que é significativo ao ser humano (BOSI, 1994, p.11), ou seja, na atualização dos momentos vividos no passado.

Tudo o que nós percebemos é vivenciado como um momento do presente. Mas ele próprio já surge impregnado de pormenores de nossas experiências. O que retemos de cada imersão dos sentidos ao mundo vivido é a maneira como a força do passado retida em nós seleciona o que percebemos no presente. Do mesmo modo, tudo o que memorizamos são fragmentos selecionados do vivido e percebido. “É do presente que parte o chamado ao qual a lembrança responde” (BOSI, 1994, p. 10).

Quais experiências as esposas de garimpeiros retiveram na memória? Quais são suas lembranças? É o que busco nas falas das mulheres que se tornaram professoras em Itaituba.

A análise das narrativas

As narrativas foram apresentadas neste trabalho tais quais foram contadas em sua linguagem coloquial, sem confrontá-las com estudos históricos, pesquisas documentais ou entrevistas com pessoas contemporâneas que presenciaram os fatos narrados, uma vez que não temos o objetivo de verificar sua veracidade.

Para fazê-lo, estabeleci diálogo com Tardif (2002) sobre os saberes docentes. Esse autor que afirma: “o saber é sempre o saber de alguém que trabalha alguma coisa no intuito de realizar um objetivo qualquer (...) o saber dos professores é o saber deles e está relacionado com a pessoa e a identidade deles, com a sua experiência de vida e com a sua história profissional, com as suas relações com os alunos em sala de aula e com os outros atores escolares na escola [...]” (Tardif, 2002. p. 11).

Em sua obra o autor faz questionamentos pertinentes á temática por mim abordada: quais são os saberes que servem de base ao ofício de professor ? Quais são os conhecimentos, o saber-fazer que os professores mobilizam diariamente na sala de aula e nas escolas, a fim de realizar concretamente as suas diversas tarefas? Qual é a natureza desses saberes? Trata-se de conhecimentos técnicos, de saberes da ação, de habilidade de natureza artesanal, adquiridas por meio de uma longa experiência de trabalho? Como esses saberes são adquiridos?

Essa pesquisa investigou não somente os saberes docentes, mas também os saberes de vida de tantas professoras, buscando tanto quanto o autor, responder questões ligadas à realidade docente.

Relaciono aqui as minhas questões: qual é a experiência vivida pelas esposas de garimpeiros que atuaram como professoras no município de Itaituba, PA? Em que espaços e circunstâncias a realizaram? Que sentido atribuíam a essa experiência? De quais saberes se valeram para exercer esse trabalho? Há uma dimensão crítica em suas lembranças?

Penso como Tardif que defende ser o saber não reduzido, exclusiva ou principalmente, a processos mentais, cujo suporte é a atividade cognitiva dos indivíduos, mas é também um saber social que se manifesta nas relações complexas entre professores e

alunos. Há que “situar o saber do professor na interface entre o individual e o social, entre o ator e o sistema, a fim de captar a sua natureza social e individual como um todo” (TARDIF, 2002, p.16).

O olhar fenomenológico

Procurei trabalhar próximo a um olhar fenomenológico, interagindo conceitos e sensibilidade, sem restringir-me à proposta mais tradicional do método fenomenológico concebida nas filosofias de Edmund Husserl, de Merleau-Ponty, de Heidegger ou de Paul Ricoeur, dentre outros. Sabemos que, na medida em que existem várias e não uma única fenomenologia, o método fenomenológico de pesquisa sofreu variações, de acordo com o pensamento filosófico que o sustenta. Da metodologia deste trabalho ressaltamos, a seguir, alguns pontos que demonstraram a aproximação ao método fenomenológico. Parti da afirmação de que o ponto-chave para que o sujeito passe a ver o mundo com o olhar fenomenológico é o ato reflexo, ou seja, o voltar-se sobre as experiências vividas e tomar ciência da trajetória percorrida de si mesmo vivenciando a experiência do outro e de si. Na análise, levei em conta as vozes de quem percebeu, concebeu, deu sentido e viveu uma experiência peculiar. Procurei as significações dos acontecimentos *vividos* pelas narradoras e preoquei-me com as intencionalidades e com aquilo que o outro quer dizer. Refleti com Bachelard, comentado por Abreu-Bernardes que, ao refletir a fenomenologia bachelardiana, afirma:

à luz de Bachelard (1990, p. 40), penso que é inicialmente necessária a “determinação de uma consciência do vivido [...] que, como toda experiência, deve ser afinada em incessantes análises”. É ainda em Bachelard que me fundamento quando ele afirma: [...] a palavra “vivido” é, com frequência, uma palavra que reivindica. É escrita então contra outros filósofos que, julgados um pouco precipitadamente, não tocam o “vivido”, se contentam com o jogo fácil das abstrações; afirma-se que eles desertaram a “existência” para se consagrar ao pensamento. [...] O *vivido* conserva a marca do efêmero se não puder ser *revivido*. [...] Teremos que provar que uma poética da vida vive da vida revivendo-a, aumentando-a, separando-a da natureza, [...] passando do fato ao valor, e, ação suprema da poesia, passando do valor para mim ao valor para as almas congêneres, aptas à valorização pelo poético (BACHELARD, 1990, p. 40 apud ABREU BERNARDES, 2008, p. 23).

Esse tipo de reflexão contribuiu para a minha ênfase à experiência vivida. Daí também, procurei apresentar as palavras originais dos participantes para ajudar na descrição.²

Em Merleau-Ponty busquei as reflexões sobre a valorização de nosso contato espontâneo com o mundo por meio dos sentidos, do corpo, processo que não acolhe a separação entre o subjetivo e o objetivo. Para esse filósofo, as ideias modernas levaram o mundo ocidental a uma visão demasiadamente racionalista, com perda de todo o aspecto sensível. O que sentimos, vemos e percebemos é desvalorizado pela ciência, que ressalta o racional, o lógico. Esse autor demonstrou as limitações da ciência, sua incapacidade de alcançar o núcleo real das coisas, mas não ousou ignorar a importância do conhecimento científico. O que Merleau-Ponty nos mostrou é como desvalorizamos as nossas percepções, os nossos sentimentos, a nossa visão de mundo, as questões subjetivas.

Essas reflexões do fenomenólogo francês constituem também pressupostos para nossa busca de apreender, pelas lembranças, o sentido, as circunstâncias, os sentimentos de uma experiência singular na história da educação de um município paraense.

Seguindo o caminho de aproximação fenomenológica busquei compreender as narrativas a partir de três unidades de significados: as lembranças das circunstâncias e dos espaços, as críticas das lembranças e as lembranças do ofício.

Um fenomenólogo não reconheceria esses aspectos como suficientes para caracterizar uma análise como fenomenológica. Também penso assim. Por isso, considero que há apenas uma aproximação ao método.

O plano de assunto

Para apresentar o estudo realizado, divido o texto em quatro capítulos.

No primeiro narro e comento minha própria trajetória, pois considero que este trabalho beneficiou-se da travessia percorrida e representa o amadurecimento de questões que surgiram no próprio caminho. Apresento ainda a Itaituba da época do ouro, em aspectos geográficos, históricos, sociais, culturais, econômicos e educacionais. Exponho o processo de construção da pesquisa, falando do método, do procedimento escolhido e do referencial teórico-metodológico. Delineio alguns argumentos para afirmar que o estudo

² As aproximações ao método fenomenológico são aqui afirmadas baseando-nos nas ideias sobre a experiência em Heidegger (1991) e Merleau-Ponty (2006), Bachelard (1990) comentados por Adão Peixoto et al (2003), Dante Moreira Leite (2001) e Abreu Bernardes (2008).

das experiências vividas por professores deveria estar presente na formação de professores como algo constitutivo.

No segundo capítulo, apresento recortes das narrativas ouvidas sobre as lembranças das circunstâncias e dos espaços, da mesma forma que teço comentários sobre as mesmas.

No terceiro capítulo destaco e comento as críticas das lembranças das narradoras. Seus olhares perante as circunstâncias, e suas atitudes perante tais condições.

No quarto capítulo trago as lembranças do ofício, ressaltando a importância dos saberes experienciais adquiridos e desenvolvidos pelas narradoras. Também recorro à ótica profissional de alguns autores que nos falam sobre o papel docente e sua construção e reflexão frente ao cotidiano, bem como os saberes experienciais.

Em apêndice, mostro as narrativas na íntegra e na linguagem coloquial em que foram ouvidas e o Termo livre e esclarecido, pelo qual as professoras me autorizam a identificá-las através de suas narrativas e imagens. Quero partilhar com o leitor a experiência de aprendizado, de reflexões, de sentimentos e da escuta emocionada que vivi durante os relatos das professoras-esposas-de-garimpeiros.

CAPÍTULO I

NEM TUDO NO OURO RELUZ

Neste primeiro capítulo inicialmente faço reflexões sobre o eu pesquisador enquanto protagonista da pesquisa e da situação histórica, geográfica, econômica, social e educacional em que a pesquisa se insere, uma vez que procuro investigar as esposas de garimpeiros que se tornaram professoras. Focalizo aspectos que considero centrais para o entendimento desta pesquisa visto que o lócus contribui para a construção do eu pesquisador. Mas alerta: esta não é uma pesquisa histórica, mas é um estudo que busca alguns recortes da história itaitubense para contextualizar nossas questões.

Dessa forma, realizo uma reflexão sobre o contexto geográfico, político, econômico, social e educacional referenciado a partir da conjuntura amazônica, tomando como base a situação do município de Itaituba no Estado do Pará, a fim de localizá-la no tempo e no espaço em que esta pesquisa se desenvolve.

Delineando, ainda que rapidamente, o contexto histórico dessa região e principalmente do Rio Tapajós será percebido que a região tem passado por “surto” de desenvolvimento, primeiramente com o ciclo da borracha, que historicamente foi marco desenvolvimentista da região; com o declínio da extração do látex, a região estagna, sendo repovoada no ciclo do ouro, que explode nas últimas três décadas do século passado, deixando marcas significativas no município.

1.1 – Um “filho do ouro” - minha narrativa

Sou de família maranhense. Família de lavradores e fazendeiros, praticamente todos nascidos naquele Estado. Levávamos uma vida humilde, sem muitos recursos, numa cidade no interior do Maranhão, chamada Santa Luzia. Minha mãe casou-se aos 18 anos, e logo no primeiro ano de casamento, eu nasci sendo o primeiro dos três filhos que meus pais viriam a ter. Nascido em 1980, fui sucedido por minha irmã Ana Paula em 1981, e em 1982 minha irmã Alechandra. Quando completei dois anos, meus pais resolveram ir para o Pará, motivados por uma notícia que se espalhava de forma rápida por todos os Estados do Norte e Nordeste: A “fofoca do ouro”, uma espécie de explosão de garimpos abarrotados de ouro, de onde vinham as mais tentadoras e encantadoras histórias, levando milhares de

peessoas a se deslocarem para aquela região. A cidade escolhida foi Itaituba, um município que na época era considerado como o mais violento: o “faroeste” paraense, mas que também era o “Eldorado”, ou seja, um lugar cugar cujos tesouros existiriam em quantidades inimagináveis, uma terra onde se enriquecia facilmente.

Contra a vontade de meus avôs, tanto paternos, quanto maternos, embarcamos num ônibus em busca da melhoria de vida com o pouco que tínhamos. A roupa do corpo era suficiente para nos aquecer e duas bolsas médias também garantiam comportar todos os nossos bens materiais. A viagem foi difícil e no primeiro momento não chegamos ao destino final. A caçula com apenas três meses de idade adoeceu na viagem que já durava três dias, então paramos em Altamira (município do interior do Pará) a procura de assistência médica. Hospedamo-nos na casa de parentes. Hospedagem foi apenas o que nos foi oferecido, uma vez que ajuda financeira já seria pedir demais às vistas de uma família criada no interior do maranhão onde pouco se pede e menos ainda se recebe. Não tínhamos condições financeiras de pagar um hospital para internar a caçula. Com as poucas reservas meus pais compraram remédios na esperança do rápido estabelecimento de minha irmã.

Era preciso seguir viagem. O que se esperava não aconteceu. A saúde não voltou. Minha irmã foi a óbito. Meus avôs vieram do Maranhão para o sepultamento. Meu avô materno implorou para que minha mãe não nos levasse, dando a meus pais duas opções: voltar para o Maranhão ou prosseguir viagem sem os filhos. Com receio de que viéssemos a adoecer e falecer também nas precárias condições que a caçula, minha mãe recusou-se a acolher tais condições e seguimos a viagem pela Rodovia Transamazônica. Nosso destino: o “Eldorado” – Itaituba. Ali nasciam minhas primeiras indagações. Que lugar era esse capaz de compensar até a vida de minha irmã? Afinal, para onde íamos?

A viagem era longa. Se na época de verão (ausência de chuvas) durava cerca de dezesseis horas, dessa vez duraria três dias, visto que era inverno e chovia muito na região. A rodovia era puro “barro batido”. No verão o barro virava poeira; no inverno virava lama. Vários atoleiros atrapalhavam o percurso. As mulheres cuidavam dos filhos e os homens tinham que descer para empurrar o ônibus, ou contar com a sorte e esperar a vinda de um trator caso quisessem prosseguir viagem.

Chegamos a Miritituba às seis da manhã, atravessamos o Rio Tapajós numa balsa e logo estávamos em Itaituba, cidade conhecida como: “Cidade Pepita”. Sem familiares e parentes, inicia-se a procura por uma casa. Depois de um dia de procura, achamos um lugar para alugar, uma casa de madeira com três cômodos e um banheiro no

quintal, no bairro da Liberdade (bairro afastado do centro da cidade, e pouco habitado na época).

Meu pai procurou logo se informar sobre como chegar a um dos garimpos de onde vinha a “fofoca do ouro” e logo se despediu de nós em busca do minério. Mamãe ficou conosco na cidade e logo começou a praticar seus dons de manicure num salão onde conseguiu emprego. Ela passava o dia inteiro nesse salão, saía às 8 horas da manhã e nos deixava trancados até o meio-dia, quando retornava para fazer almoço. Novamente ficávamos trancados até sua volta às 18 ou 19 horas, dependendo do movimento do salão. Na cozinha ficava sempre pendurado um cacho de bananas a uma altura que pudéssemos alcançar e um pote de farinha de mandioca para nos alimentarmos quando sentíssemos fome. Com um mês longe de casa, meu pai mandou notícias e junto, algumas gramas de ouro. Com a venda do ouro minha mãe comprou uma televisão. Ainda que funcionasse através de bateria, tínhamos algo para nos entreter, nas longas horas de trabalho de minha mãe.

Lembro bem que passávamos o dia inteiro vendo televisão, e triste era a hora que a bateria acabava. A casa não tinha energia elétrica, na verdade a cidade ainda não tinha energia elétrica à disposição dos moradores, aonde a mesma chegava era racionada. Os ricos tinham motor de luz em suas casas, enquanto os pobres contentavam-se com energia durante o dia e lamparinas e lampiões durante a noite.

Minha mãe já tinha feito magistério e logo conseguiu emprego numa escola do Estado, onde dava aulas durante a noite. Ao chegar do salão nos fazia dormir e seguia para a escola. Em Itaituba tudo era muito movimentado, e com a chegada da época de eleição o movimento aumentava mais ainda. Então, ela foi trabalhar para um candidato a prefeito, e em troca pediu-lhe que caso fosse eleito, lhe desse uma casa para morar. O candidato venceu, vencemos também! Ganhamos uma palafita perto do centro da cidade.

Não precisando pagar aluguel, o dinheiro foi virando reservas para um futuro investimento. Minha mãe agora dava aulas e o serviço de manicure só se realizava em horas vagas. Minha irmã ficava na casa de uma vizinha e eu acompanhava minha mãe até a escola. Pela manhã ia estudar; a tarde vender “flau” (conhecido também como sacolé, xup-xup, suco dentro de saquinhos), para colaborar com o orçamento da casa. Meu pai mandava mensalmente dinheiro; não era muito, mas o suficiente para colaborar nas despesas de casa que somado ao dinheiro que minha mãe ganhava com seu trabalho, dava para sustentar a família e poupar um pouco. Logo já havíamos poupado o suficiente para que minha mãe fizesse um pequeno investimento: compra e venda de importados. Com

mais dinheiro, minha mãe comprou um terreno. E a luta continuou, agora com intuito de construir uma escola.

Em 1988, a nossa escola chamada de Centro Educacional Anchieta foi inaugurada. Em 1989, a cidade sofreu uma enchente, a palafita onde morávamos ficou alagada, então guardamos parte dos móveis no depósito da casa do então prefeito e fomos morar na secretaria da escola até construirmos nossa casa ao lado. Cresci ao lado de um educandário, com uma mãe professora e um pai garimpeiro. Eu também era “filho do ouro”. Da febre do ouro. Apesar de ser dona de uma pequena escola localizada na periferia, minha mãe não abandonava as aulas que ministrava em outra escola. Essa era a fonte de renda segura.

Sempre enxerguei meu pai como um garimpeiro e minha mãe como uma professora esposa de um garimpeiro. Ao mesmo tempo em que eu acompanhava a carreira de minha mãe, seu desempenho e sua busca de ascensão na educação, eu também era aluno dessas professoras, mulheres de garimpeiros, pois eu estudava em escola pública. Era expectador e personagem dessa realidade.

Fiz o magistério, quando questionava sobre a prática das professoras anteriores; ficava curioso em saber sobre a formação de cada uma delas. Quem eram aquelas professoras que colaboraram para minha formação inicial? Eram formadas para exercer o magistério? Como iniciaram seus ofícios de professoras?

No ensino superior as perguntas foram aumentando, e me perguntava: qual o motivo que as levaram a serem professoras? Em quais condições exerciam esse ofício? Qual o sentido de seu trabalho para elas próprias?

Após a faculdade, com título de professor, conversei com algumas de minhas ex-professoras e dessas conversas, motivado por minhas inúmeras indagações, nasceu a presente pesquisa. Quis alçar este vôo, ao mostrar algumas experiências de um peculiar processo educativo na região paraense. A trajetória acima narrada ajuda a compor a totalidade do pensamento construído ao longo dos estudos investigativos realizados no curso de mestrado.

Falo, a seguir, sobre Itaituba, campo desta pesquisa.

1.2 – Itaituba: criação, ciclo da borracha e ciclo do ouro

Geograficamente, o município de Itaituba está localizado na porção sudoeste do Pará, região conhecida como zona fisiográfica do rio Tapajós se limitando ao norte com

o município de Aveiro, ao sul com os municípios de Novo progresso e Jacareacanga, a leste com os municípios de Altamira, Ruropólis e Trairão e a oeste com o Estado do Amazonas. O município ocupa uma área total de 62,041, 95 Km², com aproximadamente 96% de suas terras banhadas pela bacia do rio Tapajós e os 4% pela bacia do rio Amaná.

Conforme Santos (2008, p. 12), a origem da cidade está ligada à conquista pelos portugueses, do rio Tapajós. Essa conquista foi motivada pela necessidade, dos portugueses defenderem o rio Amazonas dos invasores estrangeiros, que tentaram conquistar os rios da Amazônia. Para combater tais invasões, foram organizadas várias expedições pelo governo português, dentre as quais, uma comandada por Francisco Caldeira Castelo Branco, que funda na foz do Amazonas, em 1616, o forte de Santa Maria de Belém do Grão Pará, hoje conhecido como ‘Forte do Castelo’, em Belém, capital do Pará. Partindo dessa grande fortificação portuguesa, outras expedições foram organizadas para expulsar os invasores, que tinham se deslocado para o interior do Rio Amazonas.

Em 1626, Pedro Teixeira comandou uma expedição que chega pela primeira vez no Rio Tapajós, mantendo contato com os índios Mundurucus, onde mais tarde foi fundada a Vila de Santarém, hoje a segunda maior cidade do Estado do Pará. A escassez de documentos não permite saber quando iniciou o povoamento de Itaituba, sabe-se apenas que num documento de 1812, que retrata a viagem feita por Miguel João de Castro, que sobe as cachoeiras do Pará até o Mato Grosso, o nome de Itaituba se encontra citado. “O documento cita que naquela época Itaituba era o centro de exploração e comércio de especiarias do Rio Tapajós” (SANTOS, 2008, p. 7).

Oficialmente, Itaituba foi criada em 15 de dezembro de 1856, quando a lei nº 290 transferiu a sede da Vila de Brasília Legal, criada em 16 de outubro daquele ano. Pela Lei nº 648, de 22 de março de 1900, Itaituba passou a ser cidade, fato concretizado em 15 de dezembro de 1901.

Durante muito tempo, as margens do rio Tapajós eram ocupadas por diversas nações indígenas. Rodrigues (1875, p. 89) registra que na segunda metade do século XIX, notava-se a presença contínua dos Mundurucus e dos Maués, além de outras etnias que por este local passam ou permanecem por certo tempo, migrando para outro lugar³. Além destes índios, o autor ressalta que “algumas barracas seringueiras aparecem pela margem: de homens que atrás de um lucro falaz, sujeitam-se a passar todo o verão na mata, sem um

³ Drenando uma área de 460.200km², a bacia hidrográfica do Tapajós estende-se totalmente em território brasileiro, ocupando terrenos dos estados de Mato Grosso, Pará e Amazonas. O Tapajós, propriamente dito não apresenta tributários de grande importância, percorrendo uma extensão da ordem de 795 km, até desaguar na margem direita do Amazonas (Ministério dos Transportes, 2009).

só companheiro, vivendo vida de condenado e de animal” (RODRIGUES, 1875, p. 96).

Ao final do século XIX e início do século XX, a Amazônia contemplava a época áurea do ciclo da borracha, tendo como limitação escassez de mão-de-obra. A solução para resolver tal questão vinha do nordeste. Desenvolveu-se um programa que incentivava os nordestinos, castigados pela seca do sertão, a migrarem para as áreas dos seringais amazônicos. Itaituba, assim como as muitas cidades da Amazônia recebeu grande número desses migrantes, que na época ficaram conhecidos, como “soldados da borracha”. “Muitos foram os nordestinos levados para os trabalhos da borracha. Ao lado do caboclo e do índio amazônicos, o nordestino representou um contingente muito importante da mão-de-obra dedicada à borracha. Muitos eram principalmente cearenses” (IANNI, 1979, p. 46)

A maior parte desses imigrantes foi composta por homens solteiros que depois de fixarem-se na terra passaram a se unir as nativas, não sendo incomum o roubo de índias das tribos para casar-se com os novos moradores; essas uniões marcaram profundamente os traços físicos dos amazonenses.

Após a primeira década do século XX, a economia da borracha entrava em declínio, de acordo com Ianni (1979, p. 63), “os ‘barões da borracha’ perderam o poder absoluto e as fortunas que possuíam”, e ao ex-migrante, agora homem amazonense, só restava buscar nova forma de subsistência ou abandonar o pouco que possuía. As cidades retroagiram e os senhores da terra sumiram, ficando poucos seringueiros. A região perdia aos poucos a prosperidade que em poucos anos tinha conquistado.



Figura 01 : Itaituba, Pará, banhada pelo Rio Tapajós.
(fotografia disponibilizada pelo Museu da cidade).

Nota-se que, uma região que começava apresentar certo desenvolvimento, de uma hora para outra, passa a ser uma cidade quase fantasma, mudando a perspectiva dos

que para lá foram, em busca de melhores condições de vida. Itaituba voltou ser mais uma pequena cidade, como muitas no interior da Amazônia, isolada pela sua posição geográfica e pelas contingências da própria natureza. Fato que só será, de certa forma, modificado, com o advento do ciclo do ouro que ocorre na segunda metade do século passado.

Sobre o ciclo do ouro, focalizo o olhar sobre uma cidade: Itaituba. A palavra Ita-I-Tuba é a junção de três palavras do tupi guarani, respectivamente: pedra, pequena, abundância. Em frente à cidade, a margem esquerda do Rio Tapajós, ainda se encontra muitas pedras pequenas, branquinhas, que popularmente os nativos chamam de seixo.

Passado o ciclo áureo da borracha, Itaituba mergulhava no marasmo da cidade pequena e pacata, tendo por base a economia de subsistência. Por volta dos anos de 1970, já havia na região o uso da extração do ouro por meio da garimpagem. Mas, no entanto, os ares da extração do ouro ainda não tinham se espalhado pelo país afora e Itaituba ainda era considerada uma cidade quase que isolada do resto do Brasil, tanto por falta de vias de comunicação, quanto por vias de acesso.

Ao se falar sobre o crescimento de Itaituba, encontravam-se dois pontos controversos para tal acontecimento. Um estaria ligado com uma segunda imigração nordestina a partir da década de 1970, e outra ligada diretamente à chamada “febre do ouro”. Analiso cada uma a seguir de forma distinta.

A partir da década de 1970, os governos militares, por meio da implantação dos grandes Projetos de Integração Nacional, abriam a rodovia Transamazônica denominado-a Rodovia da Integração Nacional, no governo do Presidente Médici, objetivando “integrar para não entregar”, constituindo-se em slogan para tão grande acontecimento. Com essa iniciativa e a propaganda de doação de terras por parte do governo, muitas famílias migraram das mais diversas regiões do país para o Estado do Pará. A cidade de Itaituba foi uma das beneficiadas por este processo. Para colonos, camaradas e sitiantes, a migração apresentou-se como uma forma de solução das tensões decorrentes da situação em que viviam e da impossibilidade de encontrar melhores condições de vida no lugar de origem. Mas, como o governo não ofertava, além da terra, condições que possibilitassem melhorias significativas na vida dos colonos, muitos passam a abandonar ou vender suas terras para grandes latifundiários que também começavam a se estabelecer na região. Assim, saíam do campo para a cidade, provocando certo “êxodo rural”, em busca de saúde, trabalho e principalmente educação (escola) para seus filhos (MOREIRA, 2003, p. 5-22)

A mudança de habitação, de cultura, de sociedade, na análise de Loureiro

(1992), trouxe grandes conseqüências tanto para o migrante como para o nativo amazônico, uma vez que se instalou um conflito de costumes e de contato pelo fato do migrante, em muitos casos, não conseguir conciliar sua vida com a vida da floresta. Isso por que:

[...] essa problemática, tanto do migrante, como dos nativos, dar-se-á a partir da instalação de grandes empreendimentos que serão implantados aqui na região Norte a partir da década de 60 – com capitais estrangeiros e do Centro Sul do Brasil, com objetivo de explorar atividades minerais, serralherias, etc (LOUREIRO, 1992, p. 16).

Ao observar todo esse processo de integração, pode se dizer que dessa corrida migratória que houve para a Amazônia e para Itaituba as populações nativas começaram a perder traços culturais e a absolver outros costumes. Passaram, portanto, a conviver com a prostituição, com o roubo e com seus mais diversos crimes (Moreira, 2003, p. 20).

O outro fator a ser aqui analisado e que se mostra marcante no desenvolvimento da cidade, foi, sem dúvida, a “corrida do ouro” na região de Itaituba, de onde, segundo dados estatísticos, chegaram a ser extraídas na região 40 a 50 toneladas anuais.

[...] começa haver uma grande procura, na região, por pessoas oriundas das diversas partes do país, o que se conceitua como momento da “febre do ouro”, pois, todos os dias, durante o dia todo, chegavam à cidade, objetivando com certeza, se darem bem na vida, ou seja, enriquecer facilmente (MOREIRA, 2003, p. 17).

À procura de novas perspectivas de vida, sulistas, nordestinos e demais pessoas vindos dos mais diversos recantos do país abandonaram suas terras de origem e saíram à procura de novas fronteiras onde pudessem encontrar o que lhes faltava. Durante o período da “febre do ouro”, Itaituba passou a ser a “terra prometida”, e era essa a razão pela qual as pessoas de várias regiões do país passaram a migrar constantemente para o local.

Nesse momento, a cidade dava um salto populacional, tornando-se centro de atração de pesquisadores nacionais e estrangeiros, mas, sobretudo de garimpeiros que buscavam encontrar o “Eldorado”, sendo que a maioria dos que foram encontraram doença, morte e pobreza.

Ribeiro (1990, p. 12) destaca que “em torno dos grandes projetos voltados para o desenvolvimento da Amazônia, cria-se por trás os grandes bolsões de pobreza”; uma vez que o incentivo à mineração na Amazônia apoiada, também, pelos governos militares,

tentava resolver os conflitos existentes no nordeste devido às secas, e do sul e sudeste onde se encontrava um grande número de desempregados no meio rural e urbano.

Imperceptivelmente o que estava acontecendo era um deslocamento do problema da pobreza, tornando-se mais agudo no contexto da região Amazônica. Uma vez que vem acompanhado da ingerência quase total do Estado e da violência, a cidade cresce desordenadamente. Não há planejamento e tudo começa a tender ao caos.

1.3 - O novo “Eldorado⁶” – garimpos e garimpeiros

O fenômeno da “febre do ouro” não era privilégio de Itaituba. No início do século XVIII, a descoberta de ouro e diamante em Minas Gerais deslocava o pólo econômico da Colônia, baseado na produção açucareira da região Nordeste, para os locais de exploração de minério. Bitencourt e Amodeo (2008, p. 3) relatam que a partir do momento em que a metrópole tomou conhecimento da existência de ouro, essa imediatamente procurou introduzir um regulamento nas minas, objetivando, sobretudo, garantir a parte que devia caber à coroa.

Com a fiscalização exercida pela Coroa, muitos homens livres e sem posses se viram forçados a buscar lugares escondidos do território para praticarem suas lavras, nas chamadas “grimpas” das serras. Esses “trabalhadores” deram origem ao termo garimpeiro.

Sales (1955) assinala que,

[...] o trabalho rudimentar de pesquisa e extração do diamante, no leito ou nas margens dos rios e córregos nos depósitos secundários das chapadas e nas vertentes ou no alto das serras, dá-se o nome de garimpagem. E garimpeiro é aquele que pratica a garimpagem. (p.17).

Desde o início, o garimpo foi considerado uma atividade rudimentar de um garimpeiro autônomo, com muita mão-de-obra, reduzida divisão de trabalho e pouca tecnologia. De acordo com Oliveira (1997, p. 68), no garimpo o aprendizado se dá por meio empírico, por meio da observação e da experimentação feito em grupo, no qual os colegas dividem suas experiências na convivência do trabalho cotidiano.

Apesar dessas informações, percebe-se que a divisão do trabalho se dava de forma distinta uma vez que se tinha:

[...] os donos do garimpo – os patrões, os peões – garimpeiros que trabalhavam na extração mineral do ouro e os exploradores de ouro. Estes normalmente em numero de puçás pessoas, para evitar divergências entre

o grupo explorador. Ainda havia os cantineiros, e a cantina pode ser interpretada como o centro de poder do garimpo, um entreposto comercial, de comunicação e assistência sexual. (MOREIRA, 2003, p. 46-47).



Figura 02 – Garimpo de Itaituba, PA (fotografia cedida pelo museu da cidade)

Ainda segundo Moreira, a maioria dos donos, trabalhadores e comerciantes eram provenientes do estado do Maranhão. Muitos eram agricultores e trabalhadores do comércio, possuindo poucos anos de escolaridade e baixa formação profissional. Os peões eram mais jovens e em grande número solteiros, enquanto que os donos de garimpo eram sempre casados, e quanto aos comerciantes, a minoria era solteira.

Muitos homens que se aventuravam nos garimpos traziam para Itaituba esposa e filhos, na crença de que estes poderiam ser beneficiados, rapidamente com o progresso econômico do novo empreendimento. O ouro era visto como possibilidade de mudança de vida. O garimpo como a “porta da esperança” de quem pouco tinha, ou não tinha nada. Desses dados nos debruçaremos sobre o grupo de garimpeiros casados que nos possibilitam um olhar sobre o objeto/ sujeito desta pesquisa: as esposas de garimpeiros que se tornaram professoras.

Na segunda metade da década de 1970 até o fim da década de 1980, Itaituba contemplou a explosão demográfica, como já relatada anteriormente. Relatos do período da febre aurífera trouxeram dados surpreendentes:

Em 1970 a cidade não abrigava mais de 2 mil habitantes, do total de 8500 em todo o vasto município de 165 mil quilômetros quadrados. Hoje, segundo uma projeção da SUCAM (Superintendência de campanhas de saúde pública), são 117 mil pessoas habitando uma cidade que guarda quase nada do que fora a pacata cidade ribeirinha nascida nos começos do século passado e que, por volta de 1850, já era um importante núcleo de apoio ao comércio de trocas de seringa, guaraná, peles e muitos outros produtos de extração. Presentemente, estima-se em 150 mil pessoas vivendo na extensa área dos garimpos, cuja atividade começou em 1958, numa época em que a penetração era feita pelas cachoeiras e pela mata virgem (DUTRA, 1998, p. 32).

Na época chegava-se a Itaituba de todo jeito. Por terra, pela precária rodovia Transamazônica e pela água. Os barcos eram lotados uma vez que era um transporte de valor mais acessível e fácil uma vez que os rios são na Amazônia as vias públicas de tráfego do povo. Utilizavam-se, igualmente, os aviões de pequeno porte. Dutra (1998, p.35) afirma que devido o movimento aéreo, o aeroporto da cidade tornou-se o mais movimentado do país, nesse tipo de aviação, tendo mais de duzentas aeronaves por dia pousando e decolando na cidade. O destino desses vôos era tanto as cidades da região como Santarém e Manaus, como a própria área dos garimpos uma vez que em muitos deles só era possível se chegar por via aérea.

Ao mesmo tempo em que a atividade garimpeira suscitava riquezas, trazia também as doenças que se alastravam por todos os garimpos, atingindo homens e mulheres que ali trabalhavam (a malária e as doenças sexualmente transmissíveis), a violência (roubo, matadores de aluguel), a mudança da cultura local (pela valorização da cultura dos migrantes em detrimento da cultura dos nativos) e a prostituição de mulheres (sendo grande o número de meninas menores). Além disso, havia fortes impactos ambientais presentes até hoje, em consequência ao o desmatamento desenfreado para a abertura de novos garimpos e o alto grau de contaminação da água e do solo provocado pelo mercúrio utilizado rigorosamente na extração do ouro.

1.4 – O CONTEXTO EDUCACIONAL

As pequenas cidades do norte do país foram marcadas por uma característica peculiar que dificulta o desenvolvimento de algumas pesquisas: a ausência de registros oficiais de acontecimentos importantes para um posterior estudo seja no campo histórico, antropológico, social, enfim na área das ciências sociais. Neste sentido, também foram enfrentadas dificuldades de encontrar informações sobre a situação educacional de Itaituba

na época do ouro.

Os dados que disponho não são oriundos de documentos oficiais, mas resultantes de conversas com professoras e ex-diretoras das escolas que atuaram na década de 1980. Segundo as mesmas, no início de 1980, em Itaituba, existiam apenas cinco escolas públicas estaduais, a saber: Escola Estadual Fernando Guilhon, Alice Carneiro, Magalhães Barata, São Francisco das Chagas e Antonio Gonzaga Barros, sendo essa última fundada após 1982, quando Itaituba, deixa de ser área de segurança nacional, durante a redemocratização do País, pós-governo militar.

Segundo os relatos, as escolas eram precárias. Construídas de madeira, possuíam de três a quatro salas atendendo cerca de 500 alunos em quatro turnos: manhã, intermediário, tarde e noite. Totalizavam cerca de 3.000 vagas para uma população de quase 30.000 habitantes, e que se multiplicava a cada dia com a chegada maciça dos migrantes que, trazendo suas famílias, chegavam à busca do ouro, nos garimpos da região.

A expansão das escolas públicas ocorreu após a eleição do primeiro prefeito eleito pelo voto direto em 1982. Agora gozando de autonomia municipal, ficou ainda mais fácil uma administração local que permitiu a construção de várias escolas, pois a educação pública estava sob a responsabilidade do município, que outrora cabia ao Estado.

Com o aumento do número de escolas, o atendimento quantitativo na década do ouro foi efetivado, foram construídas escolas em pontos estratégicos da cidade, no centro de cada bairro, para que a maioria das crianças tivesse acesso à educação. Em relação à qualidade é possível repetir a afirmação feita em relação ao caráter quantitativo. A educação ainda tinha uma trajetória grande a ser percorrida rumo à qualidade. Com escolas recém-construídas diante de uma precariedade quanto á profissionais da educação com formação que pudessem assumir os ambientes das novas escolas, decidiu-se pela alternativa de contratar mulheres que estivessem dispostas a estar naquelas salas de aula exercendo a docência mesmo em caráter leigo. E são justamente essas mulheres o foco central dessa pesquisa: Mulheres esposas de garimpeiros que se tornaram professoras em Itaituba, PA.

Nos próximos capítulos, apresentarei as narrativas das mulheres de Itaituba, organizadas em unidades de significado e o modo como as analisamos. A escolha dessas unidades justifica-se no trabalho de leitura das transcrições e do ouvido atento às falas, em que procurei identificar os aspectos que ganharam maior relevo ao serem contados. Foram, portanto, criadas *a posteriori*, ao serem finalizadas as escutas.

CAPÍTULO II

LEMBRANÇAS DAS CIRCUNSTÂNCIAS E DOS ESPAÇOS OU ESPAÇOS DA MEMÓRIA

Neste capítulo, apresento os recortes e a análise de narrativas sobre as lembranças das circunstâncias e dos espaços. Essa unidade de significado é relevante porque entendo que essa dimensão é lembrada em muitos acontecimentos recordados pelas professoras que ouvi.

Penso que, assim como vários outros conceitos, as referências de espaço se modificam. Os espaços sociais estão relacionados à historicidade humana. Partindo desse ponto de vista, conceituar espaço implicaria a compreensão de duas dimensões: a geográfica (no sentido da Geografia Física, Espacial, Urbana) e a social (no sentido da Geografia Humana, Demográfica, Política). O espaço geográfico é entendido como lugar físico onde se demandam os acontecimentos históricos. O social por sua vez como aquele ocupado e modificado pelo homem, gênese do espaço econômico e dessa forma integrante e constituinte do espaço histórico.

A compreensão de espaço envolve também a concepção de tempo, de forma que se insere nele. Há uma compreensão de movimento pelo fato de o homem e a sociedade deslocarem-se no espaço geográfico de acordo com suas necessidades. Há um contínuo processo de transformação do homem e da sociedade no espaço que ocupam e se relacionam. Entende-se como transformação porque o sujeito da mesma forma que se encontra participante do meio, modifica-o, estabelecendo dessa forma relações de interação e atuação com os espaços.

2.1 – O movimento no espaço em busca de melhores condições de vida

O êxodo em busca de melhores condições de vida sempre fez parte da história humana. Desde os tempos mais remotos, os homens nômades percorriam longas distâncias em busca de comida e abrigo. Ao tornar-se sedentário, surgem as cidades e essas começam

a aglomerar pessoas que além da segurança em relação às intempéries do mundo, procuram formas de tornarem-se mais produtivas e melhorar as suas vidas, ainda que quase nunca isso tenha acontecido. Maria conta como foi o processo de decisão de sua imigração:

Quando surgiu a história do ouro aqui todo mundo queria vir, até que quando a gente veio pra cá já não tava tanto o auge do ouro, que já foi em 88, já tava mais baixo, aí eu já tinha seis anos de casada, tinha 2 filhos e tava trabalhando como professora e meu marido na roça, mas a gente não tinha terra... Trabalhando na roça dos outros e ele quis vir pro garimpo pra ver se tentava uma vida melhor e eu saí da região que eu estava e vim pra outro município [...] Morávamos em uma vila, não era uma cidade não, mas era um lugarzinho bem elevado [...] Lá no Maranhão. Hoje lá é cidade, mas antes era município de Candido Mendes.

E Maria diz mais sobre sua vinda para Itaituba, sua locomoções no espaço em busca de melhoria de vida e de um trabalho para ajudar no sustento de sua família:

E ele (o marido) veio pra cá pro garimpo e ele mandou o dinheiro pra eu vir pra cá, eu deixei meu filho mais novo lá e trouxe o mais velho, deixei com minha mãe e vim, minha mãe disse: Não... num leva não, vai que num dá certo lá, é mais fácil pra voltar... Aí eu vim pra cá, cheguei, ele alugou uma casa e ficamos nessa casa aqui em Itaituba. [...] fiquei mesmo em casa cuidando só do filho e ele passou uns dias voltou pro garimpo de novo.

É perceptível na fala da narradora, que outra grande dificuldade para a imigração eram os filhos, e o medo de não se alcançar êxito na nova vida. As mães das esposas de garimpeiros interferiam na decisão das filhas, na tentativa de proteger os netos, evitando assim que passassem por situações de necessidades maiores, frente às quais, a distância as impossibilitaria de prestar auxílios suficientes.

Lá no recôndito da memória das narradoras está o primeiro passo rumo a sua futura atuação como professora: buscar melhorias de vida a quem a vida não fora tão generosa. O caminhar é penoso e longo, são quilômetros de estrada, dias de viagem. Mas a esperança ainda é maior. Edilzia, como quase todas as outras narradoras vieram do Maranhão, conta que levou cerca de seis dias para chegar:

Quando eu vim pra cá, aqui não tinha nada, nessa casa só tinha porta, não tinha piso, não tinha água, nem tinha nada dentro de casa, eu trouxe uma televisão, um guarda-roupa e 4 cadeiras, não trouxe fogão não trouxe nada.

A trajetória não era fácil, e nem sempre Itaituba era o primeiro lugar onde conseguiam estabelecer-se mesmo diante da precariedade, interiores era comuns como

escolhas, e Rosirene confirma isso também, ao narrar suas dificuldades:

O interior onde a gente morava ficava daqui há 25 km né... Uma comunidade de nome Nossa Senhora de Nazaré e lá eu iniciei minha carreira de professora... Com o marido lavrador... Aí com o tempo, que eu já tava trabalhando [...] aí quando foi em 79, o marido decidiu abandonar a colônia e ir pra cidade, trabalhar de garimpo...

Muitas foram as pessoas que não conseguiram um lugar para ficar em Itaituba na época do ouro. Os motivos eram aluguel caro, falta de trabalho fixo, famílias iniciando-se na busca pelo minério sem ter como sustentarem-se na cidade. Nessas circunstâncias, recorriam aos interiores, às colônias, sítios e fazendas, onde se propunham a desenvolver quaisquer tipo de trabalho em troca de um lugar para ficar.

Aderindo à docência, mesmo em momentos difíceis, Rosirene narra que ingressou na carreira docente, e desenvolveu um bom trabalho. Por meio de sua narrativa percebemos que não raras vezes os maridos trocavam de profissão, aderindo aquela à qual a esperança de enriquecer estava mais próxima em seus anseios, no caso, a garimpagem.

Maria Prado ilustra por meio de sua fala, as condições de percurso e chegada em Itaituba:

Vim pra Itaituba em 1980... Em 79 eu me casei... No Maranhão... Tá, aí quando eu casei meu esposo veio pra cá, que ele era garimpeiro na época [...] aí ele veio e passou um ano pra cá e retornou doente pra lá, com hepatite e malária e aí o irmão dele ficou aqui, ele morava aqui em Itaituba, ele tinha um sítio no km3 , ele veio e foi me buscar e eu vim, tinha que acompanhar, ou doente ou não... Chegando aqui em Itaituba, a chegada foi... Horrível! O barco que a gente veio, ao chegar aqui em Itaituba, vinha umas meninas e teve até bala, tiro dentro do barco [...] Aí nós passamos a noite no barco e no outro dia nós fomos pra casa do irmão dele que ficava próximo daqui de Itaituba numa colônia, passamos uns 8 meses lá, lá ele me deixou e retornou e foi pro garimpo mesmo doente.

Os maranhenses são considerados os maiores imigrantes nacionais no Estado do Pará. Por localização próxima entre os dois Estados, os maranhenses imigraram na tentativa de melhores condições materiais. Como vemos, Maria Prado também é uma imigrante maranhense com os mesmos sonhos de nossas outras narradoras. Matrimônio efetuado em período paralelo ao da “fofoca do ouro”, logo Maria Prado “fica para trás” enquanto o marido vai à busca de êxito no Estado próximo.

As doenças adquiridas tiraram a vida de muitos garimpeiros que para lá se aventuraram, a hepatite e a malária eram as mais frequentes. Alguns nem conseguiam voltar para suas casas, iam a óbito no próprio garimpo ou no percurso de regresso.

Alguns homens iniciaram essa “aventura” sozinhos, iam em busca de um êxito primário e só depois traziam suas mulheres. Mas estar longe dos maridos era uma situação difícil para as esposas de garimpeiros, então, logo encontravam uma maneira de acompanhar os passos dos companheiros, seguindo-os rumo à região garimpeira, Itaituba. No percurso, havia as mais variadas situações de transporte: barco, ônibus ou avião, a dificuldade era grande. Algumas ficaram abrigadas nos barcos por até dois dias, frente à dificuldade de encontrar um lugar para se alojar na nova cidade.

2.2 – Os lugares do aprender

Dos elementos espaciais citados neste trabalho, o que mais nos remete ao sujeito/objeto desta pesquisa é a escola. Escola, em seu sentido literal, é compreendida por mim como qualquer estabelecimento ou instituição de educação ou uma corrente de pensamento com características padronizadas que formam certas áreas do conhecimento com a missão de educar. Na extensão desse entendimento vemos que a formação é feita por diferentes pessoas componentes deste âmbito. Entre eles, o diretor; a professora e o aluno. As professoras não são apenas funcionárias ou técnicas, ou “aplicadoras” de conteúdos apostilados. São pessoas críticas e criativas. São agentes educacionais que ocupam um lugar único na vida social, profissionais aos quais se direcionam muitas expectativas sobre sua atuação.

A escola é vista como um espaço aberto, um espaço de construção, onde a interação dos sujeitos em conformidade com elementos materiais dá caráter de acontecimento à educação. Simbolicamente a escola acaba sendo sinônimo de colheita, pois ir à escola nos permite colher conhecimentos, partilhar experiências, procedimentos de interação que visam o engrandecimento dos indivíduos.

A escola passa então a ser um espaço de colaboração para a autonomia do sujeito, sendo a professora uma das principais personagens desse “teatro da vida”.

Na década do ouro, época de pouco esclarecimento e menos ainda de conforto nessa região que ainda hoje não goza de uma estrutura educacional totalmente adequada, esses espaços de construção de saberes eram muito carentes como nos conta Maria Prado: [...] *.muita carência, por exemplo, lá no São Francisco das Chagas era uma escolinha com três salas, não era murada nem sacada, tinha um curral em frente.*

Também encontramos esse olhar em Maria, quando a mesma tece um comentário que instiga o lado imaginário onde vemo-nos tentando criar imagens deste cenário um tanto poético de atuação dessa narradora enquanto professora: *...escolinha de palha aberta, coberta de palha e tampada só a metade de barro, só um salão assim.*

Embora em alguns locais já existissem prédios construídos pela prefeitura, algumas escolas ainda surgiam de forma alternativa, pilares de madeira e teto de palha, somente para abrigar as crianças do sol. Na figura 03 vemos a primeira estrutura da escola citada por Maria, que futuramente cresceu e ganhou paredes de barro.



Figura 03 – Escola onde Maria trabalhava antes de serem construídas as paredes (fotografia cedida por Maria)

Itaituba é um município que fica distante da capital, o que resultava numa dificuldade na captação de recursos, ou até mesmo de uma visão emancipatória no sentido de despertar para o investimento em estrutura física, a fim de atender não somente quantitativamente, mas qualitativamente os filhos dos imigrantes. Em geral funcionavam com condições físicas muito carentes, como citado também por Perpétua:

A escola era de madeira, a sala era dividida com compensado. Só um compensado dividia os pavilhões e funcionava tudo junto... Policial e aluno. Era uma estrutura totalmente inadequada para uma sala de aula... Nada parecido com uma escola.

Alguns ambientes cedidos, eram utilizados para o funcionamento das aulas, eram chamados de escolas por força do hábito, mas a estrutura estava longe daquela que se sonhava, era uma divergência enorme entre o que era preciso e o que era oferecido. Mas diante da carência não cabia aqueles sujeitos muita escolha. Aceitar a disponibilidade era sábio.



Figura 04 – Estrutura do banheiro e refeitório cedida pelo quartel para atendimento aos alunos (fotografia cedida por Perpétua)

Perpétua prosseguiu contando que a primeira escola em que trabalhou chamava-se Coronel Fontoura (nome dado em homenagem a um militar da época), e funcionava dentro do prédio da Polícia Militar, o que incomodava muito os policiais. E assim no meio de sua narração ela nos conta características desse funcionamento:

Superlotada! Muitos alunos tinham até 40 alunos numa sala. Muito aluno! Muito mesmo! Era porque ali naquela época não tinha escola, a mais próxima era essa.

A escola existia de maneira irregular, mas mesmo dentro da irregularidade era uma maneira de ajudar a atender os alunos, segundo a narradora. Não havia fiscalização, e frente a um período de crescimento, qualquer ajuda era bem vinda, mesmo que não fosse estruturalmente correta. O importante era atender os alunos, e só posteriormente

regularizar o funcionamento da escola.

Com dados da experiência cotidiana, Rosirene também nos conta sobre as precárias condições falando além da carência e do “isolamento” no trabalho:

A escola no começo era de madeira, toda de madeira coberta de telha Brasilit, era as carteiras e os alunos e eu.



Figura 05 – Sala de aula citada por Rosirene (fotografia cedida por Rosirene).

Cidades localizadas na Amazônia têm maior tendência em construir escolas de madeira, por fatores que variam da facilidade à praticidade de obtenção da matéria prima para a construção das estruturas, que, conforme visto anteriormente, apresentam uma insuficiência visível em relação à mínima qualidade para atendimento às crianças. Rosirene, veterana na educação itaitubense, continua nos contando:

[...]as dificuldades, muitos feriados a carência também do espaço, dificultava pra gente fazer um bom trabalho, mas mesmo na crise...a gente trabalhou!

Perpétua comenta- nos um pouco mais sobre seu ambiente de trabalho:

[...] precária, somente 3 salas de alvenaria e o restante de madeira. Eram na época 6 salas.

A precariedade dos ambientes sempre esteve presente na realidade educacional do lugar, e as falas das narradoras mostram-nos isso. Necessidade financeira e comprometimento com o social misturam-se em suas práticas, resultando numa vontade de trabalhar, melhorar e manter-se na prática docente, mesmo em meio às várias dificuldades. Qualidade muito encontrada até hoje nas professoras daquela região.



Figura 06 - A sala onde Perpétua trabalhava (fotografia cedida por Perpétua).

2.3 – De casa para a escola

Nova cidade, novas pessoas, nova cultura. Tudo era diferente para nossas narradoras e todos os imigrantes que para ali se deslocaram. Algumas famílias ficaram na cidade, outras para os interiores, fazendas ou localidades próximas, e conseguir uma escola próxima às suas casas, era também uma dificuldade. Não havia muitas alternativas na época, talvez por sorte conseguissem uma casa próxima a uma escola, talvez não. Diante do insucesso, a distância era considerada mais uma barreira a ser superada.

O percurso até a escola era mais uma dificuldade a ser vencida pelos alunos

com a ajuda dos pais, conforme nos relata Rosirene:

[...] a distância também, a casa longe da escola, tinha aluno que vinha 6 km pra escola, de inverno, verão, aquela luta, mas ele estava ali presente e eu fiz um trabalho assim voltado pra comunidade, pois todo o período que eu passei com eles, eu tinha que ir visitar a casa deles, eu jogava as coisas no fim de semana, ia 6 km, 10 km, mas tinha que estar na escola sete em ponto, então isso me marcou muito a responsabilidade dos pais, era responsabilidade mesmo...

A proximidade existente da casa com a escola talvez fosse um ponto positivo frente às várias dificuldades enfrentadas por pais, alunos e professores. A melhor escola para as crianças seria a que ficasse mais perto de sua casa, onde elas pudessem chegar com facilidade e que seus colegas de escola fossem seus vizinhos e amigos de bairro, mas conseguir vaga em escola próxima às casas (quando existiam escolas próximas) era muito difícil, frente ao inchaço populacional, pois os pretendentes eram muitos e as vagas eram poucas. A distância percorrida pelos alunos (e pelos pais, pois muitos iam deixar os filhos) e pelas professoras era de tamanha proporção que em suas narrativas nos surpreende a força de vontade desses sujeitos, para estudar e ensinar. A dificuldade de percurso é perceptível na fala de Perpétua:

[...] eu morava de aluguel na 10ª rua e ia pra escola na 28ª, e naquela época ainda tinha o intermediário e ia seguido... aí eu já ficava na casa da minha mãe que era lá perto do turno da manhã pro intermediário.

O aumento populacional fazia com que a cidade crescesse muito, e diante da falta de estrutura não havia condições de ir nomeando as ruas, visto que a todo o momento abriam-se novos espaços, e então, para facilitar a comunicação, começaram a numerar as ruas e chamá-las assim: 1ª rua, 2ª rua, 3ª rua, com uma contagem a partir do primeiro espaço (rua) da frente da cidade. Eis, portanto, como percebermos na fala de Perpétua o percurso que fazia de casa para a escola, eram dezoito ruas percorridas a pé.

Os novos moradores foram instalando-se longe do centro da cidade, ou longe de tudo que já fosse “bem” estabilizado. Os comércios abastecedores de alimentos já haviam se instalado em novas ruas que foram “abertas” em locais distantes, dificultando-lhes o acesso. O aumento populacional e espacial é verificado na fala de Rosirene:

[...] a cada momento chegava mais família, você vê que quando eu cheguei eu fiz minha casa em 80 na 22ª rua e em 81... em 82 eu já

visitava uma colega minha que já morava na 29^a. [...]o povo vinha mesmo era... acho que todo dia chegava gente... e com isso aumentou o numero de alunos mas a escola continuou do mesmo tamanho, com as mesmas salas de aula.

Percebe-se o aumento dos espaços nas ruas que possuem até hoje mais de vinte extensos quarteirões laterais, e o aumento de sete ruas em um ano nos possibilita ainda imaginar como uma pequena e pacata cidade localizada no meio da Amazônia cresceu de forma rápida, desestruturada e desordenada.

Maria Prado também trabalhava distante, mas em certo momento de sua narrativa nos conta como conseguiu diminuir a distância entre sua casa e a escola:

Trabalhei uns 3, 4 anos e aí surgiu o 25 de março, uma escola na 34^a rua... É na 34^a rua... E como a escola que eu trabalhava era muito longe, que era o Alice Carneiro, e lá era do Estado também, aí eu pedi que me transferissem pra cá, eu já morava na 33^a rua e a escola era na 34^a na época aí eu consegui.

Era comum o pedido de transferência de locais de trabalho, porém, poucas professoras eram atendidas. O surgimento de novas escolas era uma esperança para a diminuição da distância escola-casa, tanto para professoras como para os alunos. A situação de Maria é uma exceção entre nossas narradoras:

A minha casa sempre foi perto das escolas que eu trabalhei o que facilitava muito minha vida.

Para a maioria das professoras da época a distância entre o trabalho e suas casas era grande, mas nada as impedia de exercerem suas funções, já que não viam isso como fator gerador da desistência de trabalhar.

2.4 – Ampliar para conseguir atender

A variedade de princípios e processos autônomos inovadores ocorrem no sentido de valorizar a afirmação dos poderes periféricos, o poder do trabalho comunitário local dos atores e a contextualização da atuação política.

Com a grande demanda de alunos (filhos dos imigrantes), logo se percebeu a necessidade de ampliação, das escolas. Perpétua relata-nos a postura dos policiais que ora dividiam o espaço de seu trabalho com alunos:

[...]os policiais começaram a reivindicar que não se sentiam bem com a presença dos alunos, aí cederam um terreno ao lado pra prefeitura, pra passar a ser lá a escola, bem do lado do quartel.

Era muito comum na época o ato de pessoas, entidades ou empresários cederem terrenos para a ampliação de espaços que pudessem vir a atender a demanda populacional que imigrava dia-a-dia.

Aviões ônibus e barcos lotados chegavam a todo o momento, e o resultado eram as muitas famílias imigrantes chegando a Itaituba. Diante disso, as escolas procuravam meios alternativos para o funcionamento improvisado a fim de atender a nova demanda, à medida que esperavam a prefeitura providenciar espaços para construção e conseqüente funcionamento, das escolas. Nem sempre era possível efetuar tais ações e isso gerava complicadas situações como nos relata Rosirene:

[...] eu lembro que você não tinha vagas pros alunos, a escola pequena e não tinha vaga, então quando você começava a matricular e terminava as vagas e você dizia que tinha terminado era uma briga.

Sem uma relação estreita entre número de crianças e vagas nas escolas, era de se esperar que situações de falta de entendimento por parte da comunidade viessem a acontecer, somando-se a necessidade de que seus filhos estudassem à indisponibilidade de vagas. Alguns não chegavam à compreensão dos vários fatores que geravam aquela circunstância.

Em meio a esse cenário de carência e desespero frente à tentativa de atendimento, muitas eram as ocorrências:

[...] terminou uma vez me lembro que me derrubaram com mesa e tudo quando eu falei que não tinha mais vaga pra matricular os filhos... Aí virava aquela briga... Virava briga porque queriam vagas pros filhos e a escola era apenas duas salas de aula e não tinha como matricular mais de 245 alunos, porque 245 já era aluno demais pra essas salas.(Rosirene)

Em outro momento uma feliz exceção é encontrada na fala de Rosirene quando essa instigada a falar sobre apoios recebidos, nos conta que felizmente a escola conseguiu depois de muitos anos representar aos prefeitos da cidade a necessidade de melhoria da escola onde trabalhava. Ela nos diz:

Esse apoio que falo é dos prefeitos... Que passaram... Não passou nenhum prefeito pela prefeitura pra não deixar um pedacinho lá na escola... Todos os prefeitos que passaram... O Altamiro construiu, o Fran Mendonça

ampliou com duas salas, o Schuber fez uma quadra e mais uma sala né... Nós tínhamos na escola um consultório... Acabou porque nas salas teve uma mudança, tinha uma enfermeira de plantão...

Era comum e muito conveniente na época, a comunidade escolar manter uma relação mais próxima com os prefeitos. Essa tentativa intencionava o reconhecimento dos mesmos frente às condições reais das escolas, na esperança de que recebessem apoio para sua melhoria.

A participação dos atores pode ser importante, quer para facilitar o contato com os agentes locais e mobilizar recursos, quer para reforçar o prestígio local da escola. Por isso, a ideia da educação participada assenta num paradigma de escola entendida como Comunidade Educativa (DIOGO, 1998, 74).

Exercer a docência em conjunto com os demais participantes do contexto educacional, tais como alunos, pais, diretor, e a comunidade em geral era de fundamental importância para “chamar a atenção” dos governantes. Uma vez mobilizados, demonstravam um número significativo de pessoas em prol de determinada ação. E as ações visavam mostrar a esses gestores as necessidades em relação às questões educacionais.



Figura 07 – Maria Prado e alguns alunos ao lado Do Prefeito Wirland da Luz Machado Freire na escola São Francisco das Chagas. (fotografia cedida por Maria Prado).

Visitas eram constantemente solicitadas, e as autoridades recebidas com muita expectativa pelas crianças e professores, isso nos mostra a simplicidade do povo e a vontade demonstrada de que todo o espaço fosse bem melhor do que era.

2.5 – A comunidade atuante nos espaços

Municípios do interior, majoritariamente formado por indivíduos que labutam em funções simples, têm um contato maior com a comunidade em torno da escola. O grau de instrução dos pais era mínimo, e o pensamento do local é o mesmo que se perpetua até hoje na mente dos pais de crianças do interior: oferecer aos filhos o que não lhes foi acessível. Dessa forma, as escolas eram encaradas como ponto referencial pela comunidade, que procuravam mantê-las mais conservadas e valorizadas.

Os grupos naturais identificados na cidade, como clube de pais, clube de mães, círculos de pais e professores, foram a base inicial para ajudar a transformar as escolas, a fim de atender de forma melhor os alunos. Alguns setores da comunidade participava na manutenção da escola, pois a viam como algo deles, e que por eles devia ser mantido e preservado. Mas, nem sempre era assim, como na experiência vivida por Maria:

A comunidade dava apoio [...] Era difícil porque não tinha muito...
[...] No interior tudo é muito difícil [...] trabalhei tantos anos e nunca consegui um prédio, sempre trabalhei num barracão [...] mas atualmente nas férias eu tava lá e construíram uma escola.

A semelhança entre comunidade e escola não podia ser somente a sílaba “CO”, mas a vontade de uma boa formação geral de seus filhos. O apoio à escola por parte da comunidade era considerado fundamental para o sucesso de qualquer atividade por ela desenvolvida. E isso era perceptível nas variadas formas do dia-a-dia daquele ambiente.

[...] as primeiras salas construídas para aumentar a escola foi com ajuda da comunidade, pra funcionar de 5ª a 8ª série foi a comunidade que veio construir as salas, nós compramos o material, e eles fizeram a obra.

É dessa forma que Rosirene nos mostra o envolvimento da comunidade com a escola. Momentos de participação, frequência em eventos, até a ornamentação para datas comemorativas são comuns. A construção do ambiente escolar estava distante dos padrões exigidos, mas a vontade de que os filhos estudassem era maior, a união era feita, e os resultados eram obtidos e visíveis.

Quando realizada com participação social, com parcerias, é certo o desenvolvimento de uma melhor educação participativa onde se “integra as noções de parceria, de partilha de responsabilidades e de participação” (DIOGO, 1998: 67).

O apoio da comunidade era sempre baseado no possível, e o possível nessa época era mínimo. Preservar a limpeza era algo de fator primário nas prioridades da comunidade em relação à escola.

Dependendo da localidade dessas escolas, da força de vontade de quem ali trabalhava, surgia a percepção que estando em sintonia e estabelecendo uma parceria com os sujeitos do meio em que viviam e trabalhavam, poderiam alcançar melhorias resultantes dessa boa relação entre comunidade x escola.



Figura 08 - Alunos colaborando para a limpeza da área da escola destinada à recreação (fotografia cedida por Rosirene).

A escola pública sempre buscou parcerias para e melhoria efetiva da qualidade da educação, pois eram difíceis os apoios diretos (como ainda são) a todas as dificuldades enfrentadas nas escolas. Rosirene conta-nos sua iniciativa, enquanto colaboradora com a direção da escola onde trabalhava:

Fiz uma parceria com o BIS, naquela época não chamava nem projeto era um documento! Fiz um documento pra ver se dava certo né pro quartel, pros médicos virem uma vez por mês na escola consultar... [...] Esse atendimento eles levavam médico... Médico mesmo né pra fazer consulta, e também levavam é... Assim limpeza de dentes, extração, todo um trabalho voltado, então foi um trabalho assim um documento que mandei, eles acataram [...] atendimento pra comunidade, porque meu plano no princípio era pra atender a criança, o alunado, mas aí depois foi tão amplo

que se atendia a comunidade, ai as vezes muitos da cidade baixa iam pra lá nesse período pra fazer consulta.

O trabalho docente é construído justamente por meio das práticas cotidianas da micro política da instituição, na interação das situações materiais e nas afinidades sociais. (EZPELETA, 1989, 87). Percebe-se então os resultados das relações na rede das organizações (internas e externas) nas quais a escola se integra.

Entendo por estratégias os comportamentos que nossas narradoras desenvolveram, e mediante os quais tiveram um aumento da qualidade de seus trabalhos, pois constante era a tentativa de conservar ou aprimorar seus espaços, refletidas no seu principal cenário: a instituição educacional em que atuaram .

O envolvimento dos órgãos locais nas ações das escolas foi e ainda é muitas vezes fruto da ação de protestos e manifestações iniciadas pelos professores. Graças às suas manifestações e reivindicações por melhores condições de trabalho.

A ação social de parceria com o BIS relatada por Rosirene ocorreu porque várias crianças passavam mal na escola, e lá perto não havia hospital.

[O aluno] passava mal na escola, às vezes tinha vômito. Chegava assim e os pais não tinham como levar pro médico, pois a medicina aqui também né... E muitos levavam pro quartel, porque lá no quartel eles consultavam.

Rosirene igualmente conta que diante da precariedade da situação, um dos prefeitos construiu uma salinha, onde funcionava um consultório, onde trabalhava uma enfermeira atendendo diariamente os alunos.

A escola é um ambiente de organização social, sistemática e abstrusa, local onde são estabelecidas as mais diversas relações sociais e coletivas, onde percebemos os elementos constituintes e colaborativos, enquanto agentes de colaboração pessoal e social. Nesse espaço de integração é natural que se desenvolvam projetos sociais de benefício coletivo perante a sociedade para um momento posterior melhor. É aí que damos ênfase às parcerias.

No capítulo seguinte darei maior ênfase sobre como o olhar crítico das narradoras se detém sobre o vivido e lembrado.

CAPÍTULO III

LEMBRANÇAS CRÍTICAS OU A MEMÓRIA CRÍTICA

Ao longo de suas narrativas, as professoras falavam sobre suas lembranças com criticidade. A memória do tempo passado, recordado no presente, recebe a tonalidade de uma reflexão sobre as circunstâncias, o sentido, as limitações, os êxitos e as perspectivas de seu trabalho. Quero, no entanto, ressaltar esse espírito crítico neste capítulo, pela importância que ele adquire na volta a outrora.

Ao mesmo tempo em que recordavam as dificuldades enfrentadas outrora no trabalho, as narradoras expressavam certa avaliação que tecem em relação ao ontem, comparando-o com o hoje. Há reflexão nas falas das narradoras, como nesta expressão de nostalgia quando Maria menciona que, atualmente, os alunos não conseguem valorizar a oportunidade que possuem para avançar na construção do saber.

Tem hora eu penso assim que naquela época era melhor de trabalhar, os alunos assim davam mais atenção pra gente. Hoje a gente vai pra sala eles só querem ta conversando, alguns não se interessam muito, só dão interesse de ficar no converseiro uns com os outros, hoje eles não atendem mais, a gente fala e eles respondem... Não quer ficar calado. Naquela época era melhor, que eu comecei trabalhar, só que assim não era assim, eu nunca fui professora tradicional de falar e o aluno ficar caladinho, encolhidinho... Eu sempre dei liberdade pros meus alunos, mas eu falo assim pra eles darem mais atenção, obedecer né, não querer sair da sala, hoje ate tem que colocar aluno pra fora porque não ta dando de agüentar [...].

3.1 – A marca da pobreza

Entendo que certos acontecimentos marcam a experiência humana. Se momentos alegres são motivos de lembranças, do mesmo modo os momentos difíceis cravam-se na memória e são retomados quase sempre como possibilidades de entendimento do vivido.

As narradoras trazem a marca da pobreza, dos dias difíceis, do aluguel caro, da

falta de comida. O olhar crítico de Prado ressalta as condições de pobreza.

[...] E eu sofri demais aqui em Itaituba, porque eu não tinha costume de viver trabalhando para os outros... Lavando roupa... Empregada... Lavei roupa para várias pessoas para me sustentar, porque a gente não tinha de onde tirar... A gente morava numa casinha que uma senhora deu para a gente morar.

Maria narra a solidão de ter vindo em busca de um sonho, e da dificuldade da espera que o marido retorne do garimpo com o fruto do sonho dourado:

[...] foi sofrida a vida assim porque eu não tinha ninguém, só ele que tinha um tio e eu não tinha ninguém... Aí ele ficava pro garimpo e eu na casa, e ele ainda arrumou um aluguel caro, era uma grama de ouro na época, o aluguel da casa, toda mês tinha que dar uma grama de ouro, ainda bem que era só um filho, passei uma temporada nessa casa, depois saí fui pra outra casa que era mais barato o aluguel aí surgiu essa... Uma... Uma invasão não umas terras, um pessoal tomou de conta dumas terras

Ela segue relatando que nem tudo acontecia conforme o que planejavam:

[...] meu marido pro garimpo ele vinha e voltava, ele num ganhava nada, o que ganhava gastava quando chegava pagava as continha que tava devendo, e a gente de aluguel nunca comprava nada pra dentro de casa.

A busca pelo sonho acontecia, a realização dele talvez estivesse um pouco mais distante. Mas o enfrentamento das situações diversas era algo a encarar e a superar. Nessa perspectiva, deparei-me com o relato de Edilizia, que ao chegar à cidade, depois de ser abandonada pelo marido, não se deixa vencer pelas dificuldades e vai trabalhar no garimpo “levando coisas para vender... perfumes, roupas...” Trabalhos aleatórios para o sustento de casa foram presentes na vida de todas as narradoras, no período que chamamos de pré-docência. Dos maridos cabia esperar o resultado da garimpagem, mas e se esse resultado não fosse positivo? Era justamente da autonomia, da atitude dessas mulheres em negar a passividade, que vinha o sustento domiciliar.

Perpétua conta sobre a oportunidade e das necessidades vividas por ela, da obrigação em ter que sustentar sua família:

O chefe do quartel reuniu pessoas da comunidade, umas 6, 3 duma rua e mais 3 da rua seguinte, moças cursando 8 e 7 série, ele me convidou pra trabalhar e aí eu não hesitei, já fui logo aceitando. As necessidades eram muita de se trabalhar e eu nem pensei no que ia enfrentar pela frente, pensei mais pelo lado financeiro, que era o que pesava mais.

De igual modo, as palavras de Rosirene reiteram a imagem da dificuldade:

[...] a gente passava assim por abusos, por necessidade também porque o salário naquela época, eu me lembro meu Deus do céu era duzentos mil, uma notinha verdinha... Duzentos mil não têm quase nada quem tem duzentos mil... Né (risos) hoje duzentos mil vamos comparar né... [...] Duzentos mil cruzeiros, foi meu primeiro salário, duzentos mil cruzeiros... Pra trabalhar na educação...



Figura 09 – Perpétua exercendo a docência (fotografia cedida por Perpétua).

O baixo valor salarial sempre foi o ponto nevrálgico da crise do ensino público. A ausência de salário compensador ao trabalho de educar dificultava ainda mais uma educação pública de qualidade. Porém a necessidade das famílias das narradoras falava mais alto e elas permaneciam nos cargos na esperança de dias melhores.

Diante do insucesso do marido nos garimpos, Rosirene segue falando sobre seu baixo salário:

Era pequeno. Demais! Era eu que sustentava a casa na maioria. Meu marido ia pro garimpo e pegava malária e não conseguia mandar dinheiro. Não tinha uma profissão aqui na rua pra trabalhar, só no garimpo.

Além da baixa remuneração, ainda havia a problemática do atraso salarial, conforme nos conta Perpétua:

[...]o salário atrasava muito, 3 meses ate sem receber... a gente fazia greve ia na porta da prefeitura, parece uma coisa assim que ele não tinha sensibilidade que precisávamos do nosso dinheiro, do nosso salário...

A falta de reconhecimento financeiro era visível, ainda mais pra uma profissão tão desvalorizada na época, uma profissão que se considerava possível a qualquer um, mesmo sem formação específica. Como a exigência de formação escolar era inexistente, um baixo salário era oferecido aos que aceitavam os cargos.

As falas das narradoras me remetem à percepção de suas situações financeiras precárias, o que é considerado um fator de dificuldade para o alcance daqueles objetivos traçados no período em que decidiram imigrar, mas não um fator de geração de comportamento vitimizado, menos ainda de submissão. Nenhuma delas chegou à cidade e ao ócio, ou à espera de simplesmente do retorno dos maridos garimpeiros. Ao contrário, puseram-se a trabalhar para ajudar no orçamento familiar, seja como faxineira, lavadeira, vendedora, como inicialmente o fizeram, seja como professoras, o principal papel desempenhado, que é exatamente a experiência que focamos neste estudo.

3.2 – As carências discentes

Na realidade da cidade de Itaituba, as famílias de classe média e alta podiam garantir ensino a seus filhos em escolas particulares, mas representavam (e representam até os dias atuais) a minoria da população. As famílias de baixo poder aquisitivo, sem muitas opções de escolha, e com uma renda baixa incapaz de pagar uma escola privada, matriculavam seus filhos nas escolas públicas mais perto de casa, mesmo que essas não oferecessem ensino adequado. Quando abordamos a questão da clientela atendida, Perpétua confirma o que informo:

As crianças atendidas eram crianças de baixa renda, muito mesmo, meninos de rua, era esse o tipo, e até hoje continua, porque é um bairro periférico.

Bairros periféricos. Assim eram considerados os bairros habitados pelos imigrantes devido à sua condição financeira e social. Mesmo aqueles que tinham uma condição um pouco mais favorável eram obrigados a instalar-se nesses bairros devido à ausência de estrutura disponível nos bairros “nobres”. Com isso numa forma de generalizar a imagem dos moradores, todos eram considerados periféricos.

Maria Prado conta sobre a situação dos seus alunos dizendo:

Eles eram, todo tempo foram baixa renda. Era um povo que eles não

gostavam de freqüentar a escola. Os pais dos alunos iam simplesmente matricular, outros alunos iam por conta própria. Matriculavam-se eles mesmo, faziam sua matrícula e permaneciam ali, na época de reunião eles eram difícil comparecer, até porque as crianças na maioria na época os pais viviam no garimpo e eles viviam com uma pessoa que nem parente era. Eram senhoras pra cuidar e elas eram difícil ir na escola, pais e mãe eram pro garimpo.

A pobreza das famílias atendidas pelas escolas é geradora de vários fatores de dificuldades. Crianças oriundas de famílias cuja cultura é desvinculada do estudo; pais que, sem estudo escolar, não incentivavam os filhos, não faziam um acompanhamento dos filhos no dia-a-dia da escola, não iam às reuniões. Em muitos casos, pai e mãe deslocavam-se para os garimpos, onde respectivamente desempenhavam o papel de garimpeiro e cozinheira, com o pensamento de logo conseguir ouro suficiente para que somente um dos dois permanecesse ali — o pai, garimpendo e mandando ouro para sustentar a família —, e a mãe por sua vez ficaria na cidade administrando a casa e cuidando dos filhos. Enquanto esse período de melhoria não chegava, os pais confiavam os filhos aos cuidados de vizinhos, parentes ou amigos, que não estavam tão envolvidos com a vida escolar daqueles a quem foram confiados cuidar.

A situação da não-participação de alguns pais devido à ausência na cidade gerava mais um empecilho na interação da escola com a família dos alunos, mas, com alguma criatividade, as professoras conseguiam atrair os responsáveis pelos filhos daqueles que viajavam, para reuniões. Uma dessas estratégias era fazer a reunião conciliada a uma data comemorativa, oferecendo um pequeno lanche a eles no final.



Figura 10 – Rosirene (de blusa branca e saia jeans) liderando uma reunião de pais e responsáveis na Escola Antônio Gonzaga Barros (fotografia cedida por Rosirene).

A carência em grande proporção em casa era um fator que dificultava muito o desenvolvimento do trabalho docente. Muitas crianças iam para a escola sem o café da manhã, e isso era um grande desafio para nossas narradoras, Rosirene conta o que fazia para amenizar a situação:

Às vezes uns deles nem café tinham conseguido tomar antes de sair de casa, saía de casa tinha que sair e muitas vezes passava mal, mas chegava na escola, então isso aí me preocupava ou que tivesse merenda ou que não tivesse, mas eu tinha que dar meu jeito, eu tinha que fazer alguma coisa pra quando meu aluno chegasse ele tomasse café, então a primeira coisa quando ele chegava na escola ele tinha que tomar café, eu preparava café, cuscuz né, meu marido fazia um tanto de cuscuz pra mim de madrugada pra eu dar o café pras crianças pra que eu pudesse trabalhar.



Figura 11 – O momento de distribuição do café da manhã para os alunos (foto cedida por Rosirene).

Não é raro que alunos que estudam pelo período matutino apresentem baixo rendimento quando estes, em casos de famílias carentes, muitas vezes não têm acesso a um simples café da manhã, resultando em sonolência. É uma ameaça também à habilidade de concentração, memória, e até o bom humor dos estudantes, prejudicando assim o rendimento escolar. Essa primeira alimentação do dia é fundamental, pois interrompe um longo período de jejum ocasionado pelo sono. A desatenção e a dificuldade em se

concentrar nas aulas são as principais queixas dos professores. Estar trabalhando de forma leiga, sem uma estrutura física adequada e sem materiais didáticos suficientes já era uma dura realidade, mas dispor de alunos desatentos, não era uma situação pela qual nossas narradoras queriam enfrentar, por isso colaboravam para a alimentação das crianças no início do dia.

Segundo a Revista Saúde Pública (2008, p.01), diversos estudos confirmam a importância da inclusão do café da manhã na rotina diária, tendo em vista, majoritariamente, o papel de "combustível primordial" do organismo para o início das atividades cotidianas do indivíduo. A ausência do café da manhã pode gerar letargia, dificuldade de concentração, atraso no aprendizado, potencialização da sensação de fome no almoço, hipoglicemia, entre outros impactos negativos imediatamente detectáveis, tais como elevação das taxas de colesterol e hiperglicemia associados à ingestão tardia de alimentos no dia alimentar.

A variedade de nível escolar dos alunos numa mesma sala era outra particularidade da dificuldade do trabalho das narradoras que era ainda mais difícil pois em suas salas elas atendiam crianças de múltiplos níveis, Rosirene detalha sobre o coeficiente de instrução dos alunos da época:

[...] quando se trabalhava com multisseriado você tinha que dobrar, porque são séries diferentes, porque eu não posso aplicar pro meu aluno de 2ª série o conteúdo de 4ª... Então teria que fazer trabalho diferenciado[...] você pegava criança que não tinha alfabetização, você pegava criança pra trabalhar na 1ª série, você quem tinha que iniciar... Ver o que podia fazer pra poder equiparar os alunos, e hoje os alunos passam pelo jardim 1, jardim 2, alfabetização...e na época não... Você tinha aluno com 7 anos na escola que nem no lápis sabia pegar, você tinha que ensinar ele pegar no lápis pra poder começar o seu trabalho.

É muito comum a oferta de modalidades de ensino multisseriadas em locais da zona rural, uma vez que não possuem alunos suficientes para se constituírem classes diferenciadas para cada nível. Diante dessa situação, e da falta de espaço dentro das salas de aula, ambientes alternativos eram utilizados para “separar” os alunos com seus variados níveis.

As classes multisseriadas constituem-se na modalidade predominante de oferta do primeiro segmento do ensino fundamental no meio rural do Estado do Pará e da Região Amazônica. Entretanto, elas se encontram ausentes dos debates e das reflexões sobre a educação rural no país e nem mesmo “existem” no conjunto de estatísticas que compõem o censo escolar oficial (HAGE, 2004, p. 1).

Percebe-se então que as professoras usavam sua criatividade para trabalhar. A área que correspondia ao espaço escolar era aproveitada para a divisão dos alunos, para que fosse possível a fácil identificação e execução de trabalhos por grupos pela professora. Resultado da ausência de ambiente exclusivo para atender a alunos de diferentes níveis. Essas professoras do multisseriado tinham outras atribuições que iam desde a limpeza da sala até a própria docência neste ambiente. Vejo o envolvimento de nossas narradoras, não somente no sentido financeiro, mas despontando em cada uma delas um anseio maior, capaz de fluir nessas pessoas um sentimento de perseverança e carinho por aquilo que faziam, onde faziam e para quem faziam.



Figura 12 – Alunos em ambiente alternativo, separados por níveis de ensino
(foto cedida por Rosirene).

Os psicólogos da aprendizagem sustentam que qualquer indivíduo seja em qual for sua localização, zona urbana, rural, na favela, na roça, quando em contato com circunstâncias motivadoras, capazes de despertarem-lhes o interesse, estará apta a aprender. Nesse sentido, em sua relação com os alunos, Maria configura uma imagem marcante estabelecendo uma relação singular com eles:

[...] eu não gosto de tratar os alunos assim com o cabresto, pra mim não é assim, eu trato meus alunos com carinho, os alunos de 3ª série eu chamo de Meu filho, eu sempre trato eles assim e me chamam de Tia e já os de 5 a 8 que são maiores, não... Mas tem alguns que me chamam, as meninas são muito carinhosas, me abraçam, direto aquele negocio, eu não sei se é verdadeiro ou não né (risos)... Eu acho que tive um carinho por elas na época que eram pequenas né, e eles criam aquela amizade comigo né...

[...] sempre eu vejo comentários, eles escrevem bilhetinhos, os de 1ª a 4ª sempre gostam de escrever dizendo que somos boas professoras...

No processo de aprendizagem as relações afetivas vão se estendendo, e com essa expansão de relações a imagem do professor surge com uma importância em amplitude incalculável, na relação com seus alunos no período escolar. Para aprender, necessitam-se dois personagens (ensinante e aprendente) e um vínculo que se estabelece entre ambos. (“...”) Não aprendemos de qualquer um, aprendemos daquele a quem outorgamos confiança e direito de ensinar” (Fernández, 1991, p. 47 e 52).

3.3 – A cada momento um desafio

A carência afetava além da estrutura, o funcionamento da escola, de modo que os esforços das professoras eram intensos.

[...] só tinha mesmo o livro didático, às vezes nem tinha... a merenda também... Era, num tinha... Eu mesmo fazia, dava aula e fazia a merenda quando tinha... até carvão pra escola eu fiz com os alunos, porque não tinha fogão não tinha gás... O prefeito mandava merenda, mas não tinha como fazer e no interior tem pau pra todo lado. (Maria)

Quando indagada sobre suas condições de trabalho, Perpétua relata:

[...] Precariamente. Sem material. Só com o giz. Material didático nem se falava, a gente que formulava a cartilha e rodava no mimeógrafo.

A carência de material é um problema vivido até hoje pelas escolas públicas. Nossas narradoras acabavam usando o recurso “criatividade”, sempre “dando um jeito” para que as aulas não parassem, para não prejudicarem o alunado pela falta desse material. Vejamos a fala de Rosirene que ilustra nossa afirmação:

[...] no interior não tinha energia não tinha outros tempos... Não tinha mimeógrafo então era feito no carbono... as atividades, noites adentro, eu com a lamparina e no carbono fazendo as atividades dos alunos, para que no outro dia eles pudessem estar lá... E também quando retornei pra cidade também foi essa mesma lida porque não tinha energia era a mesma dificuldade você ter que passar quase a noite inteira preparando atividades dos alunos [...] No Gonzaga Barros era a mesma situação! Não tinha energia, então toda tarefa que você queria fazer pro seu aluno era no carbono porque não tinha mimeógrafo também.

A dificuldade era maior do que nossa imaginação pode elaborar. A força de vontade frente às diversas situações às quais tinham que enfrentar é surpreendente à medida que as falas vão se ampliando. A narradora prossegue contando que muitas vezes saía do próprio bolso o capital para compra de “material para confecção de materiais”.

[...] o que você ganhava você tinha que dividir com os alunos, porque se você quisesse dar uma aula de qualidade que nem se diz hoje, você tinha que comprar material.

Edilzia conta sobre as condições de trabalho na creche fundada pelo prefeito em exercício na época de sua atuação, nos mostrando que alguns pontos eram bem munidos, enquanto ao que se refere a materiais didáticos a carência ainda existia:

[...] a creche era do Botelho, tinha pouco material pedagógico, mas eles procuravam abastecer da melhor forma possível em relação a comida, alimento das crianças, remédio, coisas dessa parte assim só material didático que não era tanto quanto a gente precisava. Mas em relação a abastecer de comida a despensa era bem abastecida.



Figura 13 - Maria preparando a merenda pros alunos (foto cedida por Maria).

Com um modo de viver alegre, típico de interioranos, sem muito esclarecimento e com otimismo, Maria completa falando seu sentimento frente a essa dificuldade:

[...] era bom demais, os alunos achavam era bom aquela folia, se juntava , juntava os pau, fazia um monte de carvão, e na hora a gente fez um fogão lá mesmo na escola e colocava lá comida no fogo, a gente tava dando aula e tava olhando panela... Era bom.

Amar os alunos era característica das professoras, competência e assiduidade também. As narradoras referem-se ao bom relacionamento com os alunos, em estudar, ter conhecimento e se comunicar. Mas é óbvio que para a melhoria do ensino, do rendimento discente, as mudanças nas condições físicas dos locais de ensino e condições materiais seriam indispensáveis.

O cotidiano e suas diversas situações são colaboradores para a formação do docente. Essas experiências podem contribuir para o desenvolvimento da prática educativa. O relato de Rosirene é revelador diante dessa afirmação, quando se põe a contar sua experiência em receber em sua sala de aula um aluno deficiente auditivo. Diante da situação extremamente desafiadora, visto que na década de 80 pouco se falava em inclusão, o desafio torna-se maior quando estamos tratando de professoras leigas. Vejamos a reação de Rosirene ao receber um aluno com necessidades especiais.

[...] quando ela me disse que o menino era surdo e mudo, eu mal esperei a mãe sair da sala e eu corri para a secretaria chorando porque eu não queria aquela, turma, eu não quero esse menino na minha sala, como é que vou trabalhar com essa criança... Ele não vai me ouvir como é que ele vai aprender... Porque aceitaram matricular, ele não ouve o que ele vai ficar fazendo aqui? E chorei, chorei, chorei e fui pra casa, no outro dia voltei e na hora que eu olhava pro menino ali na sala eu chorava.[...] Imaginava como eu iria ensinar, e ele sentadinho na cadeira dele, calado né porque ele não entendia nada mesmo. E eu comecei a trabalhar os outros, dar minha aula né...[...] Aí eu trabalhei 4 semanas, sem saber se ele tava entendendo ou não, aí um dia eu olhei assim pra ele e pensei: Se fosse eu... Aí mandei chamar a mãe do menino pra ela levar porque eu não ia conseguir trabalhar o menino dela. Aí ela disse: Ah professora já que não dá eu vou levar aí amanhã ele não vem mais. Aí no outro dia mesmo ela não mandou mais o menino, e com 2 dias que o menino não vinha, eu apresentei uma dor na alma e pensei: Meu Deus se fosse meu filho será que eu ia aceitar isso? Aí eu fui pra casa da mulher e perguntei lá perto onde é que morava o Hilton e fui atrás. No outro dia ela mandou o Hilton de volta pra escola. Ele chegou na escola de manhã e eu coloquei uma cadeira pra ele bem na frente. Aí já comecei diferente, já chamei os coleguinhas e já disse pra eles que o Hilton não ouvia e também o Hilton não falava por isso eu ia ficar olhando mais pro Hilton que pra eles, porque o Hilton vai ter que aprender igual eles. [...] comecei a freqüentar a casa dele, ia pra dentro da casa do Hilton, ia ver como a mãe dele se comunicava com ele pra mim me comunicar na escola do mesmo jeito, pra não fugir, trazia também ele pra sala de aula pra se comunicar com ele, pros colegas aprenderem como se comunicava. Hoje tem uma bateria de processos né, e ontem era uma coisa restrita né era vai (sinaliza indo)

vem (sinaliza novamente) era aquela coisa. Então eu fiz um trabalho... Trabalhei o Hilton na 1ª, 2ª, 3ª, e na 4ª... Hoje ele fez o ensino médio[...] pra mim aquilo foi um desafio sabe... Cada dia que eu olhava pro Hilton dava mais vontade de fazer algo por ele.

A atuação do docente frente às mais diversas situações é a ação principal para a construção dos saberes, e isso trará como resultado o desenvolvimento dos *habitus*, que Tardif chama de certas disposições adquiridas. Tais fenômenos cotidianos serão constituídos de práticas experimentadas que servirão de base para sua atuação perante o processo educativo, no seu meio e com os sujeitos dele. Tardif colabora caracterizando os *habitus*:

Os hábitos podem transformar-se num estilo de ensino, em “macetes” da profissão e até mesmo em traços da “personalidade profissional”: eles se manifestam, então através de um saber-ser e de um saber-fazer pessoais e profissionais validados pelo cotidiano (TARDIF, 2002, p. 49).

O trabalho docente é considerado de forma mais totalizadora, como uma função que não pode ser reduzida a uma somatória de partes, mas enxergado como uma forma de relações essenciais. A atuação do docente é uma atuação conjunta. É o conjunto colaborativo das ações que proporcionam o resultado eficaz de um fenômeno a ser constituído: a educação almejada. É na troca das relações que se estabelecem que compreendemos o significado do trabalho docente. É importante toda essa interação, todas essas formas de relacionamento com os segmentos e os sujeitos da prática educacional, sendo mais importante não o domínio sobre conteúdos ou técnicas, mas a influência mútua sobre as circunstâncias e situações, algo que só pode ser realizado diante de uma atuação e envolvimento direto com as pessoas envolvidas numa troca de experiências.

3.4 – A constante busca da melhoria docente

Exercer a docência foi um grande desafio para essas professoras, mas sua permanência nesse cargo necessitava de estudos e formação, o desenvolvimento contínuo que qualquer trabalhador precisa alcançar diante do seu ofício. Era importante que primeiramente houvesse uma percepção de sua situação frente ao trabalho desenvolvido e Maria Prado mostra- nos mediante sua fala que fazia uma auto-avaliação e já almejava progressos:

Na época que eu iniciei o curso LOGUS II a gente tinha o conhecimento muito restrito, hoje o conhecimento é mais amplo, até pra se trabalhar é melhor, até em nível de dinheiro, o salário melhorou, as vezes eu, é porque eu nunca fui uma pessoa que fui de me expressar bem, de gostar falar, tem sempre aquelas pessoas que se expressam bem, e eu não gosto de tá falando muito, mas eu melhorei muito, e se fosse possível até fazer assim outra área pra melhorar meu conhecimento [...]primeiro de tudo, o estudo é tudo, até porque é uma das coisas que a gente da pros filhos que ninguém toma, é a melhor riqueza que se tem na vida acredito que é o estudo, você vale o que você é, porque daqui um tempo as pessoas que não tem conhecimento que não tem uma formatura, vai sofrer muito, até mesmo na zona rural pra se trabalhar vai precisar da pessoa ter um conhecimento melhor. Então pra mim estudo é prioridade, tem que ter formação.

Na busca por alternativas que pudessem inseri-la no mercado de trabalho educacional, Maria Prado entrou em contato com funcionárias da Secretaria de Educação na época e explicou um pouco mais sobre o LOGUS II, que era uma espécie de programa de formação de professores, na tentativa de instigar-lhes interesse, e assim o fez:

Fui em casa e peguei o módulo e dei pra ela e falei: ó professora pra pessoa fazer esse Logus II tem que fazer mas tem que estar pondo em prática em sala de aula, não se pode fazer só por estudar e não estar em sala de aula, tem que estar em sala de aula, e ela falou: então traz pra eu ver... Trouxe pra ela, levei pra ela e ela levou pra Belém e lá, porque tinha endereço todinho no módulo aí ela conseguiu trazer pra cá ao chegar aqui em Itaituba, ela entrou em contato comigo, porque sempre eu ia lá, de vez em quando eu ia lá atrás de serviço... Aí ela disse: olha foi muito bom esse módulo que tu me deste, eu vou chamar os professores, na época aqui era raro ter um professor formado...

Para me fazer entender um pouco mais sobre o Logus II, Prado explica:

O Logus II te dá o direito de concluir o ensino fundamental e o ensino médio, é bom por isso. Mesmo que tenha feito só até a 4ª série podia fazer o LOGUS II, porque tu conclui, por isso que diz Logus II porque são os 2 níveis.

Dessa forma Maria Prado foi uma das primeiras inscritas no programa Logus II e logo surgiu seu primeiro emprego na docência conforme conta:

Comecei a estudar e logo que eu comecei, elas e colocaram numa sala de aula, comecei no Alice Carneiro, morando aqui na 22ª rua, comecei trabalhar lá, trabalhei um ano ainda, e... E aí eu achei também uma vaga na escola adventista e comecei a trabalhar lá, as coisas começaram a melhorar... Trabalhava de manhã e de tarde... Trabalhei uns 3, 4 anos

A inserção na docência pública gerava oportunidades também em escolas privadas. O simples fato de já ter iniciado a carreira de professora, mesmo sem formação, já era reconhecido pela experiência de sala de aula adquirida na prática. E esse saber-fazer era considerado importante diante do ensinar.

Perpétua fala que ainda jovem e sem formação específica (Curso Magistério) iniciou suas atividades de professora.

[...] quando a gente começou a trabalhar que nossa né... Fomos ver que aqueles alunos ali tínhamos que fazer tudo pra eles aprender, tinha que se rebolar, pra darmos continuidade nos estudos pra gente continuar na profissão [...] Em 1988, comecei a dar aula com 18 anos, era uma primeira série, o comandante me convidou, não era só eu era mais quatro mocinhas que tinha na época na minha rua, eu ia fazer a sétima série ainda... Fizemos um teste, pra eles poderem olhar; nesse tempo, na época era a Esmeralda que fazia o teste, nos fizemos esse teste lá. Eu passei e comecei a dar aula, eu terminei a sétima, estudava no Magalhães Barata... Terminei, fiz primeiro ano de magistério no Gonzaga Barros

Vê-se, por conseguinte que “a temporalidade estruturou [...] a memorização de experiências educativas marcantes para a construção do Eu profissional, e constitui o meio privilegiado de chegar a isso”. (TARDIF, 2002, p. 67). Foi por meio da experiência que se construíram os saberes de nossas narradoras. Com o tempo foram estruturando-se e dessa forma percebo que o que caracterizou o saber docente dessas mulheres do ouro foi o fato de se originar da prática cotidiana da profissão.

Perpétua prossegue contando sobre o como enxergava suas aulas num período em que já havia cursado magistério:

Minhas aulas... Bom... Eu com o tempo assim nos primeiros anos acho que até o terceiro ano eu acredito assim que eram aulas bem tradicionais, questionários, aí quando eu comecei a fazer o magistério já foi melhorando né o meu trabalho porque você já tinha as disciplinas pedagógicas, e daí depois do magistério eu penso que eu fui em busca de melhorar meu trabalho, conhecimento.

Não somente estar como docente, mas perceber sua atuação era fato de realidade perante a atuação dessas narradoras. Perpétua fala que suas aulas eram tradicionais mas prossegue avaliando que o magistério ajudou no exercício do ofício, e sua melhoria é percebida no trecho de sua fala onde cita que “*eu fui em busca de melhorar meu trabalho, conhecimento*”. Percebo aí também sua vontade de oferecer um ensino de mais qualidade aos seus alunos.

Ter uma formação mínima e a vontade de melhorar em sala de aula exigia das

professoras a constante superação da realidade, e isso acontecia. Com pouca formação já eram capazes de dispor de momentos lúdicos entre seus alunos, mesmo sem saber pedagogicamente os efeitos que essas ações refletiriam. Envolviam-lhes com grande facilidade, pois eram muito participativos, para eles tudo era novidade e lazer. Era a necessidade de aprender intimamente ligado com o prazer de aprender.



Figura 14 – Alunos em momento lúdico proporcionado por Perpétua
(fotografia cedida por Perpétua).

A cultura dos sujeitos com os quais o docente convivia particular influenciava seu comportamento. Há nesse momento a divergência de ideias entre o que o docente traz enquanto carga cultural, suas verdades e suas crenças e o que o outro pensa. Perpétua conta uma passagem de sua vida em que nos fica claro a contrariedade cultural quando instigada a falar sobre a visão de seu marido quanto ao fato dela ser professora e sua ação perante seu comportamento:

Ah isso aí ele não queria de jeito nenhum, naquela época tinha ouro, assim né, ganhava muito dinheiro assim em ouro e ele não queria que eu fosse professora, queria que eu desistisse, ate porque o colégio ficava perto do quartel e ele tinha ciúmes. Ele não queria nem que a gente conversasse, aí eu falei pra ele que quando ele me conheceu eu já trabalhava e eu pisei firme e disse que não ia desistir...Dinheiro assim é suado... Meu esposo depois que acabou o garimpo, ele tinha vergonha de eu ser professora, por ele ser analfabeto, ele não conversava com minhas

colegas e se sentia retraído, e ele mal sabia assinar o nome, aí eu alfabetizei ele em casa (Perpétua).

A origem de todas as narradoras é muito humilde, precisando trabalhar para ajudar a família. Alguns maridos tentavam impedir suas esposas de trabalhar ou continuar os estudos, mesmo diante desses problemas o sonho de ser professora não foi abandonado.

4.5 – A auto-imagem construída

A escola também é um ambiente onde se adquirem certezas particulares. Baseadas no objetivo de realizar um bom trabalho, a imagem de profissão mal remunerada, precária, fica em segundo plano. Muitas professoras da década do ouro acreditaram num futuro promissor dentro do trabalho docente, e isso percebo na fala de Maria Prado quando ela diz:

[...] eu me vejo como uma vitoriosa na vida, porque ao chegar aqui em Itaituba, com a aprendizagem que eu tinha e hoje estar formada eu dou graças a Deus em primeiro lugar, a família e aos amigos. Eu acho que se eu não tivesse tido coragem de enfrentar todas as dificuldades que eu enfrentei na vida eu não teria chegado aonde cheguei. Ate porque quando nos piores momentos da minha vida em Itaituba eu achei pessoas que disseram pra mim: olha Prado se quiseres ir embora o dinheiro da tua passagem ta aqui pra tu ir embora... E eu nunca desisti, eu pensava sempre positivo e dizia que não era isso que eu queria, pois eu vim pra cá pra fazer minha vida e eu vou fazer e fiz e graças a Deus eu fiz.

Edilizia também colabora contando:

[...] minha vontade de chegar de chegar lá, de querer ser alguma coisa, ser alguém, me valorizar, ser eu mesma. A gente sem objetivo é igual folha seca, pra onde der o vento leva. Tive um objetivo que foi estudar e trabalhar pra ter um salário, pena que veio muito tarde [...] Eu me sinto muito feliz de ter saído de onde eu saí, de ficar na Itaituba com uma rede e dois filhos pra criar e hoje eu tenho umas 5 a 6 redes aí dentro do guarda roupa (risos) então isso pra mim é muito importante.

As falas das narradoras por si só expressam três palavras-chaves suficientemente significativas para fundamentar e justificar tanto envolvimento com a docência: necessidade, vontade e vitória.

Rosirene mesmo na condição leiga, ainda conseguiu promoção para o cargo

diretora e conta com entusiasmo esse passo que considera uma vitória em sua atuação:

[...] Ah quando começou a melhorar a situação na escola foi em 86 quando eu assumi a direção do Gonzaga Barros... Aí a dificuldade de salário, pois o de diretor era menor que a do professor... Mesmo assim eu achei que era um desafio, era aquilo que eu queria fazer, estava no meu pensamento, [...] então quando surgiu a oportunidade pra eu assumir a direção... [...] eu assumi assim com aquela vontade de trabalhar mesmo pela educação... De fazer alguma coisa. [...] comecei trabalhar e colocar o trabalho em prática e em 87 fiz todos meus projetos pra 88 e em 88 comecei com fundamental completo... Só tinha de 1ª a 4ª aí foi de 5ª a 8ª e em 1991 com vontade de que a escola crescesse, crescesse...em 1991 já comecei com ensino médio [...] de 1980 a 1986 como professora e de 1986 a 1995 como diretora... Quase 10 anos de direção.

A falta de formação não atingia somente a sala de aula, mas também a direção das escolas, portanto, diante do êxito dos trabalhos desenvolvidos em sala de aula, essas professoras também podiam atingir esse cargo na escola. A experiência adquirida era valorizada e despertava em todos um sentimento de respeito e confiança, que algumas vezes a levavam a uma promoção.

Êxito em sua atuação como docente também é expresso nas palavras de Maria.

[...] Eu sempre luto pra fazer um trabalho que as pessoas enxerguem. Houve até um tempo que o presidente da comunidade entrou em conflito comigo, queria me tirar, mas a comunidade não deixou. Então pra mim isso foi um apoio certamente eles estavam gostando do meu trabalho.

Dificuldades foram uma constante, mas Perpétua mostra mais uma vez seus percursos e conquistas quando fala algo sobre sua auto-imagem:

Outra dificuldade era sair de Itaituba pra ir pra Santarém, ganhando como nível médio... Era difícil, passar o mês todinho e ainda a mensalidade, mas consegui, passando dificuldade, mas graças a Deus deu tudo bem [...]eu considero vitória ter feito pedagogia [...]Em 2003, na primeira turma de pedagogia da UVA [...] ter nível superior pra mim é uma vitória.

Várias são as relações das narradoras com os sujeitos e as circunstâncias dos variados contextos aos quais estão inseridas, e Tardif (2002, p. 107) reflete que:

Nossas análises indicam que a socialização e a carreira dos professores não são somente o desenrolar de uma série de acontecimentos objetivos. Ao contrário, sua trajetória social e profissional ocasiona-lhes custos existenciais (formação profissional, inserção na profissão, choque com a realidade, aprendizagem na prática, descoberta de seus limites,

negociação com outros e etc.) e é graças aos seus recursos pessoais que podem encarar esses custos e assumi-los. Ora, é claro que esse processo modela a identidade pessoal e profissional deles, e é vivendo-o por dentro, por assim dizer, que podem tornar-se professores e considerar-se aos seus próprios olhos.

A prática educativa docente está alicerçada no envolvimento de vários sujeitos responsáveis por seu acontecimento. São pais, alunos, professores, diretores, governantes e muitos outros a quem a hierarquia a submete. As circunstâncias também são formadoras, em sentido múltiplo. Os espaços e os materiais também contribuem para esse processo de formação identitária. É um caminho a ser traçado comumente por pessoas “habilitadas” ao cargo. No caso dessas narradoras, nem formação profissional inicial tinham para a trajetória percorrida. Sabemos por quantos vaivéns passam os docentes em sua profissão, mas consideramos importante o registro das experiências dessas mulheres que não desistiram de suas funções mesmo diante das vicissitudes. E tornaram-se professoras diante dos valores que acreditavam e defendiam, com metodologias próprias e eficazes dentro do contexto em que estavam.

A seguir apresentarei as lembranças do ofício do professor ou a memória do trabalho, que nos leva ao entendimento de como se dava a prática docente das professoras esposas de garimpeiros.

CAPÍTULO IV

LEMBRANÇAS DO OFÍCIO OU MEMÓRIA DO SER PROFESSOR

O que o professor transmite é o modo como se faz sua prática enquanto pensador. [...] o que o professor transmite, então, não é um saber, mas um aprender, um criar.

Rolnik, 1993, p. 248.

Neste capítulo apresentarei o sentido que as mulheres de garimpeiros dão a seu trabalho. Suas atividades compõem grande parte de suas vidas. Há o trabalho de casa, mas sobretudo o da escola. Nesta unidade de significado comentarei o trabalho antecedente ao ofício de professoras e os saberes constituídos na própria experiência.

Essas subunidades serão articuladas, como anteriormente, com referenciais teóricos que subsidiam a leitura dos dados, em especial com a proposta de Tardif (2002) sobre os saberes responsáveis pela formação do professor.

4.1 – O labor antecedente ao ofício de professoras

Parto do princípio de que os saberes relacionados ao trabalho são sempre temporais, aprendidos durante certo tempo e que esse tempo imprime modificações no próprio sentido que a educadora leiga atribui a sua prática. Entendo que a formação de um professor não acontece exclusivamente na forma oficial escolar, mas também no processo de reconstrução constante do próprio saber, que se torna saber docente. Dessa forma, interessou-me investigar, inicialmente quais os antecedentes que foram determinantes para imprimir o caráter docente no trabalho dessas mulheres em Itaituba.

Edilizia afirma que não tinha nenhuma vontade de ser professora, mas que as dificuldades a levaram a sala de aula, apesar de entender que via na educação uma

possibilidade de mudar de vida, quando ela diz: “... *Eu via que era através do estudo que a gente ia conseguir alguma coisa*”.

Para essa professora, o estudo e o trabalho são realidades entrelaçadas em sua memória. Assim ela me remete ao entendimento de sua vida enquanto trabalhadora e educanda: “*eu levei minha vida trabalhando e estudando... mas trabalhando em casa, aí meu marido saiu do garimpo e foi pra roça... aí que o sofrimento foi grande! Porque eu estudava e nas férias eu ia pra lá, e tinha que trabalhar roçar, capinar...*”

Conciliação entre trabalho e estudo apresenta-se como desafio, a narradora assim continua:

[...] Lá começamos a botar roça e já tirávamos o alimento de lá dessa roça e eu todo tempo estudando, estudando, aí chegou o dia deu terminar de estudar, terminei o segundo grau, e eu só terminei o segundo grau porque as meninas fizeram minha matrícula, eu dizia que não ia ser professora nunca na minha vida, e as meninas — não tu vai ter que fazer magistério! e eu disse que estava velha e pensei — mas menina eu disse que nunca mais ia dizer essa palavra, não to velha não... Não vou dizer mais não.



Figura 15– Edilizia no Ensino Médio (fotografia cedida por Edilizia)

Nota-se num primeiro momento uma tentativa de se deixar vencer pelas dificuldades dando-se a desculpa “*estava velha*”, ao mesmo tempo irrompe a vontade de superar-se: “*Não to velha não*”.

A memória de Edilizia registra ainda que os saberes adquiridos não são suficientes para auxiliá-la no seu percurso de preparação ao magistério, ela sente as

dificuldades de continuar, devido sua formação básica deficiente.

[...] Fui estudar o segundo grau, com muita dificuldade porque o estudo é fraco e não adianta a pessoa dizer que ele faz um supletivo e um EJA que ele sai bem... Porque ele num sai não... Ele sai meado, mas bem, bem ele não sai porque é pouquíssimo tempo pra aprender é pouco tempo pra muita coisa e não dá tempo pra ele aprender. Então eu sempre me senti fraca nos estudos, mas nunca fraca na mente, no que eu queria fazer, eu sempre quis estudar mais.

Em relação ao trabalho as professoras deixam transparecer certa visão

apostolar do exercício da docência. O que parece bem notório na fala de Rosirene.

[...] fui trabalhar na Semente do Saber, mas só que quando eu fui pra Semente trabalhar eu vi que era muito diferente do nível dos alunos da escola pública, e eu muitas vezes me interrogava: — poxa lá eles tão precisando mais de mim do que os daqui, aqui o salário é melhor, pois na semente eu ganhava bem mesmo, a vista do município, mas o coitado a que não tinha como pagar e foi pra escola pública, eu coloco assim coitado o aluno... Mais carente, ele precisava mais de mim do que aqueles que estavam lá, e eu trabalhei 3 meses e disse que não ficaria mais... Que ia voltar pra escola pública, pois era duma escola pública que eu tinha ido, então o que eu tinha que dar pra uma escola particular eu ia dar pra uma pública [...].

Com essa fala posso inferir que a profissão docente ainda está muito ligada há um tempo, voltado ao magistério, como missão, em que o professor é uma espécie de redentor. O sentido da escolha da profissão e do seu exercício está intimamente ligado á representação que as narradoras retiveram em sua memória, marcado por uma “origem de sua paixão e de sua opção pelo ofício de professor” (Tardif, 2002, p. 75) que podem influenciar as práticas pedagógicas das professoras. Essa ideia, atualmente ultrapassada do ponto de vista teórico é fortemente marcada na construção identitária como uma profissão de missão e sacerdócio.

Outro fato mostrado nas narrativas, que Rosirene traz para reflexão é a ausência de professoras para o exercício do magistério:

[...] o meu primeiro grau foi feito através dum curso, e esse curso era dado pelo campus avançado do Projeto Rondon⁴, então o Projeto Rondon capacitou vários professores que não tinham o 1º grau completo pra poder assumir, porque não tinha professores que tinham magistério, Itaituba era contado os professores que tinham magistério então foram esses professores que foram capacitados pra trabalhar com... Na educação.

O Projeto Rondon criado em 11 de julho de 1967 oportunizou o contato de estudantes universitários com as comunidades interioranas do País, realizando atividades assistenciais isoladas. Essa interação foi um dos processos de preparação (não formal

⁴ “O Projeto Rondon coordenado pelo Ministério da Defesa é um projeto de integração social que envolve a participação voluntária de estudantes universitários na busca de soluções que contribuam para o desenvolvimento sustentável de comunidades carentes e ampliem o bem-estar da população e busca a aproximação desses estudantes a realidade do País, além de contribuir também para o desenvolvimento das comunidades assistidas. As atividades realizadas concentram-se nas áreas da comunicação, cultura; direitos humanos e justiça; educação; meio ambiente; saúde; tecnologia e produção e trabalho”.
<https://www.defesa.gov.br/projeto_rondon/index.php?page=projeto_rondon>

ainda) de pessoas leigas para a docência diante da carência de profissionais formados nas áreas.

Maria Prado tinha cursado apenas até a 6ª série e fala da dificuldade que foi encontrar emprego em Itaituba:

Eu trouxe do Maranhão um módulo, o Logus II, aí esse módulo um dia eu fui lá na secretaria de educação conversei com a professora Antonieta e professora Madalena e pedi emprego mesmo, aí sempre não tinha, a resposta era não... Tá lotada as escolas, ate porque elas não me conheciam né e se tornava mais difícil aí falei pra ela e ela falou o grau de instrução que eu tinha na época, eu disse: olha eu fiz apenas até a, na época eu tinha a 6ª série que eu fiz lá no maranhão.

Vê-se com esse relato que a formação das narradoras teve início tardio e com pouca escolarização. Apesar disso, nota-se que apesar da inexperiência as narradoras são capazes de iniciar suas trajetórias como professoras.

Essa afirmativa nos permite seguir a outra subunidade de análise:

4.3 – Saberes constituídos na própria experiência

Os saberes das narradoras foram constituídos pela experiência, e são esses que primariamente valeram de base para seus ofícios, por isso tem um peso de importância na compreensão de sua trajetória profissional. As experiências em sala de aula e com a coletividade maior do âmbito educacional, resultaram em habilidades de saber-fazer e saber-ser, idêntico ao que lemos na citação de Tardif.

Os saberes experienciais ou práticos são desenvolvidos no exercício da função e na prática da profissão, onde se desenvolvem saberes específicos, a partir do trabalho diário, bem como no conhecimento do meio em que atua. Assim, os saberes experienciais adquiridos e desenvolvidos pelas narradoras, assumem uma importância relevante, pois estes saberes passam a ser incorporados “a experiência individual e coletiva sob a forma de *habitus* e de habilidades de saber-fazer e de saber-ser” (TARDIF, 2002, p. 39).

Vejamos primeiramente as diversas situações e condições pelas quais nossas narradoras foram inseridas neste contexto educacional segundo seus relatos:

Edilizia como a maioria das pessoas que chegavam a Itaituba, passava por

grandes dificuldades financeiras, e afirma que a necessidade foi seu maior motivo:

Me tornei professora pela necessidade com certeza, eu tinha muita necessidade.

Somente estar num lugar de onde vinham promessas de melhoria de vida não era suficiente. Era necessário agir, ir à busca da realização do sonho, enquanto os esposos estavam nos garimpos tinham que procurar alternativas para se manterem até que viessem notícias dos garimpos, e sempre com a esperança de que junto com as notícias viessem gramas de ouro, o que significaria êxito dos garimpeiros. Maria Prado também conta suas dificuldades e sua permanente busca por trabalho:

[...] e eu sem trabalhar, trabalhando assim lavando roupa, engomando pros outros... Fazendo uma comida aqui outra ali... Quando pediam e sendo ajudada pelos outros, e sempre eu fui no Gonzaga Barros, e comecei a conhecer assim a primeira pessoa que eu conheci foi a Prof^a Célia, aquela forte... e aí eu perguntava pra ela se não tinha vaga pra trabalhar, nem que fosse de servente naquele tempo era bem mais fácil pra gente conseguir trabalho nas escolas.

Afazeres domésticos eram sempre muito executados pelas mulheres imigrantes, porém muito cansativos, pouco remunerados e inconstantes, precisava-se de algo mais “seguro”, um emprego. Prado logo seguiu em busca por vagas nas escolas, pois achava que em escolas era mais fácil arrumar emprego.

A falta de professoras com magistério era outro fator que levava à busca de voluntárias que aceitassem iniciar o ofício de professor mesmo na condição leiga. Entendia-se que o melhor seria ter pessoas que se dispusessem a aprender o ofício, do que deixar alunos sem estudar. Rosirene confirma em sua fala a ausência de professores formados :

[...] porque não tinha professores que tinham magistério, Itaituba era contado os professores que tinham magistério então foram esses professores que foram capacitados pra trabalhar (Rosirene).

Algumas mulheres solicitavam, outras eram convidadas, mas todas necessitavam trabalhar, visto que agora faziam parte de uma realidade repleta de inconstâncias. Perpétua fala do convite recebido:

Em 1988, comecei a dar aula com 18 anos, era uma primeira série, o comandante me convidou... (Perpétua)

Não era prudente esperar dinheiro apenas dos maridos, então quando as oportunidades apareciam, eram aproveitadas.

Diferentemente da pesquisa realizada por Lessard e Tardif (1996- 2000) em que as professoras expressavam em seus depoimentos que a opção pela profissão teve uma forte influência na origem familiar e/ou por vir de uma família de tradição de professores, denominando por eles de “mentalidade de serviço”, comum a algumas ocupações femininas, as narradoras da pesquisa, conforme relatado, tiveram outra experiência de vida. Aprender a ser educadora aparece como uma vivência constituída no exercício diário envolvendo disposição por parte de quem pretende continuar atuando nesta área.

Ilustrando sua disposição, Perpétua descreve a dificuldade no início de sua carreira em busca de uma adequação ou permanência no ofício de professora e como reagia perante as dificuldades:

Inexperiência né... Não passamos por nenhum treinamento... E já encaramos uma primeira série. Não sei hoje, mas antes quando você iniciava você já pegava uma alfabetização ou uma primeira série, acho que a diretora tinha essa visão de que o começo era mais fácil, mas não é porque ali é a base. Você se doava mais, dava mais assistência pros alunos. Não passávamos por nenhum treinamento... Nem sabíamos o quê que tu ia trabalhar, pegávamos assim os alunos e íamos dando o conteúdo aleatório, não tinha um treinamento, uma semana pedagógica quem nem tem hoje.

A inexperiência das docentes as impedia de fazer planejamentos, ou quando o faziam era de forma assistemática e baseados somente nas observações que detinham de seus momentos enquanto alunas. Agiam agora em papel inverso, tentando, enquanto professoras, aplicar aos seus alunos o que lhes parecia eficaz.

Uma passagem da fala de Edilizia mostra sua dificuldade em planejar as aulas e suas ações perante sua condição leiga:

No começo foi difícil, mas como sempre fui uma pessoa aberta, conversadeira, sempre as meninas iam me dando dicas, livros, como fazer prova como fazer plano de aula, na creche não era muito puxado... Porque não tem muito planejamento... Meus alunos eram de 5 anos e só tinha reuniões, tem conceito, não tem negocio de lançar nota... lá era o dia todo entrava 8 e saia às 15.

A narrativa de Prado do mesmo modo reflete sobre tal questão:

Ah na época a gente não se preocupava muito em tá fazendo plano de aula, de reunir com os colegas... Pra tirar dúvida né, mas com o passar do tempo isso foi melhorando porque sempre tem as reuniões pedagógicas pra conversar uns com os outros... E a gente trabalha sempre em cima de conteúdos e esses conteúdos que a gente aborda em sala de aula todos são escritos, tirando dúvidas onde que tem, e usando sempre nosso plano de aula, que antigamente a gente não era tão cobrado, o cobrado era que a gente tinha que estar em sala de aula, mas o diretor não tava ali pra ver plano de aula, nem mesmo estar andando perto da sala pra ver os alunos perto não acontecia.

Como iniciante no ofício, a narradora mostra que tinha autonomia em seu trabalho, uma autonomia que pode ser confundida com isolamento, uma vez que nos conta a ausência de acompanhamento do diretor, nem de qualquer outro técnico para acompanhar o andamento de sua prática pedagógica.



Figura 16 – Espaço onde aconteciam pequenos encontros entre as professoras da escola que Maria Prado trabalhava (fotografia cedida por Maria Prado).

O saber das docentes era notoriamente construído pela prática. A generosidade em compartilhar seus saberes existia timidamente, mas mesmo dessa forma era edificada uma cultura coletivizada de um grupo de educadores.

4.4 – A construção do saber docente e a cultura escolar do cotidiano

Penso que educar é objetivar a integração do ser no mundo, preparado para lutar por melhores condições de vida e condições imaginadas para o meio social no qual

esteja inserido. Tem em vista, em iguais intenções, a transformação do ser humano, mais compromissado com a sociedade. O ser humano é o centro da objetividade educacional, a pessoa, o eu do aluno (e o eu que virá a ser futuramente). Dessa forma o ensino deve pressupor, a partir das atividades do professor e do aluno, a busca da transformação social e o trabalho em prol desta transformação, a interação com a natureza e a garantia material de gerenciamento de sua própria vida.

O ensino é secular. O ato de ensinar, não é um ato qualquer, é um ato que opera também sobre o indivíduo que ensina. O ensinante traz em sua ação sinais de sua atividade, e essa possui características correlacionadas intimamente com sua atuação como docente da atuação de outros professores e ainda dos alunos. Sua ação é coletiva.

De acordo com a história, o tema da docência é o centro de várias discussões e objeto de inúmeras pesquisas ao longo dos tempos. A discussão sobre saberes docentes não pode ser considerada uma temática atual, uma vez que é realizada paralelamente às diversas discussões de temas afins como o ensino-aprendizagem, a prática docente e outros. Nessa visão, a escola era entendida como local onde o professor, detentor de todo saber, oportunizava o aprendizado, ele era responsável pela transmissão de qualquer saber ao aluno.

Pode-se definir o saber docente como um saber plural, formado pelo amálgama, mais ou menos coerente de saberes oriundos da formação profissional e de saberes disciplinares, curriculares e experienciais (TARDIF, 2002, p. 36).

Todos os saberes amplamente valorizados não se limitam a simples transmissão de informações, mas a um processo onde o educando aprende em determinado período, e o educador adquire prática de construção de conhecimentos. Mas ao falar sobre construção de conhecimentos, volto a uma questão anterior, que colaborará para a discussão aqui estabelecida. É necessário também que cheguemos a um entendimento sobre o que é o “saber”, tal como seu significado é utilizado neste trabalho. Para isso, recorreremos a Tardif.

[...] os saberes docentes são temporais, porque resultam de um processo de construção ao longo do exercício profissional; são ecléticos e sincréticos em virtude de que no decorrer da sua trajetória profissional o professor utiliza teorias, concepções e técnicas; são personalizados e situados, pois são adquiridos e incorporados à carreira docente e são difíceis de serem dissociados das pessoas, das suas experiências e das suas atividades profissionais (TARDIF, 2000, p. 5).

Com os anos, o professor passou a ser visto de outro modo. Uma forma mais peculiar, individual, especialmente singular. Singularidade não no sentido de unicidade, mas de individualidade. Um profissional com cultura própria, valores e hábitos harmoniosamente construídos.

Levando em conta que os “personagens e o cenário” envolvidos na educação mudaram, a temática sobre os saberes docentes agora se apresenta de uma forma diferente também, visto que várias são as discussões em torno dela. O docente passou a ser visto como um profissional que assimila e amplia conhecimentos também a partir da prática e na confrontação com o a realidade da profissão.

No ofício de ensinar há uma preparação, seja ela formal ou informal. Informal quando se usa de saberes cotidianos, e formais quando passa por cursos de formação, adquirindo assim conhecimentos teóricos e técnicos que preparam para o trabalho. Na primeira o conhecimento é construído na prática. Na formação escolar há uma experiência direta com o trabalho, sendo este segundo fator importante pois a prática contribui na formação e incorporação de saberes necessários para que o professor realize seu trabalho. A esse respeito, lemos em *Saberes docentes e formação profissional*.

Maria me faz perceber a temporalidade, a questão da cultura e a disciplina discente, quando reflete que:

Teve um ano que eu sofri muito porque era questão de adolescente, questão de namoro, foi uma época muito difícil pra mim, mas é questão da metodologia, só tinha mesmo o livro didático, às vezes nem tinha...

Sua forma de relacionar-se com os alunos é exercida de maneira mais próxima, particular, e não somente de acompanhamento didático. Percebo isso quando fala que dava liberdade aos alunos, não se considerando assim uma professora tradicional. E por meio dessas experiências de relações com os alunos as narradoras dão grande ênfase à sua experiência no ofício como fonte primária de sua competência, de seu “saber-ensinar”, o que expressa a importância que atribuem a esses saberes.

Todos nós temos uma vida cotidiana, com suas dificuldades, particularidades, marcas, imprecisões, subversões, rotinas e outras características peculiarmente variáveis de sujeito para sujeito, e nesse cotidiano é que demandam os diferentes ramos do conhecimento e atuação humana. Falar sobre o cotidiano é ter o sujeito como ponto primário para essa discussão.

Muito se fala sobre o cotidiano, tratado em vários textos como categoria de análise, como parte de um todo, como uma esfera do social, como uma dimensão da realidade que carrega características peculiares: senso comum, alienação, mesmismo, que anda por si, etc. Lefebvre diz que o cotidiano é uma soma de insignificâncias, não de significantes. O cotidiano é visto também como o mundo da vida (Schutz, Habermas); como unidade de análise e de atividade de tipo relacional (Weber); lugar do homem concreto, do imediato, do pragmático da reprodução da reprodução (Lefebvre, Kosik); reprodução individual e mediação ente o particular e o genérico (Heller); como a própria condição humana fundamental (Arendt); como o espaço dos homens históricos reais (Marx). Essas noções/conceitos têm uma justificação teórica peculiar: independente do que pesem essas afirmações e de que fonte teórica brotam, todos reconhecem que não há uma realidade humana que não esteja, bem ou mal, imbricada e vinculada à realidade do concreto cotidiano (TEDESCO, 1999, p. 27).

Para entender sobre os saberes docentes, seus saberes referentes à prática docente, foi importante levar em conta que o fato de que tais saberes são incorporados a partir da prática, do que chamamos de relação constituída, são saberes internalizados no decorrer da prática diária, saberes específicos que têm validade na medida em que o contexto no qual essa prática pedagógica cotidiana se insere.

Nessa perspectiva, recuperar o conceito de cultura escolar é fundamental para o entendimento de algumas características dessa discussão. Entendo a escola como um espaço que permite, favorece e estimula os sujeitos, com atuações projetadas e desempenhadas visando a construção de conhecimentos e a transformação da sociedade. Um ambiente onde haja um clima em que as relações se construam a partir de pontos fundamentais como confiança, aquiescência, receptividade, franqueza e respeito mútuo. Um cientista social, em seus escritos sobre antropologia da educação afirma que:

A cultura é e está nos atos e nos fatos através dos quais nos apropriamos do mundo natural e o transformamos em um mundo humano. E ela está também nos gestos e nos feitos com que nos criamos a nós próprios, ao passarmos - em cada indivíduo, em um grupo humano ou em toda nossa espécie - de organismos biológicos a sujeitos sociais. Ao criarmos socialmente os nossos próprios mundos e ao procuramos dotá-los e a nós próprios e aos nossos destinos de algum sentido. Somos aquilo em que nos transformamos ao continuamente transformarmos o mundo natural de que somos parte e de que vivemos (BRANDÃO, 2001, p. 180).

Independentemente de nossa escolha nascemos inseridos em um grupo social que apresenta suas práticas culturais, suas narrativas e características de um mundo no qual fomos inseridos. Nascemos num composto cultural no qual interagimos com ele a partir da aprendizagem de formatos organizacionais e de convívio que são dialeticamente integrados

aos nossos processos particulares. O docente traz consigo características que lhe atribuem uma identidade própria. A maneira como é, age, pensa, organiza suas aulas, sua relação com seus alunos, com outros professores, a carga histórica que traz ao longo de sua vida são características relevantes que tem que ser consideradas ao tentarmos uma compreensão do aparelhamento e da cultura escolar.

Dentro do contexto de cultura e relações estabelecidas, é importante que o professor saiba lidar com as relações de poder dentro do ambiente educacional, principalmente no que tange uma enorme quantidade de conflitos entre o que se entende por autoridade e autoritarismo. Conceitos complexos e que muitas vezes são confundidos. Perpétua nos fala um pouco de um fato marcante e intrigante na sua relação com a diretora da escola:

A minha diretora era muito tradicional, muito rígida e a gente discutia. Ela me fez chorar várias vezes. Eu lembro uma vez que eu tava com uma primeira série e no meio do ano eles já tavam bem alfabetizados, eu pegava aluno de todo jeito e já tava bem entrosada, aí ela pediu pra eu trocar de turma com a filha dela, aí eu disse pra ela que não aceitava, e perguntei por que ela queria que eu trocasse, e ela falou que era justamente por isso, porque meus alunos estavam desenvolvidos e os dela não, e a filha dela só tinha a 5ª série e estava dando aula na primeira, e ela queria que eu deixasse minha primeira série que já estava preparada, pra ir dar aula na alfa da filha dela.

Foucault colabora para a discussão afirmando que

o poder não existe, existem práticas e relações de poder. O que significa dizer que o poder é algo que se exerce, que se efetua, que funciona. E que funciona como uma maquinaria, como uma máquina social. (FOUCAULT, 1980, p.138)

Esse pensador francês caracteriza o poder como antropológico, existente na particularidade de cada indivíduo. E esse, por sua vez, em determinadas situações, emerge de forma desarticulada, comprometendo o contexto educacional. Nota-se aqui a importância do papel do gestor frente ao trabalho do educador. É imprescindível que este primeiro tenha consciência frente às microrrelações de poder do seu cotidiano, conservando assim o papel de coordenador do contexto escolar, e não de executor de um autoritarismo com favoritos beneficiários. Situações favoráveis de forma conjunta devem ser almejadas, visto que o conjunto das forças de uma instituição precisa estar em sintonia para que o cotidiano não passe por desarticulações que prejudiquem sua dinâmica. Percebo

aqui a necessidade da contínua reflexão dos componentes de uma escola.

No cotidiano do professor, é necessário que ele realize uma contínua reflexão sobre suas ações, sobre sua cultura, seu modo de ver o mundo, os valores que norteiam suas relações com os sujeitos de seu relacionamento diário. A reflexão como ponto importante nesse processo, faz-se necessária enquanto fator primordial para a percepção e avaliação da maneira com a qual os docentes vêm agindo. Nesse sentido, percebo que, mesmo sem a formação escolar exigida pelos órgãos oficiais de educação, já havia em nossas narradoras uma espécie de “percepção da qualidade necessária de sua atuação”, pois mesmo sem conscientemente saber que efetuavam ações psicologicamente comprometidas com o eficaz andamento de suas atividades e o bem-estar das relações entre os sujeitos do âmbito educacional, elas já se aproximavam dessa dimensão.

4.5 – A relação das narradoras com seus saberes experienciais

As narradoras utilizam seus saberes experienciais, uma vez que tenham iniciado seus ofícios como leigas, sem formação alguma. Esses saberes são considerados por Tardif como

[...] saberes específicos, baseados [no] trabalho cotidiano e no conhecimento de seu meio [...] brotam da experiência e são por ela validados. Eles incorporam-se à experiência individual e coletiva sob a forma de *habitus* e de habilidades, de saber-fazer e de saber-ser (TARDIF, 2002, p. 39)

A docência implica um congregado de saberes que são histórica e gradativamente acionados ao longo da particular atuação. Tais saberes resultam de sua participação ativa num contexto educacional social, e de todas aquelas relações estabelecidas com os sujeitos nos locais de trabalho. Ingressar na docência é abrir um caminho de novas possibilidades e fontes de conhecimento, que vão integrando a constituição da identidade profissional.

O saber desses educadores está continuamente unido a uma experiência de trabalho com outros (colegas de trabalho, alunos, pais, comunidade, etc.) enxerga-se como um saber ancorado a uma tarefa abstrusa (educar), que situa-se em um espaço onde se desenvolve (sala de aula, escola, ambientes alternativos, etc.), e enraizado em uma instituição e em uma sociedade; esses saberes carregam consigo efeitos do seu trabalho, pois

entende-se que não seja apenas um elemento no trabalho, mas algo que é produzido e modelado no e pelo trabalho. (TARDIF, 2002, p. 52).

Percebo a relação apontada por Tardif, quando Edilizia fala sobre sua relação com suas colegas de trabalho:

Sempre foi boa essa minha disponibilidade de conversar de tudo, as amigas me ajudavam a trabalhar melhor, os alunos eram muito bons e sempre tive carinho muito grande dos pais, nunca tive problemas, sempre a gente encontra, seria demagogia dizer que não, mas foram poucos...

A relação das narradoras com seus saberes é de extrema interação. São saberes constituídos a cada momento de atuação, a cada dia, a cada aula, novas experiências vão sendo realizadas e delas extraídas conhecimentos a serem utilizados paralela e continuamente em sua atuação em sala de aula. São experiências inseridas dentro de um contexto de múltiplas possibilidades, o que é mediado por aquilo que Tardif chama de condicionantes diversos para a atuação do professor. E ele explica que:

esses condicionantes não são problemas abstratos como aqueles encontrados pelo cientista, nem problemas técnicos, como aqueles com os quais se deparam os técnicos e tecnólogos. O cientista e o técnico trabalham a partir de modelos e seus condicionantes resultam da aplicação ou da elaboração desses modelos. Com o docente é diferente. No exercício do cotidiano de sua função, os condicionantes aparecem relacionados a situações concretas que não são passíveis de definições acabadas e que exigem improvisação e habilidade pessoal, bem como a capacidade de enfrentar situações mais ou menos transitórias e variáveis (TARDIF, 2002, p. 49).

Situações adversas, modificadoras, situacionais, instigadoras são parte integrante do dia-a-dia docente. São esses momentos responsáveis pela construção da identidade profissional. É na e pela experiência que os aprendizados das professoras-esposas-de-garimpeiros foram inicialmente constituídos estabelecendo assim a formação prática de um saber docente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nossa trajetória realizamos escolhas a todo instante. As mais importantes certamente identificamos como as que nos edificam, ajudando a construir o que hoje somos. E o que hoje somos é fruto do que ontem quisemos ser.

A cidade de Itaituba, sempre pacata e subdesenvolvida estava passando por um momento turbulento, desestruturado, de um sonho mútuo de melhoria de vida. Recebia diariamente dezenas de imigrantes atraídos pela “fofoca do ouro”. Ir para um lugar desconhecido não importava. Todos estavam ali para o êxito, e era exatamente disso que não desistiriam. Garimpeiros comandando a partida, uns iam à frente, alguns acompanhados por suas mulheres, outros procuravam poupá-las das dificuldades iniciais. Todos pelo sucesso! A “febre do ouro” conflagrava cada vez mais. Garimpeiros a toda hora chegando, a concorrência aumentando, ouro diminuindo. Hora de fazer algo para ajudar.

Cada narradora com suas particularidades narrou-me com muita emoção suas histórias. Detalhes que lhes foram importantes, marcantes e responsáveis por fixar em sua memória as lembranças de um difícil período de lutas e conquistas. O interesse em ouvi-las não se deu por acaso, mas sim pelo registro de suas experiências, da emoção vivida por elas e refletidas em nós por meio dos seus relatos. Ser de uma família com histórias tão parecidas a essas me dá um sentimento refletido de reconhecimento do caminho percorrido e do trabalho efetuado.

Estar à vontade na presença de um estranho não lhes pareceu difícil. O atento ouvinte estava ali simplesmente para executar seu papel: ouvir. Cada segundo que se passava era responsável pelo compartilhamento de emoções que até então nunca tinham sido partilhadas. Naquele momento alguém valorizava suas lembranças, a ponto de querer registrá-las, escutando e dividindo entre sorrisos, suspiros e lágrimas os sentimentos das experiências narradas. Assim estabeleceu-se um ponto de confiança. Existia na relação narradora x pesquisador, não somente um posicionamento profissional, mas uma estreita cumplicidade estabelecida entre a disponibilidade de compartilhar e a importância dada por quem ouvia. Penso que ao não confrontar as falas com dados provenientes de outras fontes

não diminuo o rigor desta pesquisa, pois o que mais importa no presente tipo de estudo é o que foi ouvido e lembrado

As tarefas primárias, socialmente úteis, desenvolvidas em suas condições de esposas e mães são mantidas, para paralelamente exercerem a função docente. Convites, ou necessidades? Não tenho como escolher um único motivo, pois cada narradora ouvida tem sua particularidade, impedindo-me assim de eleger uma privilegiada razão para a inserção das “esposas de garimpeiros” no ofício de professoras.

A atuação das narradoras ocorreu de uma forma singular, única e desafiadora. Conciliar atividades domésticas, desafiar maridos, preconceitos, ausência de estrutura, distâncias, má remuneração, falta de experiência e de formação no que se solicitava fazer, mas, apesar disso, uma grande vontade de escolarizar as crianças constituíram grande parte de sua identidade docente.

Iniciar um trabalho leigo foi tarefa difícil, mas a fizeram. Logo nos primeiros momentos de atuação, foram elas que sozinhas tiveram que exercer uma auto-motivação para que conseguissem prosseguir a cada dia esse percurso. Eram agora professoras. E professoras com autonomia. Mas o avesso da autonomia tinha suas conseqüências. Um trabalho sem apoio, sem infraestrutura, e, sobretudo, sem formação específica em cursos de licenciatura. Um trabalho que resultava em solidão, devido à autonomia sem condições para exercê-la.

As pequenas realizações cotidianas das narradoras tinham um valor primário: educar os alunos. E diante dessa valorização a atividade docente ficava mais prazerosa, criando nelas a disposição para inovar. Sabemos que a prática docente abrange um composto importante de hábitos fixos, devido à forma como o trabalho na escola é organizado. A rotina que elas seguiam era apenas aquela informal que qualquer instituição leiga estabelece para serem seguidas, porém estaria longe de impedi-las de pensar e agir diante das várias situações que viriam a enfrentar.

Os espaços inapropriados de atuação inicial, variados entre escolas cobertas de palhas e salas divididas por compensados, salas disponibilizadas por órgãos públicos não impediram que as aulas se realizassem. Naquele momento importava “ser professora”, e para tal, agir com os alunos era o prioritário, não importava onde.

As dificuldades foram suplantadas com muita criatividade e algum apoio da comunidade, composta por interessados no êxito desse trabalho. A liderança das narradoras frente à modificação das condições de trabalho foi imprescindível para romper o isolamento e construir uma “equipe” em prol da educação.

A remuneração era outra dificuldade a ser superada. Trabalhava-se muito e pouco se recebia, mas para quem quase nada tinha o pouco que se ganhava era muito. Isso não foi fator de reivindicação para elas, embora fosse muito importante dispor daquela remuneração para que superassem as situações precárias às quais tinham se submetido em busca do sonho de dias melhores.

Os desafios eram diários, mas a força de vontade e a persistência eram renovados a cada dia. Criar uma atmosfera de relações de confiança, livres para experimentar, cometer erros e aprender com eles, foi decisivo para o alcance de efeitos positivos no trabalho encarado.

Todas as narradoras identificam-se como vitoriosas diante do trabalho que se dispuseram a fazer. Quando falam de si mesmas é explícito o contentamento por serem professoras. Falam da fase inicial (leiga) com orgulho de pessoas que narram uma trajetória repleta de superações, verificadas ao longo de seus ofícios.

Sei que ainda é preciso muito para melhorar a atividade docente em nosso país. Ainda existem vários lugares onde a educação escolar ainda não se processa, e são pessoas como as enfocadas nesta pesquisa que fizeram (e fazem) a história da educação acontecer de algum modo. No entanto seus nomes ficam na penumbra do reconhecimento acadêmico. Neste trabalho procurei dar voz a essas professoras que simbolizam um ofício apropriado por elas em um contexto cultural, social e econômico muito peculiar.

Atualmente, todas as narradoras são formadas em Pedagogia pela Universidade Vale do Acaraú - UVA. Perpétua especializou-se em Psicologia da Educação e é diretora da escola onde iniciou seu ofício. Rosirene é secretária da escola em que começou a trabalhar. Maria Prado, Edilizia e Maria continuam professoras e ainda hoje exercem a docência.

REFERÊNCIAS

- ABREU-BERNARDES, S. T. *A poética na formação humana – leituras de uma educadora*. 2008. 223 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás. Goiânia: 2008.
- BACHELARD, Gaston. *Fragmentos de uma poética do fogo*. Tradução: Norma Telles. Organização e Notas: Suzanne Bachelard. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- BENJAMIN, Walter. *O narrador*. In: _____. Os Pensadores: Benjamin, Horkheimer, Adorno, Harbermas. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1994. (Os Pensadores).
- BITENCOURT, Marcelige Aparecida. AMODEO, Nora Beatriz Presno. Identidade, valores e Governança das cooperativas. In: Encontro de Pesquisadores Latino-americanos de Cooperativismo, 5 e Encuentro de Investigadores Latinoamericanos de Cooperativismo, 5, 2008, Ribeirão Preto, São Paulo. *Anais...* Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil: [s.n.], 2001. p. 1-16
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. 3ª edição. São Paulo: Companhia das letras, 1994.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A arca de Noé: apontamentos sobre sentidos e diferenças a respeito da ideia de cultura. In: SUESS, Paulo. *Cultura e evangelização*. São Paulo: Loyola, 1991. p. 21-40.
- _____. *A pergunta a várias mãos: a experiência da pesquisa no trabalho do professor*. São Paulo: Cortez, 2003.
- _____. O conhecimento, a cultura e a educação: algumas anotações em tempos de novo milênio. In: *Educativa*, Goiânia. v. 4, n. 2, p. 303-332, jul./dez. 2001.
- BRASIL. Ministério das Minas e Energia. *Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais*. Prefeitura Municipal de Itaituba. Relatório 1993. Recursos Minerais do Município de Itaituba Estado do Pará. Brasília: MME/CPRM, 1994.
- COUDREAU, Henri. *Viagem ao Tapajós (1859 – 1899)*. Belo Horizonte, MG; Itatiaia, SP: Edusp, 1977.
- DIOGO, Fernando; SARMENTO, Manuel J. Regulamento Interno e Construção da Autonomia das Escolas. *Cadernos Pedagógicos*. 2. ed.. Porto: Edições ASA, 1998.
- DIOGO, José M. de Lemos. *Parceria escola-família, a caminho de uma educação participada*. Porto: Porto Editora, 1998.

DUTRA, Manuel. *Ramal de doidos: o interior da Amazônia visto por um repórter*. Santarém: Instituto Cultural Boanerges Sena, 1998.

EZPELETA, J.; ROCKWELL, E. *Pesquisa participante*. São Paulo: Cortez, Autores Associados, 1989

FERNANDÉZ, A. *A inteligência aprisionada*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 22ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA ESTATÍSTICA - FIBGE. *Anuário Estatístico do Brasil*. Rio de Janeiro: Brasil, 1991.

HAGE, Salomão. M. Editorial. *Comunica Multissérie: histórico do grupo*. Belém: Ano I – n. 1, fev., 2004.

IANNI, Octávio. *A luta pela terra: história social da terra e da luta pela terra numa área da Amazônia*. 2. ed.. Petrópolis, RJ: Vozes, 1979.

LOUREIRO, Violeta Refskalesky. *Amazônia: homem-estado-natureza*. Belém: CEJUP, 1992.

MACHADO, F. M. S.; SIMÕES, A. N. Análise custo-efetividade e índice de qualidade da refeição aplicados à Estratégia Global da OMS. *Rev. Saúde Pública*. vol.42 no.1. São Paulo fev. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=0034-891020080001&script=sci_issuetoc> Acesso em: 20 out. 2009.

MAURICE, Merleau-Ponty. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2006.

MINISTÉRIO DOS TRANSPORTES – Secretaria Executiva. *Rio Tapajós* (Amazonas/Pará). Disponível em <<http://www.transportes.gov.br/bit/hidro/detriotapajos.htm>>. Acesso em 15 mai. 2009.

MOITA, Maria da Conceição. Percursos de formação e de trans-formação. In: NÓVOA, António. (Org.) *Vidas de professores*. 2.ed.. Porto: Porto Editora, 2000.

MOREIRA, Daniel Augusto. *Método fenomenológico na pesquisa*. São Paulo: Edição. Pioneira Thomson Learning. 2001.

MOREIRA, Francisco de Assis Santo. *Mineração e colonização: impactos sociais na cidade de Itaituba – PA (1970 -1985)*. Itaituba-Pa: Brasil Gráfica, 2003.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *Identidade, etnia e estrutura social*. São Paulo: Pioneira Editora, 1976.

PEIXOTO, Adão José. (Org.). *Concepções sobre fenomenologia*. Goiânia: Editora. UFG. 2003.

PINTO, José Armindo. *Impactos sócio-ecológicos da mineração e da garimpage na*

Amazônica Oriental: realidades amazônicas no fim do século XX. Universidade Federal do Pará. Belém:1991, p. 435-459.

MINISTÉRIO DA DEFESA. Projeto Rondon [online]. 2009. Disponível em: <https://www.defesa.gov.br/projeto_rondon/index.php?page=projeto_rondon> Acesso em: 20 ag. de 2009.

RIBEIRO, Nelson Figueiredo. *Políticas Públicas para o desenvolvimento sustentável da Amazônia*. Belém: SEICON, 1990.

RODRIGUES, João Barbosa. *Rio Tapajós*. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1875.

ROLNIK, Suely. Pensamento, corpo e devir: uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. *Cadernos de subjetividade*, v. 1, n. 2 – 241–51. São Paulo: Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade - PUC-SP, 1993.

SALES, Herberto. *Garimpos da Bahia*. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico IBGE, 1955.

SANTOS, Nazareno. *Tapajós: histórias e estórias e outras moagens*. Itaituba-PA: 2008, v. 1. mimeografado.

TARDIF, M. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

_____. Os professores face ao saber: esboço de uma problemática do saber docente. *Teoria e Educação*, n. 4, 1991.

_____. *Saberes docentes e formação profissional*. 2. ed.. Petrópolis-RJ: Vozes, 2002.

_____. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários: elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas conseqüências em relação à formação para o magistério. *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo: n° 13, 2000.

_____ et al. Os professores face ao saber: esboço de uma problemática do saber docente. *Teorias e Educação*. Porto Alegre: Panônica Editora. n.º 4, 1991. p. 215-233.

TEDESCO, João Carlos. *Paradigmas do cotidiano: introdução à constituição de um campo de análise social*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999.

VAZ, Arnaldo. MENDES, Regina. MAUÉS, Ely. Episódios e narrativas de professores – experiências e perspectivas docentes discutidas a partir de pesquisa sobre conhecimento pedagógico e conteúdo. In: REUNIAO ANUAL DA ANPED, 24, 2001 Caxambu. *Anais...* Rio de Janeiro: [f.n.], 2001.p.1-16.

APÊNDICES

Apêndice⁵: A

Narrativa 1: Rosirene

— *O interior onde a gente morava ficava daqui há 25 km né... uma comunidade de nome Nossa Senhora de Nazaré e lá eu iniciei meu trabalho de professora... com o marido lavrador... Aí com o tempo, que eu já tava trabalhando, as dificuldades, muitos feriados a carência também do espaço, dificultava pra gente fazer um bom trabalho, mas mesmo na crise... a gente trabalhou!!! Aí quando foi em 79, o marido decidiu abandonar a colônia e ir pra cidade, trabalhar de garimpo...*

— A senhora já tinha o magistério nessa época?

— *Não... eu não tinha o magistério, ainda era professora leiga, mas com o diploma com direito a lecionar...-Aí quando foi em 80 nós mudamos pra cá, aí eu não trabalhei em 80 porque não tinha escola pra mim trabalhar, eu morava na cidade alta, mas em 81 terminaram de fazer a escola Gonzaga Barros aí eu comecei já na escola Antonio Gonzaga Barros. Já tinha 5 filhos e o marido garimpeiro... ia pros garimpos e eu ficava com os filhos... Ele demorava fora 5, 6 meses fora de casa, tinha vezes que eu sabia notícias uma vez, duas... as outras eu não sabia, e assim a gente levava a preocupação era dobrada! Porque tinha a preocupação com os filhos, com o trabalho e com ele!!! Porque ninguém sabia como estava, o que tava acontecendo, se tava bem de saúde... se não estava, então se tornava uma preocupação, e se tornava difícil o trabalho, era uma rotina assim... muito cansativa, porque o salário não era... não dava pra pagar alguém pra ficar com as crianças então você sacrificava também os filhos, pra poder trabalhar pra ... no orçamento familiar. Não tinha tempo pra acompanhar os meninos! Eu hoje digo pra Deus: Muito obrigado pelos filhos que ele me deu porque eu não criei... eu não fui mãe pra dizer assim: Eu acompanhei meus filhos, as vezes quantas vezes eu chegava já tavam dormindo, as vezes se encontrava de manhã, as vezes nem aqueles que dormiam mais, nem isso... pra poder ajudar em casa.*

— E foi em 81 que foi construído o Gonzaga Barros?

— *Foi... em 81 que foi construída a escola Gonzaga Barros. Aí eu já fui pra lá pra trabalhar como professora... aí trabalhava 2 horários, um de manhã e outro a tarde e sobrava a noite, mas só que ali ainda sobrava o período da noite pra ficar com meus filhos e ninguém queria saber que você ainda tinha que dar conta do serviço de casa também né... você era empregada, doméstica, era essa a situação da gente...*

⁵ Nesses apêndices, minhas alocações estão escritas em estilo normal, e as falas das narradoras em estilo itálico

— A senhora me disse que tinha certificado pra trabalhar com esses alunos, como que era isso?

— *Antes a gente fazia, o meu primeiro grau foi feito através dum curso, e esse curso era dado pelo campus avançado do Projeto Rondon né, então o Projeto Rondon capacitou vários professores que não tinham o 1º grau completo pra poder assumir, porque não tinha professores que tinham magistério, Itaituba era contado os professores que tinham magistério então foram esses professores que foram capacitados pra trabalhar com...na educação.*

— A senhora lembra mais ou menos quantos eram?

— *Olha eu creio , nos éramos uma turma assim de 40 professores... inclusive outro dia ate no INSS o rapaz falou que eu fui a primeira professora daquele certificado a se aposentar O certificado me deu garantia....*

— Então a senhora está aposentada hoje?

— *Não não... já dei entrada né...Pois é Rudney, mas... a gente ficava imaginando, hoje, comparando hoje... hoje tem mais transporte, tem mais oportunidade de você mandar uma coisa... lembro que meu marido ia pro mato grosso... Trabalhar com garimpo no mato grosso e voltava aqui pro Pará... garimpeiro num tava nem aí não... se tava dando ouro era pra lá que ele ia, né...se fosse pra cá ele voltara pra cá... Num importava como ia ficar a família aqui não... importava era que tava na fofoca do ouro... Então eles iam praquela fofoca, e a gente ficava aqui, do outro lado esperando o que fosse... O que viesse... o que dava pra mandar pra gente, e as vezes se tornava difícil, uma vez recebi uma noticia que meu marido estava morto no garimpo, só com os pés do lado de fora, com a cara enterrada e com os pés do lado de fora...pra gente era uma tortura pra mim e pras crianças, sem saber se era vivo ou era morto, tava mais de 5 meses a gente num sabia nem noticia, porque foi pra essa fofoca, não deu nada, aí “brefou” não tinha como voltar pra casa e por lá ficou... então eu fico assim diante de as pessoas, a gente passava assim por abusos, por necessidade também porque o salário naquela época, eu me lembro meu Deus do céu era duzentos mil, uma notinha verdinha... duzentos mil, não tem quase nada quem tem duzentos mil... né (risos) hoje duzentos mil, vamos comparar né... Duzentos mil cruzeiros, foi meu primeiro salário, duzentos mil cruzeiros... pra trabalhar na educação... Mas também teve muitas coisas boas que a gente pode adquirir nesse decorrer, porque essas preocupações eram tantas, mas você deixava em casa pra poder ir trabalhar, aí quando voltava do trabalho pegava tudo de volta... as preocupações... aí ia imaginar como ia manter, como ia sustentar, o que ia fazer no outro dia pra dar comer às crianças, bom... então era uma dificuldade mesmo pra ir trabalhar, sem pensar que você ia trabalhar sem condições de trabalho, porque tinha o prédio e você e o aluno...*

— Como que era a escola lá?

— *A escola no começo era de madeira, toda de madeira coberta de brasilit , e as carteiras e os alunos e eu, ai o que você ganhava você tinha que dividir com os alunos, porque se você quisesse dar uma aula de qualidade que nem se diz hoje, você tinha que comprar material. E quando se trabalhava com multisseriado você tinha que dobrar, porque são séries diferentes, porque eu não posso aplicar pro meu aluno de 2ª série o conteúdo de 4ª...*

então teria que fazer trabalho diferenciado, no interior não tinha energia não tinha outros tempos... não tinha mimeógrafo então era feito no carbono... as atividades, noites a dentro eu com a lamparina e no carbono fazendo as atividades dos alunos, para que no outro dia eles pudessem estar lá... e também quando retornei pra cidade também foi essa mesma lida porque não tinha energia era a mesma dificuldade você ter que passar quase a noite inteira preparando atividades pros alunos

— Essa escola que a senhora citou era a do interior né?

— *Sim... do interior... No Gonzaga Barros era a mesma situação!!! Não tinha energia, então toda tarefa que você queria fazer pro seu aluno era no carbono porque não tinha mimeógrafo também... No Gonzaga foram séries, aí aqui melhorou no Gonzaga porque já foi uma série específica, eu trabalhava com uma primeira série, aí melhorou porque já era um nível só, nera... só era um trabalho e você tinha que fazer, porque você pegava criança que não tinha alfabetização, você pegava criança pra trabalhar na 1ª série, você quem tinha que iniciar... ver o que podia fazer pra poder equiparar os alunos, e hoje os alunos passam pelo jardim 1, jardim 2, alfabetização... e na época não você tinha aluno com 7 anos na escola que nem no lápis sabia pegar, você tinha que ensinar ele pegar no lápis pra poder começar o seu trabalho.*

— Tem algum período que a senhora se lembre que começou a melhorar essa situação na escola?

— *Ah quando começou a melhorar a situação na escola foi em 86 quando eu assumi a direção do Gonzaga Barros... aí a dificuldade de salário, pois o de diretor era menor que a do professor... mesmo assim eu achei que era um desafio, era aquilo que eu queria fazer, estava no meu pensamento, mas eu não desenvolvia porque tinha outros diretores e eles não aceitavam fazer... diretor antes não aceitava sugestão... era ele e ele !!! né... eu sempre via assim, então quando surgiu a oportunidade pra mim assumir a direção... Antes era marcado e convidado, hoje você vê que as pessoas querem assumir o cargo, antes não... Andava na casa da gente perguntando, gente pra assumir a direção e ninguém queria assumir... e quando eu assumi eu assumi assim com aquela vontade de trabalhar mesmo pela educação... de fazer alguma coisa. Então a partir dali eu comecei a partir de 86 na direção, a escola ainda funcionava de 1 a 4 série a Antonio Gonzaga Barros... E assim... Apenas com 3 salas de aula... Era de manhã, intermediário e tarde, então quando eu comecei em 86, quando foi em 87 eu já me planejei começando a dar entrada naquilo que eu almejava, que as outras direções não fizeram...*

— Como que foi assim pro seu nome ser indicado pra direção da escola? Porque a senhora era professora...

— *Era professora, então tinha a diretora, na época ela era diretora e na época ela tinha uma criança pequena, e ficava difícil dela levar a criança pra escola, ela levava e deixava a criança numa esteira deitada pra dormir e aquilo não era o certo né porque era uma criança... mas aí não tinha com quem deixar a criança em casa... Aí ela foi e me indicou, se eu aceitava se eu não queria... aí eu já fui aceitar essa direção para ajudá-la porque eu imaginava que ia cair meu salário né... e agente já vivia na dificuldade e meu salário já era lá em baixo... Havia uma diferença de salário, professor de 200 hora ganhava mais que o diretor, então era questão que ninguém queria assumir direção de escola, tinha responsabilidades que dobrava, pois você sabe que uma escola funciona, se governa né, e*

sem dinheiro ela funciona na marra, e antes não tinha... era você, a escola e os alunos e você se virava para que acontecesse as coisas, quando não tinha apoio da secretaria de educação você virava pra conseguir as coisas, comprar... então em convidou e eu assim meio sem querer assumi, pois vi que era melhor pra ela cuidar da bebê e eu não tinha nesse período criança pequena, aí eu fui...

— E pros seus colegas como que foi assim essa notícia?

— Não... pra eles assim, porque assim lá na escola era tipo uma família né, então eles já diziam assim... que quando ela procurou ela não procurou só a mim, ela procurou chamou todos os professores e fez o convite para assumir... e ninguém aceitou assumir, por causa do salário diminuindo... todo mundo precisava daquele dinheiro, aí eles perguntavam pra mim se eu queria ficar; Fica Rosirene que é melhor que alguém de fora... e eu aceitei assim no intuito assim, Eu vô ficar porque eu vô lhe ajudar por causa da bebê... e aí eu entrei e vi que era ali mesmo que eu tinha que estar... comecei trabalhar e colocar o trabalho em pratica e em 87 fiz todos meus projetos pra 88 e em 88 comecei com fundamental completo... só tinha de 1 a 4 aí foi de 5 a 8 e em 91 com vontade de que a escola crescesse, crescesse...em 91 já comecei com ensino médio.... Fiquei de 80 a 86 como professora e de 86 a 95 como diretora... quase 10 anos de direção

— E a senhor achou mais difícil qual?

— Olha professora eu achei... eu sempre digo pras minhas meninas... a educação Rudney, pra mim... foi ... é pra mim mesmo, me identifiquei desde o começo, desde o interior... no primeiro momento, eu já vi que era lá o trabalho que eu tinha que desenvolver, que lá no interior, longe de tudo, só uma estradinha, não tinha transporte, eu já fazia de tudo pra desenvolver um bom trabalho... vinha em busca da vida, mas aqui eu consegui em Itaituba Não era concurso, você ia mesmo, tinha vaga e você já ia. Era um contrato Da Secretaria de Educação de Itaituba contratava pro interior. Lá não tinha professora e eram mandados pra lá. Fui convidada pra trabalhar nessa escola. Aí fui trabalhar, morei com uma família, que sempre tinha uma família responsável, era como se fosse o presidente da comunidade, aí a família lutou pela escola e eu morava na casa deles,

— No caso da sua vinda pra cá pra Itaituba, continuou sendo contrato?

— *Sim. O concurso já tinha acontecido.*

— Mas hoje a senhora é concursada?

— *Não eu não sou concursada sou efetiva, não fiz mais concurso porque já sou efetiva*

— E com quantos anos você se torna efetiva?

— Olha... tem um período né, por exemplo estado, o município a partir de 80 de 82 todos os funcionários de 82 pra trás se tornou efetivo, ate março de 82, 82 não, 83 ate março de 83 quem estava na educação se tornou efetivo, ate o dia 10 de março de 83 e o Estado foi já em 86 de 86 pra trás se tornou efetivo.

— E dessa época que a senhora ficou como professora, tem alguma coisa que lhe marcou?

— *Tem. Quando eu fui professora o que mais me marcou né, ate escrevi no memorial da minha graduação, no memorial o que me marcou foi no interior, porque lá a gente via a carência da criança, a necessidade, não tinha, vamos se disser assim: Eu vô dar isso pra minha primeira série. Mesmo assim a gente estava ali, a distancia também, a casa longe da escola, tinha aluno que vinha 6 km pra escola, de inverno, verão , aquela luta, mas ele estava ali presente e eu fiz um trabalho assim voltado pra comunidade pois todo o período que eu passe com eles, eu tinha que ir visitar a casa deles, eu jogava as coisas no fim de semana, ia 6 km, 10 km, mas tinha que estar na escola 7 em ponto, então isso me marcou muito a responsabilidade dos pais, era responsabilidade mesmo... e as vezes uns deles nem café tinha conseguido tomar antes de sair de casa, saia de casa tinha que sair e muitas vezes passava mal, mas chegava na escola, então isso aí me preocupava ou que tivesse merenda ou que não tivesse, mas eu tinha que dar meu jeito, eu tinha que fazer alguma coisa pra quando meu aluno chegasse ele tomasse café, então a primeira coisa quando ele chegava na escola ele tinha que tomar café, eu preparava café, cuscuz né, meu marido fazia um tanto de cuscuz pra mim de madrugada pra mim dar o café pras crianças pra que eu pudesse trabalhar. O café era por minha conta... no período que gente morava, no interior no sitio tinha muito café então nos meus intervalos eu ia colher café, as vezes a noite com lamparina eu estava colhendo café... pra eu poder utilizar aquilo ali... depois também pra cidade também assim, quando diretora também não era assim ta fácil trabalhar, eu lembro que você não tinha vagas pros alunos, a escola pequena e não tinha vaga, então quando você começava a matricular e terminava as vagas e você dizia que tinha terminado era uma briga... isso me marcou também assim quando eu vim pra cidade né, terminou uma vez me lembro que me derrubaram com mesa e tudo quando eu falei que não tinha mais vaga pra matricular os filhos... aí virava aquela briga, virava briga porque queriam vagas pros filhos e a escola era apenas 2 salas de aula e não tinha como matricular mais de 245 alunos, porque 245 já era aluno demais pra essas salas, e aí a gente , eu sempre colocava... no dia que eu, que desse pra eu assumir, eu aumentaria a escola... e trabalhei e as primeiras salas construídas para aumentar a escola foi com ajuda da comunidade, pra funcionar de 5ª a 8ª série foi a comunidade que veio construir as salas, nós compramos o material, e eles fizeram a obra... se cobrava uma taxa na época... não lembro se era um real... não era real, era um cruzeiro que se cobrava na matrícula, mas esse dinheiro era dividido com a secretaria de educação que na época não era secretaria era coordenadoria então 50% ficava na escola e 50% ficava na coordenadoria e de 50% da escola era que se fazia o trabalho então dava o jeito da gente, porque você sabe que diretor mete a mão no bolso no primeiro dia porque aquilo não é suficiente... então foi esse o trabalho que desenvolvi...e também outro fato que me marcou assim na educação que sempre eu falo, pois estou saindo mas eu levo muita coisa, que eu coloquei no meu memorial que em 87 quando eu assumi, tinha varias crianças que estavam com dois três anos que não saem da primeira série e eu com as minhas loucuras: Vou montar uma sala desses meninos e trabalhar esses meninos pra que eles saiam da primeira série, ai arranjamos uma professora foi lá e gostou da turma, pois eles já sabiam tirar do quadro mas não sabiam ler então eles não tem referencia já tinham perdido interesse pelo estudo... a professora não suportou a turma, veio a segunda também não e a terceira também não, aí eu já era diretora então agora eu vou assumir, não vou atrás de ninguém eu vou assumir essa turma, e assumi essa turma como desafio... eram 37 alunos e eu assumi pra trabalhar mesmo... e consegui desses 37 apenas 2 ficaram reprovados, os outros passaram lendo... e fluentemente*

— Isso foi em qual ano?

— *Em 87 eu já estava diretora... Porque eu passei 10 anos alfabetizando como professora alfabetizadora né, então 10 anos d minha carreira foi só como professora alfabetizadora , preparando... eu fui trabalhar na Semente do Saber, mas só que quando eu fui pra Semente trabalhar eu vi que era muito diferente do nível dos alunos da escola pública, e eu muitas vezes me interrogava: Poxa lá eles tão precisando de mim mais do que aqui, aqui o salário é melhor, pois na semente eu ganhava bem mesmo a vista do município, mas o coitado a que não tinha como pagar e foi pra escola pública, eu coloco assim coitado o aluno né... mais carente, ele precisava mais de mim do que aqueles que estavam lá, e eu trabalhei 3 meses e disse que não ficaria mais... que ia voltar pra escola pública, pois era duma escola pública que eu tinha ido, então o que eu tinha que dar pra uma escola particular eu ia dar pra uma pública, e fui trabalhar no Magalhães Barata, pelo Estado... aí trabalhei no Magalhães Barata com primeira serie também, sempre gostei de trabalhar com as series iniciais, nunca gostei de trabalhar de 5ª a 8ª... porque a base tá ali... e eu ainda hoje defendo que a educação tem que ser de qualidade, principalmente quando é com esses meninos... você tem que respeitar a criança e fazer um bom trabalho, porque quando a gente tava colocando hoje as fases né... a mudança, o aluno teve uma alfabetização e invés de progredir ele regrediu, volta de novo a fazer a mesma serie que ele fez... a alfabetização e eu coloco isso, é falta de compromisso... porque você trabalhar a criança o ano todinho aí passa a criança, ele vai ser feliz, mas depois saber depois que ele voltou pra mesma série... porque é triste pra criança... as vezes um num entende não, mas outro lá na frente já entende mais um pouquinho... porque é que eu to voltando??? Mas a educação pra mim.. foi tudo que eu pude fazer foi na educação...eu fiz o que eu pude... eu digo: estou saindo da educação, Rudney, realizada! Porque na educação o que muitos tinham vontade de fazer... eu trabalhei na escola, eu encontrei o Gonzaga Barros com três salas e deixei com 20, deixei a direção em 95, eu deixei a escola com 20 salas de aula, funcionando de 5ª a 8ª série, EJA e ensino médio em três cursos: Contabilidade, magistério e administração... a escola passou por uma grande ampliação, reforma, murada, toda murada, então dentro da educação no período que eu passei como diretora, quase dez anos né, eu me realizei, fiz aquilo que eu tive vontade de fazer pela educação, hoje quando me chamam: Você quer assumir uma vice-direção? Não! Tudo que eu tive que fazer pela educação eu já fiz!*

— E hoje você trabalha como professora?

— *Como secretária. Também é um trabalho árduo que pra ser secretária... o coração da escola, o pulmão... é a secretaria... se desse errado na secretaria.. você complicou a vida do aluno por muitos e muitos anos.*

— Existe alguma coisa nesse processo que a senhora julga que se tivesse acontecido de outra forma tinha ajudado mais seu trabalho? Apoio...?

— *Bem... Creio que em apoio... Em partes eu não posso falar que tanto apoio né porque se eu não tivesse apoio eu não teria feito tudo isso. Esse apoio que falo é dos prefeitos... que passaram... não passou nenhum prefeito pela prefeitura pra não deixar um pedacinho lá na escola... Todos os prefeitos que passaram.. o Altamiro construiu, o Fran Mendonça ampliou com 2 salas, o Schuber fez uma quadra e mais uma sala né... nós tínhamos na escola um consultório... acabou porque nas salas teve uma mudança, tinha uma enfermeira de plantão... tinha uma parceria um período... fiz uma parceria com o BIS, naquela época não chamava nem projeto era um Documento!!! Fiz um documento pra ver se dava certo né pro quartel, pros médicos virem uma vez por mês na escola consultar...*

consultar. Era atendimento social. Esse atendimento eles levavam médico... Médico mesmo né pra fazer consulta, e também levavam é... Assim limpeza de dentes, extração, todo um trabalho voltado, então foi um trabalho assim um documento que mandei, eles acataram a documentação e ficaram assim de me dar a resposta e ficavam, atendimento pra comunidade, porque meu plano no princípio era pra atender a criança, o alunado, mas aí depois foi tão amplo que se atendia a comunidade, aí as vezes muitos da cidade baixa iam pra lá nesse período pra fazer consulta.

— E como foi pra senhora ter essa ideia?

— *Às vezes a criança tinha... Passava mal na escola, às vezes tinha vomito... Chegava assim e os pais não tinham como levar pro médico, pois a medicina aqui também né... Era... E muitos levavam pro quartel, porque lá no quartel eles consultavam eu também levava meus meninos pra ir consultar lá no quartel... Não tinha hospital. Tinha o SESP mas era pouco, então lá quando eles chegavam, quando surgia crise, eles consultavam no quartel. Quem fosse eles não deixavam voltar não. Consultava. Então através de levar uma menina minha pra ir consultar lá... Aí eu pensei de mandar o documento.. e o documento deu certo... então Rudney, em vista desse atendimento o seu Fran mandou fazer um laboratório odontológico...*

— Quem mandou?

— *Seu Fran Mendonça. E uma salinha pra consulta, um consultório. Esse consultório quem ficou lá muitos anos foi a professora Norma. Quando chegou pra cá trabalhou lá. Trabalhou como enfermeira. Norma Viana, trabalhou como enfermeira atendendo. Na escola deixei muito assim como é... Parceria com os correios... Os alunos da escola tinham o direito de fazer quando precisavam de adolescentes pra trabalhar... Vinham na escola fazer escolha de alunos pra botar pra trabalhar, correios, banpará,, INSS, todos eles vinham. Poderia hoje ser um projeto pra que a escola se vinculasse e fizesse parte também... o Banco do Brasil, BANPARÁ, nossos alunos eram chamados no período né...hoje acabou tudo, não tem mais... mas eles eram chamado, toda vez que precisavam eles colocavam o nome deles e eles iam... tinham vários alunos que trabalhavam naquele período.*

— E as pessoas que trabalham hoje, eles tem essa visão de como a escola era, de como está agora...

— *Olha eles tem! Essa visão... Assim Rudney, eu creio assim, eu imagino eu fico assim pensando... Fiz um bom trabalho porque a gente vê as sementes plantadas né. Ontem mesmo eu tava em casa e precisava do José Luís advogado, e mandei o recado pelo Elias: Diga pro José Luís vir aqui em casa... e as meninas... Mãe você manda um recado assim só pra ele vir aqui em casa? É! Ele vem e quando foi a noite ontem ele disse: Pronto mestra estou aqui... (risos) e eu digo: Pois é eu quero me aposentar... e você só me retorne aqui em casa quando eu estiver aposentada com tudo organizado... e ainda assine esse papel que diz que você não vai me cobrar nada por esse trabalho. Então é assim aquela... Assim também são os companheiros que a gente trabalhou junto.*

— Ele foi seu aluno?

— *Sim. Meu aluno. Então meus frutos hoje...!!!*

— Mas o pessoal da escola também tem...?

— *Sim eles têm essa mesma visão, sabem que eu desenvolvi um bom trabalho, todos os diretores que por lá passaram sabem do trabalho que a gente teve.*

— Quando a senhora foi sair da direção foi em... ?

— *Eu saí em 95. Quem me substituiu foi a Loreni na época.*

— E como foi a aceitação?

— *Olha não foi assim muito boa não, mas na época eu não tinha ensino superior, só tinha ensino médio. Então pra que também ficasse um diretor de ensino médio, eu aceitei porque diretor de ensino médio com ensino médio eu sabia que era precariamente, tanto é que a documentação que o Estado era assim... Provisoriamente. Não era uma coisa assim que eu ia ter que ficar, então eu esperava que a qualquer momento vinha alguém me substituir... Não esperava que fosse da forma como eu fui substituída... Porque foi assim uma coisa de sai não sai... Até com picuinhas, aquelas coisas que eu não gosto... e eu sou uma pessoa de pouca conversa. Chamei vamos sentar, é assim que você quer? É? Então senta aqui que eu to saindo... Mesmo assim Rodney nunca sai da direção, ainda hoje me sinto um pedaço de diretora, porque continuei na escola, ela não assumiu assim de ficar lá como não ficou então quem assumiu todo comando era eu que continuava, aí novos diretores passaram, eu sempre digo eu fiquei, depois de mim : Dona Leni, Vilemar, Ribamar, Isabel e se for contando... são poucos anos... A Eliene ficou poucos anos... e creio que daqui uns dias ela volta, saindo da SEMECD ela volta pra lá.*

— E como professora a senhora ficou no Gonzaga de 81 a...?

— *A 86. de 81 a 86... Aí de 86 a 95 fui diretora, mas fiquei como vice uns períodos e hoje sou secretária, retornei também em 2002 fui diretora de novo, não perdi um vínculo total da direção.*

— E seu marido como ele encarava...?

— *Assim nos primeiros momentos da direção... porque quando professora eu ia e voltava, mas quando na direção não foi muito fácil não, porque eu estava na escola de manhã de tarde e de noite. E aí dessa vez eu abandonei de vez a casa.*

— Mas ele já tinha deixado de ir pro garimpo?

— *Não, aí ele... Já... Aí nesse período eu “fiz minha cama” né, me preparei pra trazer ele de volta pra casa. Eu arranjei pra ele... Porque o homem é assim, Pra você ganhar mais do que eu não... Ele tinha que ir pro garimpo porque achava que lá ele ganhava de igual pra igual. Mas eu consegui convencer e ele aceitou trabalhar de vigia. Então ele trabalhava de vigia e eu consegui trazer ele do garimpo pra casa. Muitas vezes ele zangava porque eu passava o dia fora longe das crianças, mas depois ele acostumou e virou um doce de marido (risos) e já não se preocupava mais.*

— Então esse foi o único problema?

— *Sim a questão salarial, o orgulho dele. Ele ajudava manter a casa, ajudava fazer... Virou... Eu saía de casa e ele cuidava das crianças pra mim... Orientava a ir pra escola, determinava o que tinha que comer, ele mesmo fazia almoço...*

— Escuta, teve um momento que a senhora citou que tinha muita procura na escola e não tinha sala, porque foi isso?

— *A fofoca do garimpo você sabe que era a febre do ouro naquela época né... Então em 81 era febre mesmo, meu esposo era um desses, então muitas família vinham principalmente do maranhão, vieram pro Pará em busca de melhoria e com isso a clientela multiplicou. Tanto que a gente matriculou no primeiro momento a primeira demanda com 245. E a tendência era aumentar, porque a cada momento chegava mais família, você vê que quando eu cheguei eu fiz minha casa em 80 na 22ª rua e em 81... Em 82 eu já visitava uma colega minha que já morava na 29ª. 22 era o limite! Era o limite! Você imagina eu entrei fazendo um picozinho pra fazer minha casa. E já em 82 eu visitava essa minha colega na 29ª rua... e era casa, casa mesmo... Que... Porque o povo vinha mesmo era... Acho que todo dia chegava gente... e com isso aumentou o numero de alunos mas a escola continuou do mesmo tamanho, com as mesmas salas de aula.*

— Não eram construídas novas escolas não?

— *Não!!! Só tinha o Magalhães Barata e o Gonzaga Barros. O Magalhães Barata atendia aquele povo mais pra baixo e o Gonzaga pra atender os que... Ficava após... Mas mesmo assim não tinha condições. Aí no tempo de matrícula você já ia imaginando o que ia fazer. Já ia com medo de matricular, porque você não podia também encher que não tinha condição. E isso nos ficamos assim em 81,82,83,84 e 85. Já em 86 teve 2 salas mais, aí ficaram 4. Quatro salas de aula até 87 só essas 4. Aí o aluno terminava lá a 4ª série e tinha que vir estudar aqui no Castelo Branco ou Fundamental, imagina agora a distancia, pra criança vir... Porque pra lá não tinha de 5ª a 8ª. E foi quando a gente se reuniu, a Cleide no Magalhães e eu no Gonzaga e as duas fizemos o... Sentamos e vamos fazer... Eu monto lá e você monta aqui também. Pelas crianças foram mandadas fazer 2 salas pra atender as crianças de 5ª a 8ª com duas turmas. Ai começou a funcionar e a tendência foi aumentar. De manhã funcionamos ela de 1ª a 4ª série, manha, intermediário e a tarde, aí a tarde funcionamos elas com duas quintas séries. Seis e meia tinha que estar dentro de sala de aula e ia até 10h30minh. Aí entrava outra turma e saía 14h30min e entrava outra e saía 18h30min.*

(pausa para intervalo)

Sabe Rudney, uma coisa que aconteceu também muito marcante... no primeiro dia de aula eu estava lá recebendo meus alunos, uma mãe chegou pra mim e disse: Oi professora! Vim trazer meu menino, ele é mudo e surdo... Meu Deus, quando ela me disse que o menino era surdo e mudo, eu mal esperei a mãe sair da sala e eu corri para a secretaria chorando porque eu não queria aquela, turma, eu não quero esse menino na minha sala, como é que vou trabalhar com essa criança... Ele não vai me ouvir como é que ele vai aprender... Porque aceitaram matricular, ele não ouve o que ele vai ficar fazendo aqui??? E chorei, chorei, chorei e fui pra casa, no outro dia voltei e na hora que eu olhava pro menino ali na sala eu chorava. Eu não queria o menino na sala. O menino sentado na cadeirinha dele lá e eu olhava e chorava. Aí eu fui com a diretora e ela disse: Eu não osso chamar a mãe do menino agora e dizer que não quero o menino matriculado. Isso em 85. Aí fui pra casa e no outro dia era a mesma coisa, eu olhava pro menino e

chorava. Como eu vou ficar com esse menino nessa sala? Imaginava como eu iria ensinar, e ele sentadinho na cadeira dele, calado né porque ele não entendia nada mesmo. E eu comecei a trabalhar os outros, dar minha aula né... mas ele... ficava lá, eu vou fazer o meu trabalho e ele ia ficar lá, essa seria minha metodologia eu ia fazer meu trabalho e ele ia ficar lá. E ele sentadinho ali Rudney, não dizia nada porque não falava mesmo né. Aí eu trabalhei 4 semanas, sem saber se ele tava entendendo ou não, aí um dia eu olhei assim pra ele e pensei, se fosse eu... aí mandei chamar a mãe do menino pra ela levar porque eu não ia conseguir trabalhar o menino dela. Aí ela disse: Ah professora, já que não dá eu vou levar, aí amanhã ele não vem mais, aí no outro dia mesmo ela não mandou mais o menino, e com dois dias que o menino não vinha, eu apresentei uma dor na alma e pensei: Meu Deus, se fosse meu filho será que eu ia aceitar isso? Aí eu fui pra casa da mulher e perguntei lá perto onde é que morava o Hilton e fui atrás... era Hilton o nome dele, aí me ensinaram lá pro rumo da 17ª e encontrei, aí cheguei lá... Senhora vim pedir que a senhora leve o Hilton pra escola e pedir desculpa também por eu... pela minha ignorância por não querer mais o Hilton na escola, aí ela... Mas a senhora vai conseguir trabalhar com ele? Aquela sala cheia de menino? Eu disse: Não... eu vou tentar, vou ver o que posso fazer, mas mande o Hilton. Aí no outro dia ela mandou o Hilton de volta pra escola. Ele chegou na escola de manhã e eu coloquei uma cadeira pra ele bem na frente. Aí já comecei diferente, já chamei os coleguinhas e já disse pra eles que o Hilton não ouvia e também o Hilton não falava, por isso eu ia ficar olhando mais pro Hilton que pra eles, porque o Hilton vai ter que aprender igual eles, eu coloquei assim: O Hilton vai ter que aprender igual vocês, então por isso eu vou ficar voltada mais pro Hilton, mas vou ficar prestando atenção em vocês... E assim eu fui Rudney, pra mim aquilo foi um desafio sabe... Cada dia que eu olhava pro Hilton dava mais vontade de fazer algo por ele. Ele sentava na cadeira, do jeito que ele sentava ele saía, se você não chamasse ele pra alguma coisa... e eu comecei a falar pra ele que a gente já ia e fazia assim... (nesse momento faz gesto de despedida) e também comecei a freqüentar a casa dele, ia pra dentro da casa do Hilton, ia ver como a mãe dele se comunicava com ele pra mim me comunicar na escola do mesmo jeito, pra não fugir, trazia também ele pra sala de aula pra se comunicar com ele, pros colegas aprenderem como se comunicava. Hoje tem uma bateria de processos né, e ontem era uma coisa restrita né era vai (sinaliza indo) vem (sinaliza novamente) era aquela coisa. Então eu fiz um trabalho... trabalhei o Hilton na 1ª, 2ª, 3ª, e na 4ª... hoje ele fez o ensino médio... o Hilton... pinta divinamente bem, pintor de mão cheia... casou-se... um dia desses ele foi lá em casa me apresentar a esposa... a esposa também muda... portadora igual ele também... aí ele faz pintura de tecido e ela faz crochê nas beirinhas, e ele veio me trazer guardanapos de presente pintados por ele. E eu olhava assim, e isso pra mim... foi a partir dali que nenhum aluno portador de necessidades especiais ficaria sem estudar, e foi quando eu assumi, a primeira coisa que fizemos foi uma sala de educação especial... no mesmo ano o Hilton aprendeu a ler, não foi fácil pra mim trabalhar, começar me adaptar com ele, mas... é... deu pra mim trabalhar... letra bonita do Hilton, tudo organizado o caderninho, as tarefas. E ainda hoje me pergunto: Ele não ouvia, como ele aprendeu? Tinha aluno que ouvia a palavra perfeitamente bem e não conseguiu e o Hilton conseguiu. E esse foi um dos grandes desafios pra mim começar porque naquela época...85... Nem se falava de inclusão... alunos portadores de necessidades especiais dentro da sala dos ditos normais, e ele chegou e no primeiro momento foi difícil, mas depois que eu acostumei com ele e ele comigo... Só que eu tive que trabalhar com ele até a 4ª série porque ele não se dava com outro professor, ou era eu...foi aí que eu saí da 1ª série pra acompanhar o Hilton. Aí trabalhei com ele ate a 4ª série, e ele nunca reprovou, escrevia divinamente bem, fazia meus desenhos divinamente bem, tudo que eu queria fazer era ele que me ajudava... No começo do ano quando era pra enfeitar a sala era eu e o Hilton que

arrumávamos. Hilton ia desenhando e pintando, e hoje eu fico assim... e hoje estamos lidando com a inclusão... Inclusive ate vou fazer um curso de educação especial em Altamira. O Hilton chegou pra mim e foi assim uma noite sem sono sabe... pensando que na minha sala ele não podia ficar... e depois ao voltar pra casa eu caí em mim e queria que alguém ajudasse... e disse: Senhora manda o Hilton, ela falou: Não tem condição, tem muito menino... mas ela mandou e o Hilton se desenvolveu... nem eu sei como se desenvolveu, eu só falava... perto dele... nunca virei de costa pra ele, tive que arrumar posição pra mim trabalhar... como escrever no quadro pra que ele tivesse prestando atenção, foi um trabalho mesmo dobrado, mas depois que ele saiu da 1ª tudo facilitou. Depois que ele aprendeu a ler ficou mais fácil eu copiava e ele sabia o que estava lá. Aí no ginásio eu fui professora dele de ciências, então a gente fazia trabalho de grupo né, ele participava, na frente... ele não falava, mas apontava... explicava o texto, a figura... e assim o Hilton foi... Hoje tem o Braille né... você ensina né, naquele tempo não tinha... você que se virava, (risos) olhava pro Hilton , falava... quantas vezes fossem precisas para ele poder entender...

— É uma conquista né...

— Em 85 foi esse desafio que passei...

Apêndice: B

Narrativa 2: Edilizia

— *Quando eu vim pra cá, aqui não tinha nada, nessa casa só tinha porta, não tinha piso, não tinha água, nem tinha nada dentro de casa, eu trouxe uma televisão, um guarda-roupa e 4 cadeiras, não trouxe fogão não trouxe nada.*

— Trouxe de onde?

— *Do Maranhão. Já ta gravando?*

— Sim.

— *MISERICÓRDIA!!!! Você vai tirar o misericórdia né (risos altos). Não professor, eu vim pra cá em busca do meu marido, ele era garimpeiro, quando eu cheguei aqui eu vim de lá e demorei 6 dias pra chegar aqui com 2 crianças uma rede pra dormir e o dinheiro da passagem e nos passamos muita necessidade no caminho porque eu não tinha dinheiro. Eu vinha no ônibus que vinha 3 mulheres, eu minha filha e outra mulher, só era homem até o talo !!! Então eles me ajudaram muito no caminho, eu cheguei aqui na Itaituba 3 horas da madrugada, e vim pra vila caçula, lá era só brega...*

— Brega era...?

— *Era puteiro mesmo! Era brega... Ali tinha família era tudo misturado, aí eu bati na porta da minha tia que era puta também... Ai ela não tava, tava pro garimpo, aí eu fui dormir logo dentro duma boate... Eu e meus 2 filhos, foi onde me ofereceram abrigo 3 hora da manha, no outro dia o rapaz pegou a chave e me deu a chave da casa dela, e tinha um rapaz que gostava dela, e ela tinha uma moreninha que morava com ela, essa moreninha mora agora comigo, e tava aqui na 24ª, ele foi buscar, ele perguntou se ele comprasse comida eu fazia... Claro que eu fazia! Quem tava sem nada né, claro que fazia. Aí foi atrás do meu marido, mandei a carta pra ele, e com 7 dias minha filha chegou e com um mês meu marido chegou e não me quis mais... não me quis mais, não queria mais nada, que mulher que tinha vergonha não vinha atrás de homem... Aquele preconceito sabe! Aí eu fiquei sozinha com minha tia, ela me falou que não era pra eu seguir mais ela e fui trabalhar em garimpo, levando coisas pra vender... Perfumes, roupas, e pra ganhar dinheiro nas balsas, num era nem balsa ainda era barranco, e com um ano eu conheci, fui pro maranhão deixar os meninos porque eu briguei com meu marido e a juíza mandou eu deixar na casa de alguém porque aqui eu não tinha casa, não tinha nada. Então eu fiquei aqui em Itaituba com 2 filhas e uma rede pra dormir, era a condição que eu tinha, e eu conheci esse rapaz que foi meu marido durante 22 anos. Aí nós “se enrolamo” e eu tive logo um filho, tive esse filho e quando esse filho tava com 2 meses a gente se juntou. Mas a minha vida não foi fácil porque ele só vivia em garimpo e ele era muito duro comigo em relação a dinheiro, tudo... Então ate 6 anos foi muito bom, depois foi ruim, ele nos garimpos procurando ouro e esse ouro não encontrava... Só pra comer então sempre que ele tava lá ele mandava, quando ele vinha não tinha mais nada, o pouquinho que ele trazia nós ficava comendo, quando ele saía nós não tinha mais nada. Então era aquele sofrimento. Aqui na Itaituba nessa época não tinha nada, na época que eu vim pra cá, ate o cheiro-verde vinha de Santarém, o peixe, a carne, o feijão, aqui não produzia nada, era*

só garimpo... Ninguém queria uma colônia, um palmo de terra... De jeito nenhum, tudo era o garimpo, então vinha tudo de Santarém, e tudo ia pro garimpo daqui... Galeto custou demais vir isso pra cá... Não foi assim logo... Não aparecia esses galetos... Roupa, tudo era caro demais, tudo vinha de fora como ainda vem né... Mas era com menos frequência. O supermercado que tinha aqui era o Tibiriçá e o outro é aquele... num sei se você ainda alcançou aquele lá onde funciona A Manauara...

— O Samuca?

— Sim! o Samuca. Só tinha esses dois comercio grande. Era lá e lá mesmo. Gás ?!?! Pra gente trocar um gás a gente dormia na fila na beira do rio... Dormia! Aí chegava o barco cheio de gás, tirava do seu Tibiriçá, do BIS, do CEMIC, do Samuca e de outras pessoas mais influentes, e aí depois que ia atender a população. E tinha vez que a gente ia pegar gás com a água já dando quase na garganta, tinha briga, discussão... olha a fila dobrava mais de 5 quarteirões, era dobrando lá na vila nova e outra nas mangueiras ali de cima... Tinha gente que tinha 10, 15, todo mundo tinha 2, 3 botijão pra trocar, então era muito difícil, muito caro, muito diferente lá da onde eu morava... Porque no maranhão a gente produz muita coisa e aqui não cultivava, não produzia nada... Porque dizia que a terra não dava, não dava porque não iam fazer!!! Ta... Aí eu fui morar com esse marido e chegou época de muito sofrimento com meus filhos, eu fazia tapetes, desse daí (ela mostra um tapete no chão, dos que ela fazia) inventava de todo jeito, de vários modos, passava uma semana na maquina fazendo e a outra vendendo... aí eu passei a fazer joguinhos de crochê e eu ajudava na renda dessa maneira, eu nunca fui parada. Aí chegou a época de eu estudar. Meu marido num queria nem dormir pra sonhar que papagai véi não aprendia falar, e como ele só vivia no garimpo, eu me matriculei, quando ele chegou eu já tava matriculada e estudando, aí ele dizia que a casa ia pegar fogo, que naquela época não tinha energia, tinha energia quem tinha motor, energia só tinha lá na cidade baixa, daqueles motores velhos da 10ª... aí ta... e ele disse que eu não ia estudar, daí eu não discutia com ele, eu fazia minhas coisinhas ali, dava a hora de eu ir e eu ia... e ainda saiu naquele tempo em 86 de ter o horário de verão, aí é que tinha que ir cedo... aí era que a briga era terrívi... mas eu nunca dava ouvido pra ele eu não ia debater com ele eu não brigava, eu só me arrumava e saia quando ele me procurava eu já não tava dentro de casa, eu já tinha ido embora e assim eu levei em 86 todim estudando... aí eu tinha um menino muito pequeno, como era vela eu tinha medo das palavras dele, que palavra tem poder né, medo das palavras virarem realidade, ai eu passei 86 estudando, e parei só voltei a estudar em 90 eu falei pra ele Eu vo estudar quando meu filho tiver 5 anos e ninguém mais me para.... eu fui estudar com 26 anos de idade, eu tinha meus filhos tudim na primeira série.. então pra mim foi difícil como ainda hoje é difícil, porque eu não fui alfabetizada, eu fui botada na escola cedo, mas eu tive um professor, no maranhão ele ia 3 meses, quando ele ia receber o dinheiro dele ele não voltava mais, aí aquele ano perdia... então era assim nosso estudo foi assim. Tá aí eu continuei estudando não desisti mais, então eu falei pra ele que já que ele não queria me ajudar que ele não me atrapalhasse... Deixasse eu seguir meu caminho porque eu via que era através do estudo que a gente ia conseguir alguma coisa que já que ele não queria estudar, que ele deixasse eu estudar... então era muito difícil naquela época não tinha luz nos colégios, vinha e voltava... vinha e voltava... vinha e voltava... todo mundo com sua vela na sua bolsa pra quando faltasse energia... fazer os deveres com vela, e eu não desistia não achava muito bom porque minha vida era muito...pacata...

— Cada aluno tinha uma vela na bolsa?

— *Tinha, a minha era a que tinha mais, porque os meninos colocavam as dele tudo na minha bolsa (risos) era , a gente levava vela na bolsa pra quando faltar energia, a gente poder continuar... naquele tempo os alunos queriam estudar! Hoje se falta luz meia hora... rum! Meia hora já estou em casa... falta 10 minutos todo mundo sai e vai embora. E nós não ia embora... porque se nós fosse embora não tinha aula, porque todo dia faltava energia.;.. quase todo dia. Na escola Magalhães barata não era cercado. A gente era obrigado a sentar no pé das parede porque os muleque jogava muita nojêra dentro das salas e era assim que a gente estudava e eu levei minha vida trabalhando e estudando... mas trabalhando em casa, ai meu marido saiu do garimpo e foi pra roça... aí que o sofrimento foi grande ! porque eu estudava e nas férias eu ia pra lá, e tinha que trabalhar, roçar, capinar... tinha que fazer muita coisa lá mais ele, ele era só né... também e eu nunca fui de ficar parada, e eu sei trabalhar mesmo em roça eu gosto, e eu trabalhava e eu panhava arroz e eu prantava, só saía de lá quando deixava tudo prantado. Fazia farinha, catava mandioca mais os menino e botava de molho e ajudava ele como podia. E eu passava em casa, a semana toda trabalhando, vendendo essas coisinhas, pra quando ser no final de semana a gente comer, tomar um refrigerante...uma carne. E foi levando assim a vida...*

Ai meu Deus!!!(risos) ai nós ... lá começamos a botar roça e já tirávamos o alimento de lá dessa roça e eu todo tempo estudando, estudando, ai chegou o dia deu terminar de estudar, terminei o segundo grau, e eu só terminei o segundo grau porque as meninas fizeram minha matrícula, eu dizia que não ia ser professora nunca na minha vida, e as meninas Não tu vai ter que fazer magistério! e eu disse que estava velha e pensei: Mas menina eu disse que nunca mais ia dizer essa palavra, não to velha não... não vou dizer mais não... Aí eu fui estudar o segundo grau, com muita dificuldade porque o estudo é fraco e não adianta a pessoa dizer que ele faz um supletivo e um EJA que ele sai bem... porque ele num sai não... ele sai meado, mas bem... bem... ele não sai porque é pouquíssimo tempo pra aprender é pouco tempo pra muita coisa e não da tempo pra ele aprender. Então eu sempre me senti fraca nos estudos, mas nunca fraca na mente , no que eu queria fazer, eu sempre quis estudar mais, aí chegou o tempo do Botelho (prefeito) eu já tinha terminado o segundo grau né, mas não tinha batido na porta de muita gente não atrás de emprego. Ai eu fui um dia lá tava precisando de professor pras creche e eu fui lá cheguei perguntei se tinha vaga e ela disse que tinha, e queria saber quem tinha me falado, e eu falei: Não foi a dona Lúcia, então eu menti e não menti... porque ela falou prum amigo meu, a dona Lucia era a primeira dama, mas tinha falado pra seu Pedro que ia precisar de 8 professoras e eu tinha pedido pra seu Pedro perguntar... ai perguntaram se eu tinha magistério e se tava com meus documentos, e falou: Amanhã você vai fazer um curso de recursos humanos e lá vão falar pra você quando você começa. E foi assim que consegui meu emprego. Comecei a trabalhar na creche e nesse mesmo ano teve concurso e eu passei, passei na 320ª colocação, achei bom porque tinha gente que já dava aula há mais tempo passou em 400... 500... mesmo que eu tivesse sido a ultima, mas pra mim ia ser bom, aí eu comecei a trabalhar no Antonio Gonzaga barros, de manha e fiquei só uns 2 ou 3 meses e fui chamada pra outra escola pra ficar trabalhando de manha e de tarde. Eu não tenho nada na minha casa, na minha vida, que eu tenha ajudado meus filhos que não seja através do meu estudo, do meu esforço e do meu trabalho, não tem.

— E a senhora acha que se tornou professora por qual motivo?

— *Pela necessidade com certeza, eu tinha muita necessidade. Eu cheguei a prometer pra Deus... posso contar? Meus filhos não tinham pão de manha, essas regalias que muitos*

filhos hoje em dia tem, de pobre. Então eu via natal eu fazia esforço muito grande pra meus filhos terem algo pra comer, não que a gente passasse fome, mas é que a gente passava muita necessidade, como eu era muito virada, eu fazia as coisas virar grande. Como? Meu marido saía de casa e deixava um real, a gente não ia gastar com pão... eu comprava um côco, um kg de açúcar, e sacos e fazia e mandava meus filhos ir vender... então ali eu passava semana, quando ele voltava eu tinha 6, 8 reais guardado, já daquele dinheiro que ele tinha deixado. E muitas vezes se tinha um dinheiro pra comprar um pão que era 50 centavos, e se dava pra comprar 2 kg de farinha que era 25 centavos, eu comprava a farinha. Eu pegava as roupas que as pessoas me davam, as grandes eu fazia pequenas, e as pequenas eu colocava umas nesga e fazia maior... então eu também usava muita roupa dos outros que me davam então era assim, eu botei muito meus meninos pra trabalhar muito cedo... com 6 anos e ainda hoje é uma pessoa muito batalhadora, ele é carroceiro... orgulho muito do meu filho, mas eu tenho orgulho dele grande, porque na casa deles não falta nada... dum pobre não falta. E aí um dia eu sempre pedia pra Deus, Senhor me da um jeito de comprar um frango pra fazer pros meus filhos no natal. E minha Irma vendia jóias e ela falava pra eu vender jóias e eu não ia porque era muito caro, eu tinha medo de não me pagarem e como era que eu ia pagar esse trem??? Um dia eu peguei esse pano de jóia dela e fui vender...vendi... vendi tanto e fiquei alegre, e ela falou: Olha esse que tu vendei tu vai receber e vai pagar... me deu lá o total e falou pra eu pagar eu que o lucro seria meu, e de lá pra Ca eu nunca mais tive necessidade... e eu prometi pra Deus que se ele me mostrasse um jeito de eu ser assalariado, eu doaria nem que fosse uma boneca, mas eu doaria no dia 24 pra uma criança carente. E desse tempo pra Ca eu sempre faço isso, todo dia 24 dôo brinquedos, comida... nos bairros carente que eu não gosto de doar perto da minha casa. No bairro carente, perto da minha casa não porque fico conhecida como a “Tia que dá presente”. E eu não quero isso... status. Daí pra Ca meu marido ficou doente, na colônia e nós fomos viver mais do meu trabalho. Então tudo que tenho hoje, essa casa, outra casa ali, um terreno prali e outro terreno pracolá, são bem pequenos, mas pra mim são grandes e eu adquiri através do meu trabalho. Esse terreno aqui foi construído com dinheiro de jóia. E essa casa com dinheiro do meu trabalho do meu estudo. Essas coisinhas que tenho aqui também tudo também. E eu tenho um prali que to pagando com dinheiro do meu trabalho. Agora tenho uma casa na são José que não é totalmente do meu trabalho, que é porque eu me separei do meu marido que a gente tinha essa colônia e vendemos. Mas já gastei muito pra fora, com doenças, fiz empréstimos e então agradeço muito a Deus primeiramente e ao meu trabalho. Tenho alguma coisa que posso ir ao supermercado, encher meu carrinho, eu tinha um sonho de ir ao supermercado e pegar um carrinho e sair empurrando e achava tão lindo... e hoje eu posso fazer isso que eu sei que mesmo que eu for comprar no cartão o cheque eu tenho com o que pagar pois estou trabalhando. E é um trabalho honesto, digno e que eu sei que ele tem um retorno no final do mês e pra mim a vinda do maranhão pra cá não foi ruim, apesar de ter muita saudade de lá, voltar e visitar meus parentes, mas não tenho do que viver lá e foi aqui que eu achei recursos, na vinda pra cá a migração né não foi assim como muitos e muitos que vieram pra cá que foi ruim... Agora se eu tivesse ficado sem estudar aí sim talvez hoje eu não tivesse dando esse depoimento né... Dessa maneira, não foi do garimpo, mas através do meu estudo, o que eu tenho hoje, agradeço a Deus.

— E quando a senhora começou a dar aula como foi?

— *Foi difícil! Não foi tão fácil não, mas tive muita ajuda porque sempre fui uma pessoa aberta... Então eu sempre disponho do que eu sei, do que eu tenho e do que eu não tenho. No começo foi difícil, mas como sempre fui uma pessoa aberta, conversadeira, sempre as*

meninas iam me dando dicas, livros, como fazer prova, como fazer plano de aula, na creche não era muito puxado... Porque não tem muito planejamento... Meus alunos eram de 5 anos e só tinha reuniões, tem conceito, não tem negocio de lançar nota... Lá era o dia todo entrava 8:00h e saia às 15:00h . Não foi muito difícil não, foi difícil porque nada quando você entra é fácil, mas você consegue.

— E como eram as aulas?

— Na creche a gente chega aí as crianças, a gente vai dar o café, é tipo uma... é creche mesmo, a gente vai dar o café aí, 10 horas tinha merenda, aí tinha o almoço, e lá na escola onde a gente ficava a gente passava o dever deles, caderno por caderno, ensinava a cobrir, ensinar eles a rabiscar, eles já sabiam por que ele já tinham 5 anos, tinha deles que nunca tinha ido a escola mas tinha outros que já tinham vindo de outras salas pra nossa sala, já sabiam pegar no lápis, a gente botava pra fazer e ia ajudar, aí a gente descobria, assim já tínhamos um diagnostico sobre cada uma criança. Então aqueles que já faziam o “azinho” a gente já colocava pra ele fazer, os que não sabiam a gente colocava pra cobrir... o que não aprendia a gente e tinha que ensinar a pegar no lápis e tinha um quadro que a gente colocava eles pra ler. Era tipo um multisseriado... Separava os que já sabiam ler um pouco... Era tudo numa sala... Lá era 4 salas, eram 2 monitor em cada sala, eu entrava 08h00minh e saia 05h00minh... O meu colega que era um rapaz, entrava 10 horas e saía às 5, que era o horário das crianças irem, tinha almoço, colocava pra almoçar e escovar os dentes, 3 hora merenda de novo, 4 horas pras 5 tinha tipo janta... Colocava eles, ia dar banho pra eles irem pra casa, cortar unha, pentear cabelo, arrumar pra eles irem embora, quando vinham cada um trazia uma roupinha na sacola. Era longe porque eu trabalhava na Creche Branca de Neve atrás do Cebolão.

— Fale-me um pouco sobre seu relacionamento com os pais...

— Sempre foi boa essa minha disponibilidade de conversar de tudo, as amigas me ajudavam a trabalhar melhor, os alunos eram muito bons e sempre tive carinho muito grande dos pais, nunca tive problemas, sempre a gente encontra, seria demagogia dizer que não, mas foram poucas...

— E as condições da creche...?

— Nessa época a creche era do Botelho, tinha pouco material pedagógico, mas eles procuravam abastecer da melhor forma possível em relação a comida, alimento das crianças, remédio, coisas dessa parte assim só material didático que não era tanto quanto a gente precisava. Mas em relação a abastecer de comida a despesa era bem abastecida.

— E sua graduação...

— Foi ela que me levou a aperfeiçoar, porque gente tem que caminhar pra frente... Evoluir... Se por igual aos outros, todo mundo tava fazendo então eu tinha que fazer também. Quando minhas colegas tavam estudando eu tava criando menino... Quando elas tavam trabalhando eu fui estudar... Quando elas andavam de bicicleta elas andavam di a pés, eu não sabia andar de bicicleta faz só 4 anos que eu aprendi... Eu dizia assim: Meu Deus, eu tenho que aprender... Comprei... Quase morro de tanta queda... Passei 3 meses doente de queda e joguei pra lá, e aprendi a andar pra andar junto com elas, e agora eu ando de bicicleta e elas andam de moto... eu vou comprar uma moto pra mim, como eu

quero chegar onde os outros também estão e eu preciso também, então eu vo buscar estudar pra chegar lá também, as outras tudim chegou a época de estudarem, a Eliene que hoje é Secretária de Educação falou pra mim: Você vai estudar... eu falei: Professora eu não posso estudar agora, eu to doente... ela disse: Você vai se tratar e quando você estiver bem você entra, não adianta estudar doente assim que você não vai dar conta. Todo mundo estudando e eu pra Teresina me tratando, te que terminei e voltei... Ai chegou a ULBRA e vi essa oportunidade de estudar a distancia né, só uma vez por semana, eu achava muito ruim se fosse todo dia porque eu achava muito puxado imaginava que tinha vindo duma deficiência de estudo de saúde e tinha medo de entrar numa faculdade e adoecer, não de não dar conta, mas de adoecer. Eu sempre pedi e Deus colocou em nosso caminho como eu fazer o 3º grau.

— No tempo de curso a senhora já nota diferença nas aulas?

— *Consigno... Que nem eu te disse no início eu vim dum estudo defasado, prejudicado por falta de tempo, corrido, então devido você não ser alfabetizado, muita coisa você sofre muito, não sei se é eu que tenho esse jeito, comigo foi assim não sei os outros. Então depois desse curso que to fazendo ate o projeto eu já mexo bem mesmo, posso não fazer direitinho, mas faço. Faço aulas com projetos, na escola, já trabalho assim e o curso tem me ajudado muito, cobra da gente e gente tem que se rebolar.*

— Tem algum fato, episódio que tenha sido decisivo pra sua formação?

— *Sim minha vontade de chegar de chegar lá, de querer ser alguma coisa, ser alguém, me valorizar, ser eu mesma. A gente sem objetivo é igual folha seca, pra onde der o vento leva. Tive um objetivo que foi estudar e trabalhar pra ter um salário, pena que veio muito tarde. Nada é tarde... Pra eles veio tarde... Porque eles já são homens, mulheres, casados, então cada um já te tem sua casa... Hoje em dia vejo minhas netas que posso dar algo pra elas que não dei pros meus filhos... Pra eles eu não pude, quando eu era nova eu tinha uma força de trabalhar pra conseguir alguma coisa pra dar pros meus filhos, um picolé uma batata frita, quando eles pediam eu ter um dinheiro pra dar, porque não tinham né, hoje em dia eu tenho pra dar, mas não têm pra quem, então pra mim um fato muito importante é esse, andar igual os outros com a cabeça erguida, não pelo fato do salário, claro que esse também... Mas de eu ser alguém, deu me sentir gente, útil, sabe... Uma pessoa importante assim que pudesse ajudar alguém. Eu pudesse ajudar com conhecimento com credito, porque eu não tinha nada fiado, ninguém me conhecia, eu podia conhecer muita gente porque numa cidade dessa todo mundo se conhece... e hoje eu chego no comercio e posso comprar porque hoje eu sou a professora Edilzia, então posso comprar , tenho meu respaldo meu contra-cheque que prova isso, e isso é muito importante. Não é o dinheiro é o reconhecimento. Eu me sinto muito feliz de ter saído de onde eu saí, de ficar na Itaituba com uma rede e dois filhos pra criar e hoje eu tenho umas 5 a 6 redes aí dentro do guarda roupa (risos) então isso pra mim é muito importante.*

Apêndice: C

Narrativa 3: Maria

— *Quando surgiu a historia do ouro aqui todo mundo queria vir, ate que quando a gente veio pra cá já não tava tanto o auge do ouro, que já foi em 88 né, já tava mais baixo, aí eu já tinha 6 anos d casada na época, tinha 2 filhos e tava trabalhando como professora e meu marido na roça, mas a gente não tinha terra.... Trabalhando na roça dos outros e ele quis vir pro garimpo pra ver se tentava uma vida melhor e eu saí da região que eu estava e vim pra outro município onde meu pai morava, fiquei na casa de meu pai e com uma semana que eu tava lá surgiu uma vaga na escola que minhas irmãs estudavam e eu entrei, eu já trabalhava como professora... Um ano , trabalhei um ano, surgiu lugar novo e naquele tempo quem tinha 4ª série já podia ser professora... aí o lugar era novo, fundaram a escola e eu fiquei como professora mas só fiquei um ano, ai vim lá pronde meu pai e meu marido veio aqui pro garimpo e lá fez seis meses,*

— Era no interior?

— *Era uma vila , não era uma cidade não, mas era um lugarzinho bem elevado...*

— Aqui no Pará?

— *Lá no maranhão. Hoje lá é cidade mas antes era município de Candido Mendes. E ele veio pra cá pro garimpo e ele e mandou o dinheiro pra eu vir pra cá, eu deixei meu filho mais novo lá e trouxe o mais velho, deixei com minha mãe e vim , minha mãe disse: Não , num leva não, vai que num dá certo lá, é mais fácil pra voltar... Aí eu vim pra cá, cheguei, ele alugou uma casa e ficamos nessa casa aqui em Itaituba. Mas eu cheguei e não fui procurar serviço como professora, fiquei mesmo em casa cuidando só do filho e ele passou uns dias voltou pro garimpo de novo, foi sofrida a vida assim porque eu não tinha ninguém, só ele que tinha um tio e eu não tinha ninguém... Aí ele ficava pro garimpo e eu na casa, e ele ainda arrumou um aluguel caro, era uma grama de ouro na época, o aluguel da casa, toda mês tinha que dar uma grama de ouro, ainda bem que era só um filho, passei uma temporada nessa casa, depois saí fui pra outra casa que era mais barato o aluguel aí surgiu essa...uma... uma invasão não umas terras, um pessoal tomou de conta dumas terras e queriam que o INCRA loteasse as terras... que tinha daqui a 68 km aí o povo ia pra lá e eu sempre gostei da zona rural, negocio de roça, sempre gostei ai eu pedi pro senhor que trabalhava lá que arrumasse um terreno pra mim lá ... e ele arrumou... e meu marido pro garimpo ele vinha e voltava, ele num ganhava nada, o que ganhava gastava quando chegava pagava as continha que tava devendo, e a gente de aluguel nunca comprava nada pra dentro de casa, ai quando ele arrumou esse terreno pra lá, quando ele chegou , mandei fazer roça, ele veio do garimpo e a gente foi de muda pra lá, a gente ia de barco, 2 horas, depois ia 18 km a pé , ficamos lá, ai quando foi no mês de setembro, e em janeiro surgiu a vaga pra professora, lugar novo também né, aumentou tanto que, já tinha escolinha lá e uma professora... aumentou tanto que surgiu lugar pra 2 professoras.*

— Porque aumentou gente?

— *O pessoal chegando pra morar, que era um lugar novo, e o garimpo já tava ficando fraco e muita gente acostumada na roça e viram que o garimpo tava ficando fraco,*

correram pra lá né aí tinha essa terra que o governo loteou e todo mundo foi pra lá. Aumentou muito, e surgiu a vaga, pra gente de saúde e pra professora, primeiro eu me inscrevi pra a gente de saúde mas não era o que eu queria aí fiquei e só fui porque me candidataram e no interior quem tem o grau mais elevado de estudo é que o pessoal joga logo assim pra ser professor, pra agente de saúde... e eu não fiquei como agente, mas surgiu pra professora e eu fiquei trabalhando lá... escolinha de palha aberta, coberta de palha e tampada só a metade de barro, só um salão assim, uma professora dava aula de manhã outra intermediário e outra de tarde. Foi crescendo o lugar aumentando a família, tive mais 3 filhos, o outro ficou no maranhão e depois de 10 anos foi que meu marido foi lá buscar ele. E eu fiquei trabalhando lá todo tempo aí foi crescendo o lugar e eu fui convocada, porque saiu aquela lei que não podia ter professor leigo, e eu só tinha a 4ª série e ele também abandonou o garimpo e ficou lá cuidando da roça, entrou na política e apoiando os políticos e eu como professora fui estudar o projeto gavião, estudei, era um projeto pra professor leigo, a gente não tinha oportunidade de estudar e vínhamos nas férias estudar, vinha muita gente do interior, as pessoas sofriam muito porque vinham do interior e as estradas de lama, no inverno, ficava atolado, era muito ruim, chegava aqui alugava casa, e ficava a época das férias todinha estudando, ficávamos o dia todinho estudando e eu fiz o Gavião I e depois fiz o II, aí logo meu marido morreu, meu caçula tava com 5 anos, arrumei logo outro marido e fiquei com ele. Aí fiz concurso em Itaituba, passei e comprei uma casa aqui perto da escola São Francisco, fui lá ver se tinha vaga, e falei com a diretor e na mesma época surgiu uma vaga pra professora, você tinha sido diretor lá anteriormente nera, e saiu a professora Creuza e ela tinha terminado de se formar e ficou trabalhando de 5 a 8 e eu fiquei em turma de 4 série na escola. Comprei essa casa e fiquei aqui. Em 2006 comecei a faculdade de matemática, comecei pedagogia mas não gostei, e fiz matemática, e terminei agora em 2009, e já comecei uma pós.

Tem hora eu penso assim que naquela época era melhor de trabalhar, os alunos assim davam mais atenção pra gente. Hoje a gente vai pra sala eles só querem ta conversando, alguns não se interessam muito, só dão interesse de ficar no converseiro uns com os outros, hoje eles não atendem mais, a gente fala e eles respondem... não quer ficar calado. Naquela época era melhor, que eu comecei trabalhar, só que assim não era assim, eu nunca fui professora tradicional de falar e o aluno ficar caladinho, encolhidinho... eu sempre dei liberdade pros meus alunos, mas eu falo assim pra eles darem mais atenção, obedecer né, não querer sair da sala, hoje ate tem que colocar aluno pra fora porque não ta dando de agüentar. Teve um ano que eu sofri muito porque era questão de adolescente, questão de namoro, foi uma época muito difícil pra mim, mas é questão da metodologia, só tinha mesmo o livro didático, as vezes nem tinha... a merenda também... era, num tinha... eu mesmo fazia, dava aula e fazia a merenda quando tinha... ate carvão pra escola eu fiz com os alunos, porque não tinha fogão não tinha gás... o prefeito mandava merenda mas não tinha como fazer e no interior tem pau pra todo lado, era bom demais, os alunos achavam era bom aquela folia, se juntava, juntava os pau, fazia um monte de carvão, e na hora a gente fez um fogão lá mesmo na escola e colocava lá comida no fogo, a gente tava dando aula e tava olhando panela... era bom.

— E hoje com sua formação, como é que a senhora enxerga seu trabalho antes e agora?

— *Depois da formação da gente né a gente adquire muito conhecimento, apesar da gente ter muita experiência porque já estou há mais de 15 anos na sala de aula. Tem sido melhor em questão do conhecimento, a gente passa a conhecer coisas que o professor passa na faculdade, no dia-a-dia. Pra mim minha prática melhorou sim.*

A comunidade dava apoio. Eu sempre luto pra fazer um trabalho que as pessoas enxerguem. Houve ate um tempo que o presidente da comunidade entrou em conflito

comigo, queria me tirar, mas a comunidade não deixou. Então pra mim isso foi um apoio certamente eles estavam gostando do meu trabalho, na comunidade tem muito essa questão do presidente da comunidade apóia o prefeito e se o professor não for do lado dele, ele quer que tire, o presidente sempre quis mandar na escola. No início era o meu marido que era do lado do prefeito, ai o prefeito dele perdeu e o outro ganhou, e o do outro lado ficou querendo me tirar, mas a comunidade, os alunos e os pais sempre me apoiaram, não é cem por cento, sempre, porque ninguém é perfeito, sempre tem uns que não gostam da gente, mas a maioria sempre estava do meu lado.

— A senhora pode me falar um pouco mais do seu relacionamento com os alunos, como que era...

— Normal mesmo, bom... Eu vejo assim... Tem hora que eu me orgulho eu agradeço a Deus porque sempre, esse ano eu to com uma turma de 3ª serie que eu não tinha trabalhado, eu sempre pegava da 4ª serie e de 5ª a 8ª, esse ano peguei uma de 3ª. Uma aluna minha da 6ª serie falou assim: Professora a senhora da aula pro Matheus? Sim. Ele é meu irmão, ele fala muito da senhora lá em casa que a senhora é uma professora boa. Não é querendo ser boa, mas assim... os alunos sempre gostam de mim porque eu dou muita liberdade pra eles tem hora que ate parece que quer fugir do controle, eles querem ultrapassar o limite, muitas vezes acontece isso com o aluno, ele acha que pode fazer o que quer, mas eu não gosto de tratar os alunos assim com o cabresto, pra mim não é assim, eu trato meus alunos com carinho, os alunos de 3 serie eu chamo de Meu filho. Eu sempre trato eles assim e me chamam de Tia e já os de 5ª a 8ª que são maiores, não... Mas tem alguns que me chamam, as meninas são muito carinhosas, me abraçam, direto aquele negocio, eu não sei se é verdadeiro ou não né (risos)... Eu acho que tive um carinho por elas na época que eram pequenas né, e eles criam aquela amizade comigo né... Se tem um aluno que ta lá, meio por fora, eu vou lá pergunto o que é... --Eu paro pra pensar... Sempre eu vejo comentários, eles escrevem bilhetinhos, os de 1ª a 4ª sempre gostam de escrever dizendo que somos boas professoras...

— E desse seu trabalho a senhora avalia de que forma lá no começo? Pelas condições... como era?

— Era difícil porque não tinha muito... Cho ver... no interior tudo é muito difícil né... mesmo essa escola lá né já tem computador, na nossa aqui não tem, e os de lá já chegaram, atualmente nas férias eu tava lá e construíram uma escola, trabalhei tantos anos e nunca consegui um prédio, sempre trabalhei num barracão e hoje já tem um prédio já conseguiram ate computador lá, então ate no interior já evoluiu as coisas, mas antes, na década de 70, 80, 90 era tudo difícil, tinha que ter muito jogo de cintura, pra deixar a coisa andar...pra ter êxito no trabalho.

— A senhora acha que valeu a pena insistir nesse trabalho?

— Sim, eu tenho um rapaz que ta no quartel, ele entrou e ficou, meu filho mesmo entrou e saiu, ele foi meu aluno de 1ª acho que até a 7ª série, então eu olho assim é um fruto meu, eu olho ele e me orgulho, foi meu aluno na primeira série e me orgulho. Lá do interior, há 62 km daqui, só que na época a estrada era ruim, era 3 dias de viagem ate aqui, era município de Aveiro, mas quem dava assistência era Itaituba... ai quando em 2004 a Gorete ganhou e agora da assistência paga professor e tudo, professor de lá vem pra cá, daqui pega o barco e vai pra Aveiro, ou vai de moto pra Brasília-legal pega o barco e vai

pra Aveiro, eles reclamam muito que o acesso é muito difícil. Eu precisava fazer ensino médio por isso vim pra Itaituba, o acesso a Aveiro é ruim... pra cá não... é mais fácil... a estrada é ruim mas estão conservando sempre.

— Vocês ficaram ligados a essa questão do ouro quanto tempo?

— Não chegou a ser 2 anos... meu marido no Maximo que demorava era 3 meses, ele vinha e não trazia muito não. Na época eu não trabalhava e dava muito assistência aos filhos, eu cuidava deles direitinho... ai quando nasceram os outros ficou difícil, com filho pequeno, as vezes grávida, e dando aula... eu fico pensando que eles são acostumados em eu não viver em casa. A minha casa sempre foi perto das escolas que eu trabalhei, o que facilitava muito minha vida.

Apêndice: D

Narrativa 4: Perpétua

— Então no decorrer desse tempo que ele trabalhou no garimpo nos compramos uma casa... trabalhamos, acabou aquele movimento de boate, aí passei a lavar roupas para os policiais e meu marido fez amizade com o comandante do quartel aí foi na época que fizeram uma escola dentro do quartel, a escola Coronel Fontoura. Tinha muita criança na rua e pouca escola. Em 1988, comecei a dar aula com 18 anos, era uma primeira série, o comandante me convidou, não era só eu era mais 4 mocinhas que tinha na época na minha rua, eu ia fazer a sétima série ainda. Aí nós fizemos um teste, pra eles poderem olhar, nesse tempo na época era a Esmeralda que fazia o teste, nos fizemos esse teste lá. Eu passei e comecei a dar aula, eu terminei a sétima, estudava no Magalhães Barata, eu dormia na casa da Migliat. Eu não podia voltar pra casa a noite, era perigoso...

— Então você ia pra escola a noite estudar e dormia na casa da diretora e cedo já ia com ela pro trabalho?

— Sim. Isso mesmo. Aí eu sei que eu passei o ano todinho, terminei, fiz primeiro ano de magistério no Gonzaga Barros, só teve o primeiro ano... aí eu já fiz o Projeto Gavião... concluímos esse projeto parece que em 96... era só no período de férias. O Projeto era um ensino médio, era pra formar os professores leigos chamados, que já davam aula. Nessa época já, em 88 que eu comecei e fiz o primeiro ano em 89, aí 90 eu não estudei, aí em 91 foi que começou o gavião, aí eu casei em 89 e passei um ano sem estudar. Ele era garimpeiro.

— Como era a vida de vocês?

— Ah ele ia e vinha, as vezes mandava notícias, uma vez eu fiquei 5 meses sem ele vir em casa.

— E como ele via o fato de você ser professora?

— Ah isso aí ele não queria de jeito nenhum, naquela época tinha ouro, assim né, ganhava muito dinheiro assim em ouro e ele não queria que eu fosse professora, queria que eu desistisse, ate porque o colégio ficava perto do quartel e ele tinha ciúmes. Ele não queria nem que a gente conversasse aí eu falei pra ele que quando ele me conheceu eu já trabalhava e eu pisei firme e disse que não ia desistir...

Assim que eu casei eu logo engravidei da minha filha mais velha que hoje tem 19 anos, engravidei e foi muito difícil, trabalhar e conciliar a vida de casada com trabalho e ainda grávida... aí eu morava de aluguel na 10ª rua e ia pra escola na 28ª, e naquela época ainda tinha o intermediário e ia seguido... aí eu já ficava na casa da minha mãe que era lá perto do turno da manha pro intermediário. Eu sei que essa vida de aluguel durou assim uns 7 anos, aí foi quando eu comprei a casa, EU COMPREI A CASA! E que era assim o garimpo parece que assim era uma coisa assim que tu não via juntar né, ele ganhava, mas tu não via o rendimento que desse pra juntar e comprar uma casa. E a minha casa que eu moro hoje foi feita com dinheiro da educação. Naquela época que recebemos uma cartinha todo mundo passou pro Estado. Passaram-se 6 meses e ficamos sem receber.

— Lembra quando foi isso que foram demitidos do município?

— *Na época do primeiro governo do Wirland, essas cartinhas eram chamadas de Cartas de demissão e todo mundo foi contratado pelo Estado. O Estado assumiu os funcionários. Eles demitiram porque estávamos irregulares, aí foram demitidos e o Estado assumiu e ficamos trabalhando 5 anos pelo Estado.*

— A primeira escola que você trabalhou foi Coronel Fontoura?

— *Sim e continuo lá, já vou fazer 21 anos, lá que comecei com a primeira série. A escola era de madeira, a sala era dividida com compensado. Só um compensado dividia os pavilhões e funcionava tudo junto... policial e aluno. Era uma estrutura totalmente inadequada para uma sala de aula... nada parecido com uma escola.*

— E o numero de alunos?

— *Superlotada! Muitos alunos tinham ate 40 alunos numa sala. Muito aluno! Muito mesmo! Era porque ali naquela época não tinha escola, a mais próxima era essa.*

— Trabalhavam como?

— *Precariamente. Sem material. Só com o giz. Material didático nem se falava, a gente que formulava a cartilha e rodava no mimeógrafo. Sei que foi uns 5 anos funcionando lá dentro né, e depois os policiais começaram a reivindicar que não se sentiam bem com a presença dos alunos, aí cederam um terreno ao lado pra prefeitura, pra passar a ser lá a escola, bem do lado do quartel. Começou de madeira, foi uma estrutura assim... também precária, somente 3 salas de alvenaria e o restante de madeira. Era na época 6 salas.*

— E sua carga horária na época?

— *200 horas. Sempre.*

— E as crianças atendidas na época como eram?

— *Crianças de baixa renda, muito mesmo, meninos de rua, era esse o tipo, e ate hoje continua, porque é um bairro periférico. A participação da família assim, como posso dizer... desde o começo nunca teve mesmo. Tem muitos casos, uns com vó, a maioria das mães tava no garimpo, ou mora com o tio... complicado.*

— Nessa época que tu entraste para trabalhar qual foi a dificuldade que encontraste?

— *Inexperiência né... Não passamos por nenhum treinamento... e já encaramos uma primeira série. Não sei hoje, mas antes quando você iniciava você já pegava uma alfabetização ou uma primeira série, acho que a diretora tinha essa visão de que o começo era mais fácil, mas não é porque ali é a base. Você se doava mais, dava mais assistência pros alunos. Não passávamos por nenhum treinamento... nem sabíamos o quê que tu ia trabalhar, pegávamos assim os alunos e íamos dando o conteúdo aleatório, não tinha um treinamento, uma semana pedagógica quem nem tem hoje. A minha diretora era muito tradicional, muito rígida e a gente discutia. Ela me fez chorar várias vezes. Eu lembro uma vez que eu tava com uma primeira série e no meio do ano eles já tavam bem alfabetizados,*

eu pegava aluno de todo jeito e já tava bem entrosada, aí ela pediu pra eu trocar de turma com a filha dela, aí eu disse pra ela que não aceitava, e perguntei por que ela queria que eu trocasse, e ela falou que era justamente por isso, porque meus alunos estavam desenvolvidos e os dela não, e a filha dela só tinha a 5ª série e estava dando aula na primeira, e ela queria que eu deixasse minha primeira série que já estava preparada, pra ir dar aula na alfa da filha dela. E foi nessa época que a filha dela começou a trabalhar. Aí nessa época teve eleição, e ela saiu da escola. Fizemos campanha e a Lurdinha ganhou, ela foi uma ótima diretora. E foi a partir daí que a maioria dos professores fez concurso. Em 1994, me tornei concursada do município, pois eu era sempre contratada, nunca saí, nesse vai e vem todo ano eu tinha minha carteira renovada. Nossa ! antes de novembro já criava a expectativa se ia ser contratada, se ia renovar o contrato, ficava pensando... aí não depois do concurso foi um alívio assim... a gente se sentia a vontade pra reivindicar nossos direitos, porque na época de contrato não tinha como... fazia muita greve porque o salário atrasava muito, 3 meses ate sem receber... a gente fazia greve ia na porta da prefeitura, parece uma coisa assim que ele não tinha sensibilidade que precisávamos do nosso dinheiro, do nosso salário... teve mais greve na época do Benigno. Era eu que sustentava a casa na maioria. Meu marido ia pro garimpo e pegava malária e não conseguia mandar dinheiro. Não tinha uma profissão aqui na rua pra trabalhar , só no garimpo. Aí ele foi pra guiana francesa porque aqui não tinha mais tanto ouro. Ele ganhava pouco e começou aquela fofoca pro lado da Guiana e ele foi... foi uma segunda, mas na terceira não deu mais, porque ele tava ilegal e não tinha documentos... aí ele adoeceu também e não foi mais. O remédio lá a vacina era muito caro e ele veio pra casa pra se curar. 40 dias seguidos tomando injeção pra poder sarar. Aí dessa época que voltou do garimpo começou a trabalhar de pedreiro na rua. Eu levava as duas filhas pra casa da minha mãe, ela cuidava porque morava perto da escola, porque não dava pra pagar assim alguém pra ficar com eles porque o salário era pouco, atrasava, aí com a minha mãe não... ela cuidava, mas aí uma época foi ficando difícil as coisas a mamãe não dava conta e tive que arrumar alguém pra cuidar delas, mas foi bem apertado pagar essa pessoa, não cuidava direito... a menina que cuidava deu comida azeda pra minha filha e ela quase morre, o médico disse que ela não tinha jeito. Que era pra eu trazer ela pra casa. Aí foi nessa época que eu aceitei Jesus, fiz um voto pra Deus que se ela ficasse boa eu aceitava Jesus. E ela ficou boa , foi um milagre, ela não fazia xixi, nenhuma necessidade... tava tão desidratada que não achava nem a veia pra botar o soro. Nessa época meu marido tava no garimpo Cuiú-cuiú, mas ele não podia vir. Era hospital particular, tive que arrumar dinheiro emprestando assim... eu tinha medo dela morrer, o medico me disse que era difícil dela sobreviver porque não tava comendo, e eu fiquei desesperada... mas pedi pra Deus curar minha filha que daquele dia em diante se ela ficasse boa eu ia ser crente, me ajoelhei e pedi com tanta fé que eu levantei assim ela deu um sorriso e fez xixi. Ai eu corri na sala do médico e falei que ia levar ela que minha filha não ia morrer, o medico não queria, mas eu assinei um papel de responsabilidade, levei ela por 10 ruas no braço porque não tinha dinheiro pra pagar taxi. Pra mim foi uma vitória. Sim porque eu considero vitória ter feito pedagogia, ter nível superior pra mim é uma vitória porque a minha condição não é aquela assim de ... dinheiro assim é suado... meu esposo depois que acabou o garimpo, ele tinha vergonha de eu ser professora, por ele ser analfabeto, ele não conversava com minhas colegas e se sentia retraído, e ele mal sabia assinar o nome, aí eu alfabetizei ele em casa. Ele tinha vergonha, aí eu falei que ia alfabetizar ele e quando estivesse alfabetizado ele ia estudar. E ele aprendeu... fez supletivo, primeira e segunda etapa e passou ate no concurso, ai quando ele passou no concurso e eu comecei a receber como nível superior que as coisas melhoraram.

— E quando você se graduou?

— *Em 2003, na primeira turma de pedagogia da UVA⁶. E lá outra dificuldade, sair de Itaituba pra ir pra Santarém, ganhando como nível médio... era difícil, passar o mês todinho e ainda a mensalidade, mas consegui, passando dificuldade, mas graças a Deus deu tudo bem e hoje te falo Rudney assim pras minhas 2 filhas sempre procurei dar o melhor. A mais velha faz marketing e a outra ta fazendo meio ambiente na escola técnica.*

— Tem algum episódio desde a época que entraste pra trabalhar quando você não tinha formação ainda, que possa contar?

— *Por exemplo, agora, quando foi pra 20 anos, fizeram uma reforma e a escola ta bem bonita... Eu considero como seja uma coisa especial, de reconhecimento que eu tava no meio da multidão, e chamaram a Jane pra representar os primeiros professores e ela foi e falou que uma das primeiras também tinha sido eu, e que ela atribuía o mérito da educação também a mim e eu me senti reconhecida, valorizada. Desde quando começou a escola só resta eu. O trabalho como professora assim tenho um caso dum aluno que já passava por 3 professoras e ele tinha problema de nervoso no psicológico de que não conseguia, não conseguia... aí na primeira série ele veio pra mim, aí comecei a falar com ele, e eu dizia que ele era capaz, eu trabalhando com projeto de leitura, eu sempre compro coleções de livros e fiz um projeto de leitura. Eu escrevia uma historia e eles recontavam, eu ia alfabetizando eles através do texto. E ele conseguiu Rudney! aí ele ficou comigo de manhã e de tarde, no fim do ano ele conseguiu ser aprovado, e no outro ano e no outro ele também ficou comigo, 1ª, 2ª e 3ª, eu tive a chance de pegar essa seqüência e ele sempre comigo... eu considero muito especial isso. Ele mesmo sentia que não era capaz de aprender. Minhas aulas... bom... eu com o tempo assim nos primeiros anos acho que ate o terceiro ano eu acredito assim que eram aulas bem tradicionais, questionários, aí quando eu comecei a fazer o magistério já foi melhorando né o meu trabalho porque você já tinha as disciplinas pedagógicas, e daí depois do magistério eu penso que eu fui em busca de melhorar meu trabalho, conhecimento. Lembro que o chefe do quartel reuniu pessoas da comunidade, umas 6, 3 duma rua e mais 3 da rua seguinte, moças cursando 8 e 7 série, ele me convidou pra trabalhar e aí eu não hesitei, já fui logo aceitando. As necessidades eram muita de se trabalhar e eu nem pensei no que ia enfrentar pela frente, pensei mais pelo lado financeiro, que era o que pesava mais, aí quando a gente começou a trabalhar que nossa né... fomos ver que aqueles alunos ali tínhamos que fazer tudo pra eles aprender, tinha que se rebolar, pra darmos continuidade nos estudos pra gente continuar na profissão. E foi tanto que no ano seguinte fui estudar a noite, porque eu fazia a sétima a tarde. Eu fui pro Magalhães barata. Mas as professoras eram tudo nessa faixa etária e na 8ª, 7ª séries. Eu sinto assim que no decorrer da minha formação eu fui conseguindo assim melhorar cada ano, e eu gosto muito do meu trabalho, eu iniciei pela necessidade, ma eu gosto.*

— Você consegue identificar assim mais ou menos o período que era por vontade, por gostar que você estava ali?

— *Eu acho que ainda no magistério, depois do gavião.*

⁶ - Universidade Vale do Acaraú.

Apêndice: E

Narrativa 5: Maria Prado

— Bem... vim pra Itaituba em 1980... Em 79 eu me casei... no Maranhão...tá, aí quando eu casei meu esposo veio pra cá, que ele era garimpeiro na época e eu fiquei lá... Eu trabalhava e fiquei com um menino pequeno, que era o Charles na época ele nasceu, aí ele veio e passou um ano pra cá e retornou doente pra lá, com hepatite e malária e aí o irmão dele ficou aqui q ele morava aqui em Itaituba, ele tinha um sitio no km3 , ele veio e foi me buscar e eu vim, tinha que acompanhar, ou doente ou não... Chegando aqui em Itaituba, a chegada foi... Horrível!!!! O barco que a gente veio, ao chegar aqui em Itaituba, vinha umas meninas e teve até bala, tiro dentro do barco, devido essas meninas estar agarrando um e outro... e eu já fiquei já amedrontada, porque pra gente lá era muito difícil a gente ver isso... Né... Ao vivo ali sabe... E isso era tipo assim comum... Aí nos passamos a noite no barco e no outro dia nós fomos pra casa do irmão dele que ficava próximo daqui de Itaituba numa colônia, passamos uns 8 meses lá, lá ele me deixou e retornou e foi pro garimpo mesmo doente,foi pro garimpo e retornou ainda pior do que tinha ido, aí nós viemos aqui pra Itaituba e ele muito doente, eu sem trabalhar e um menino pequeno , e eu sofri demais aqui em Itaituba, porque eu não tinha costume assim de viver trabalhando pros outros... Lavando roupa... Empregada assim entendeu... Aí eu tive que fazer isso aqui em Itaituba, lavei roupa pra varias pessoas assim pra me sustentar, ate mesmo pra ajudar ele porque a gente não tinha de onde tirar, a gente morava numa casinha que uma senhora nos deu pra morar, justamente aqui nessa rua na 29ª na época, e... Eu dava graças a Deus também a uma amiga, sempre nos lugares que a gente anda a gente acha umas pessoas boas né... e tinha uma vizinha que pra mim ela foi mais que mãe ela me ajudava muito o esposo dela era dono de garimpo de draga... de ... E aí quando ele chegava sempre me convidava... Vamos Prado na rua comigo vender ouro... Eu não sou do tipo da pessoa... do tipo de ta me abrindo com as pessoas, sempre fui tímida... aí eu dizia assim: Eu não vou... e ela: Não menina vamos... eu ia com ela lá, ela fazia o rancho dela e fazia sempre um rancho pra mim entendeu... aí quando meu marido retornou do garimpo ele veio pior do que já tinha ido... ele chegou louco... Louco!!! Levamos ele pra o médico, e quem atendeu foi o Drº Benigno e outro médico que tinha aí... aí eles perguntaram pra mim se eu não tinha parentes em Itaituba, eu não tinha, parentes que eu tinha aqui era ele, meu filho e o irmão dele aí ele disse pra mim: Olha você vai ter que ter muita coragem de viver com essa pessoa dentro de casa porque ele está louco. Um dia ele quis me matar e o marido da vizinha entrou e me tirou das garras dele com uma tesoura querendo me matar, e eu sem trabalhar, trabalhando assim lavando roupa, engomando pros outros... Fazendo uma comida aqui outra ali... Quando pediam e sendo ajudada pelos outros, e sempre eu fui no Gonzaga Barros, e comecei a conhecer assim a primeira pessoa que eu conheci foi a Profª Célia, aquela forte... e aí eu perguntava pra ela se não tinha vaga pra trabalhar, nem que fosse de servente naquele tempo era bem mais fácil pra gente conseguir trabalho nas escolas né do que hoje, ela dizia: Que nada Prado, lá não tem não, lá tá sempre lotado...aí tá eu trouxe do maranhão um módulo, o LOGUS II, aí esse módulo um dia eu fui lá na secretaria de educação conversei com a professora Antonieta e professora Madalena e pedi emprego mesmo, aí sempre não tinha, a resposta era não... ta lotada as escolas, ate porque elas não me conheciam né e se tornava mais difícil aí falei pra ela e ela falou o grau de instrução que eu tinha na época, eu disse: Olha eu fiz apenas até a 6ª, na época eu tinha a 6ª série que eu fiz La no Maranhão mas eu tava pretendendo fazer esse curso o Logus II, que havia começado e parei aí ela perguntou como era esse

curso, aí eu disse pra ela, fui em casa e peguei o Módulo e dei pra ela e falei: Ó professora pra pessoa fazer esse Logus II a pessoa tem que fazer mas tem que estar pondo em prática em sala de aula, não se pode fazer só por estudar e não estar em sala de aula, tem que estar em sala de aula. E ela falou: Então traz pra eu ver. Trouxe pra ela, levei pra ela e ela levou pra Belém e lá, porque tinha endereço todinho no módulo aí ela conseguiu trazer pra cá ao chegar aqui em Itaituba, ela entrou em contato comigo, porque sempre eu ia lá, de vez em quando eu ia lá atrás de serviço... aí ela disse: Olha foi muito bom esse módulo que tu me deste, eu vou chamar os professores. Na época aqui era raro ter um professor formado... E eu vou convidar os professores pra gente conversar a respeito disso aqui e a gente escrever e mandar pra Belém pra ver se dá certo isso aqui... e aí assim ela fez...e graças a Deus que deu certo e eu fui uma das primeiras que me inscrevi e comecei a estudar e logo que eu comecei elas e colocaram numa sala de aula, comecei no Alice Carneiro, morando aqui na 22ª rua, comecei trabalhar lá, trabalhei um ano ainda, e... E aí eu achei também uma vaga na escola adventista e comecei a trabalhar lá, as coisas começaram a melhorar... Trabalhava de manhã e de tarde... Trabalhei uns 3, 4 anos e aí surgiu o 25 de março, uma escola na 34ª rua... é na 34ª rua... e como a escola que eu trabalhava era muito longe, que era o Alice Carneiro, e lá era do Estado também, aí eu pedi que me transferissem pra cá, eu já morava na 33ª rua e a escola era na 34ª na época aí eu consegui, passei um ano mais parado, consegui vim pra cá, saí de lá devido a distância, e tinha até uma senhora que na época aceitava repasse... uma senhora ficou lá no meu lugar, na época o diretor era o professor, que é repórter hoje, aquele moreno... eu sei que eu deixei essa senhora lá pra não perder minha vaga, mas como eu não retornei no outro ano, quando foi lotação eu não retornei por causa da distância, ele tirou a senhora lá e eu fiquei no 25 de março, mas apareceram problemas lá na escola entre mesmo a direção da escola, fechou a escola, quando fechou essa escola fomos todas divididas umas pra uma escola e outras pra outras... aí eu vim parar no Magalhães barata e trabalhei lá vários anos, e começaram a construir o Padre José de Anchieta, aí fomos de volta pra lá e lá ficamos vários anos até nosso contra-cheques vinham como 25 de março, por muito tempo... Não sei nem se ainda tá vindo, aí fui pra escola São Francisco em 85 e em 87 eu conheci a diretora da escola São Francisco das Chagas a Mailde na época e ela me convidou pra trabalhar lá, eu só tinha 200 horas e aceitei o convite e aceitei trabalhar lá no SFC (São Francisco das Chagas) em 87 e comecei a trabalhar lá e estou lá até hoje e no Estado como eu já tinha carteira assinada com 2 anos e alguns meses, agora já estou afastada pelo Estado e estou trabalhando só pelo município mas estou com 200 horas, pois sou concursada e consegui o direito de ficar com 200 horas e assim estou até hoje...

— E quando a senhora chegou aqui a senhora tinha qual série?

— -A 6ª série. O Logus II te dá o direito de concluir o ensino fundamental e o ensino médio, é bom por isso. Mesmo que tenha feito só até a 4ª série podia fazer o Logus II, porque tu conclui, por isso que diz Logus II porque são os 2 níveis. Depois do LOGUS II eu passei vários anos trabalhando só simplesmente com o que eu tinha né... e foi em 2004 eu entrei no concurso, fiz o vestibular, passei e fui fazer a universidade, fiz, passei, ingressei fui estudar e hoje graças a Deus conclui e tenho meu curso superior, pedagogia. Olha, toda tarde a gente enfrentava problema com o gado que em frente tinha um curral e eles soltava de manha cedinho e no fim do dia eles voltavam eles invadiam ali, uma vez chegou até entrar gado por dentro da sala atravessando de uma porta pra outra, que tinha sala de frente e sala de fundo e a gente ficava aquela correria correndo na sala dum lado pro outro com medo das vacas (risos) era muito difícil muito difícil mesmo, e também lá tinha um problema sério que era os moleques de rua... eles encaravam a gente de frente

mesmo, um dia eles chegaram a entrar na sala da professora Cleusa com uma faca pra matar outro, e a tia Cleusa correndo com os alunos dentro da sala com os alunos apavorados e ele conseguiu fugir correndo... era muito difícil...

— E os alunos da época ?

— Eles eram... todo tempo foram baixa renda... era um povo que eles não gostavam de freqüentar a escola... os pais dos alunos iam simplesmente matricular, outros alunos iam por conta própria... se matriculavam eles mesmo, faziam sua matricula e permaneciam ali, na época de reunião eles eram difícil comparecer, ate porque as crianças na maioria na época os pais viviam no garimpo e eles viviam com uma pessoa que nem parente era... eram senhoras pra cuidar e elas eram difícil ir na escola, ao pais e mãe eram pro garimpo, então por conta disso criou muito menino revoltado ali naquele bairro, por conta do jeito que viviam sem ser cuidado nem por pai nem por mãe...sem acompanhamento direito. Foram criados por conta própria, e isso causou muita revolta neles.

— Há alguma diferença da época que a senhora começou, quando terminou o Logus, pra agora...

— Houve diferença sim... ate porque na época que eu iniciei o curso Logus II a gente tinha o conhecimento muito restrito, hoje o conhecimento é mais amplo, até pra se trabalhar é melhor, ate em nível de dinheiro, o salário melhorou, as vezes eu, é porque eu nunca fui uma pessoa de me expressar bem, de gostar falar, tem sempre aquelas pessoas que se expressam bem, e eu não gosto de ta falando muito, mas eu melhorei muito, e se fosse possível ate fazer assim outra área pra melhorar meu conhecimento, mas acho que vou parar por aqui porque já me sinto muito cansada, cansada mesmo, ate porque ate ano passado eu trabalhava três turnos e isso me trouxe muita... assim muita canseira, muita ocupação, mas porque eu trabalho assim? Porque aqui em casa eu sou a mulher e o homem da casa porque meu marido morreu e fiquei sozinha pra cuidar da família, dos filhos dos netos, e aí eu me desdobrava pra fazer isso, as vezes eu me sentia bem pra trabalhar nos 3 turnos pra ver se esquecia dos problemas... Ah na época a gente não se preocupava muito em ta fazendo plano de aula, de reunir com os colegas... pra tirar dúvida né, mas com o passar do tempo isso foi melhorando porque sempre tem as reuniões pedagógicas pra conversar uns com os outros... e gente trabalha sempre em cima de conteúdos e esses conteúdos que a gente aborda em sala de aula todos são escritos, tirando duvidas onde que tem, e usando sempre nosso plano de aula, que antigamente a gente não era tão cobrado, o cobrado era que a gente tinha que estar em sala de aula, mas o diretor não tava ali pra ver plano de aula, nem mesmo estar andando perto da sala pra ver os alunos perto não acontecia, hoje não, hoje é diferente, a gente se sente é bem, porque não vou sem plano de aula pra sala e a gente se sente segura... não sinto um vazio de qualquer hora deslizar, e uma pessoa do lado da gente quando a gente precisa pra tirar uma dúvida ta ali do lado da gente (aqui ela fala do diretor) é bom. Então hoje melhorou muito.

— Nessa sua trajetória tem algum episódio especial que se lembre pra contar...?

— De interessante... Assim... A minha vida quase toda foi lá no São Francisco das Chagas né... eu comecei a me interessar por política, não assim pra ser candidata, mas pra apoiar alguém, e aí sempre gostei de apoiar o PMDB, sempre estive do lado do seu Wirland que na época era ele que a gente apoiava, e ele sempre nos dava a mão. E o que era

interessante que eu gostava nele é que quando ele dizia que dava uma coisa, ele nunca prometia, ele cumpria e a gente se sentia a vontade com ele. De vez em quando, ele era tipo um prefeito que não vivia atrás de 4 paredes, ele vivia sempre na rua e na escola, quando a gente menos esperava ele chegava lá na escola pra ver como é que estava, o que tava faltando, por mais que ele não fizesse tudo que tivesse ali necessitando, então eu acho que isso era bom... Muito bom mesmo...

— A senhora sempre foi professora?

— *Não... eu estive uma época como diretora, não só como diretora, mas estava na direção mas também em sala de aula também... Nunca me afastei da sala de aula. Isso foi em 2002, 2003, estive na direção da escola São Francisco das Chagas por 8 anos, mas não tava só na direção, eu estava na direção e em sala de aula.*

— A senhora lembra como foi pra isso acontecer?

— *Foi um convite. Foi justamente na época do seu Wirland que a gente trabalhou na política, não que eu quisesse... Pegar direção de escola né... aí a Lurdes, na época era a Maildes, ela foi embora, a Lourdes ficou um ano mais ou menos, e aí entrou a Migliat como diretora e eu fiquei como secretária com a Migliat, secretária da Migliat e professora no Padre José de Anchieta. E aí ficou a época de fazer eleição nas escolas pra direção das escolas e o seu Wirland perguntou se eu aceitava me candidatar a direção e eu disse que não que achava que não tinha paciência pra cuidar de muita gente, mas ele falou que a gente aprendia fazer era fazendo, que eles estariam juntos comigo nessa... aí eu entrei, houve eleição eu ganhei mais que a maioria dos votos (risos de orgulho) fui eleita e fiquei na direção da escola, e aí sempre que tinha eleição eu ganhava e ficava, porque eu conquistei amizade do povo do bairro. Eles gostavam muito de mim os alunos também e sempre que eu dizia que ia me candidatar eles estavam do meu lado e eu nunca perdi uma eleição na escola, eu saí porque eu desisti porque minha aposentadoria poderia prejudicar. Fiquei com medo de continuar em direção de escola, porque na direção você tem que trabalhar mais 5 anos. Houve uma época que eu tava na direção e chegou a Hena que veio de Santarém e assumiu a direção e eu fiquei na vice-direção da escola, e informaram pra Belém que eu estava em desvio de função e eu perdi um ano de gratificação, e com a ajuda do professor Felipe eu consegui receber meu retroativo. Aí depois disso veio as eleições, outros candidatos e eu perdi a vontade de ficar em direção. A educação na época era prioridade, era uma prioridade pra todo mundo, pra nós professores, pros alunos, conversávamos muito com os pais, conseguimos matricular vários pais, que deveriam estar matriculados pra estar informados para ajudar os filhos ate porque a maioria dos pais na época não estudavam, não tinham conhecimento de nada, eram analfabetos, ate mesmo os próprios funcionários, vigias, serventes e houve uma época que a gente conversando fizemos uma reunião, e achamos que deveriam eles tirar um horário pra estudar e isso o seu Wirland também achava por bem que os funcionários tinham que pelo menos saber assinar seu nome, e isso foi muito bom. E dentro do horário deles eles tinham uma hora de aula, e ate hoje muitos pais estão estudando, outros até se formaram., era um incentivo que a gente dava pra eles. Hoje primeiro de tudo, o estudo é tudo, ate porque é uma das coisas que a gente da pros filhos que ninguém toma, é a melhor riqueza que se tem na vida acredito que é o estudo, você vale o que você é, porque daqui um tempo as pessoas que não tem conhecimento que não tem uma formatura, vai sofrer muito, ate mesmo na zona rural pra se trabalhar vai*

precisar da pessoa ter um conhecimento melhor. Então pra mim estudo é prioridade, tem que ter formação.

— Na época que a senhora dava aula, tinha apoio pra essas aulas?

— *Às vezes sim, porque naquele tempo tinha supervisão, só que supervisão da época não era assim pra te ajudar, era pra cobrar... cobrar e cobrar... as vezes tinha duvida, ia perguntar e recebia resposta desagradáveis, porque parecia assim que eram espiãs, estavam ali pra te espionar, ver como que dava aula e não pra ajudar. Esse lado aí eu achava ruim na época. Mas mudou, até mesmo os diretores tem outra visão, a gente é livre pra conversar, tirar duvida, porque ninguém é dono da verdade, ninguém conhece tudo num é ? sempre que tem duvida eles estão ali pra ajudar. Se eles não tivessem mudado a gente também não mudaria, a visão da gente era muito negativa quanto a supervisão de escola. Então melhorou muito.*

Olha Rudney eu me vejo como uma vitoriosa na vida, porque ao chegar aqui em Itaituba, com a aprendizagem que eu tinha e hoje estar formada eu dou graças a Deus em primeiro lugar, a família e aos amigos. Eu acho que se eu não tivesse tido coragem de enfrentar todas as dificuldades que eu enfrentei na vida eu não teria chegado aonde cheguei. Ate porque quando nos piores momentos da minha vida em Itaituba eu achei pessoas que disseram pra mim: Olha Prado se quiseres ir embora o dinheiro da tua passagem ta aqui pra tu ir embora... E eu nunca desisti, eu pensava sempre positivo e dizia que não era isso que eu queria, pois eu vim pra cá pra fazer minha vida e eu vou fazer e fiz e graças a Deus eu fiz. Hoje às vezes encontro alunos meus por aí que eu nem conheço mais... dia desses tava no ônibus e vinha um rapaz que falou comigo que tinha sido meu aluno.



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**, eu maria luciene Melo da Silva,

disponho-me a participar da pesquisa "MULHERES DE OURO: experiência vividas por mulheres de garimpeiros que se tornaram professoras em Itaituba-PA no ciclo do ouro (1980-1990)" orientada pela Professora Doutora Sueli Terezinha de Abreu Bernardes, sob a responsabilidade do Mestrando Rudney Ferreira Bonfim, aluno da Pós Graduação - Mestrado em Educação Formação de Professores, da Universidade de Uberaba-UNIUBE-MG.

Declaro que minha participação é voluntária, tendo liberdade para desistir durante o processo de coleta de dados, caso venha a desejar, sem qualquer risco de penalização.

Permito a divulgação de meus dados bem como de imagens por mim cedidas para compor o corpo do texto. Permito, ainda, ao pesquisador a gravação, transcrição e arquivamento de meus relatos para fins de pesquisa, tanto atual como posteriores.

Caso sinta necessidade de contatar o pesquisador durante ou após a coleta de dados, poderei fazê-lo pelos telefones (93) 8122 6911 -(93)91430113 (93)3518 1817, ou no seguinte endereço: 8ª Rua, 1238 - Bairro Jardim das Araras, Itaituba (PA).

Ao final da pesquisa, se for do meu interesse, terei livre acesso ao conteúdo da mesma, podendo discutir com o pesquisador.

Itaituba PA, 25 de Julho de 2009.

Rudney Ferreira Bonfim
Assinatura do pesquisador

[Assinatura]

Assinatura do(a) entrevistado (a)



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, eu,

Maria da Silva Prado

disponho-me a participar da pesquisa "MULHERES DE OURO: experiência vividas por mulheres de garimpeiros que se tornaram professoras em Itaituba-PA no ciclo do ouro (1980-1990)" orientada pela Professora Doutora Sueli Terezinha de Abreu Bernardes, sob a responsabilidade do Mestrando Rudney Ferreira Bonfim, aluno da Pós Graduação - Mestrado em Educação Formação de Professores, da Universidade de Uberaba-UNIUBE-MG.

Declaro que minha participação é voluntária, tendo liberdade para desistir durante o processo de coleta de dados, caso venha a desejar, sem qualquer risco de penalização.

Permito a divulgação de meus dados bem como de imagens por mim cedidas para compor o corpo do texto. Permito, ainda, ao pesquisador a gravação, transcrição e arquivamento de meus relatos para fins de pesquisa, tanto atual como posteriores.

Caso sinta necessidade de contatar o pesquisador durante ou após a coleta de dados, poderei fazê-lo pelos telefones (93) 8122 6911 -(93)91430113 (93)3518 1817, ou no seguinte endereço: 8ª Rua, 1238 - Bairro Jardim das Araras, Itaituba (PA).

Ao final da pesquisa, se for do meu interesse, terei livre acesso ao conteúdo da mesma, podendo discutir com o pesquisador.

Itaituba PA, 25 de Julho de 2009.

Rudney Ferreira Bonfim

Assinatura do pesquisador

[Assinatura]

Assinatura do(a) entrevistado (a)



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, eu Perpetua da Conceição Borges,

disponho-me a participar da pesquisa "MULHERES DE OURO: experiência vividas por mulheres de garimpeiros que se tornaram professoras em Itaituba-PA no ciclo do ouro (1980-1990)" orientada pela Professora Doutora Sueli Terezinha de Abreu Bernardes, sob a responsabilidade do Mestrando Rudney Ferreira Bonfim, aluno da Pós Graduação - Mestrado em Educação Formação de Professores, da Universidade de Uberaba-UNIUBE-MG.

Declaro que minha participação é voluntária, tendo liberdade para desistir durante o processo de coleta de dados, caso venha a desejar, sem qualquer risco de penalização.

Permito a divulgação de meus dados bem como de imagens por mim cedidas para compor o corpo do texto. Permito, ainda, ao pesquisador a gravação, transcrição e arquivamento de meus relatos para fins de pesquisa, tanto atual como posteriores.

Caso sinta necessidade de contatar o pesquisador durante ou após a coleta de dados, poderei fazê-lo pelos telefones (93) 8122 6911 -(93)91430113 (93)3518 1817, ou no seguinte endereço: 8ª Rua, 1238 - Bairro Jardim das Araras, Itaituba (PA).

Ao final da pesquisa, se for do meu interesse, terei livre acesso ao conteúdo da mesma, podendo discutir com o pesquisador.

Itaituba PA, 25 de Julho de 2009.

Rudney Ferreira Bonfim
Assinatura do pesquisador

Assinatura do(a) entrevistado (a)



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**, eu

Rosirene Maria Lopes Silva

disponho-me a participar da pesquisa "MULHERES DE OURO: experiência vividas por mulheres de garimpeiros que se tornaram professoras em Itaituba-PA no ciclo do ouro (1980-1990)" orientada pela Professora Doutora Sueli Terezinha de Abreu Bernardes, sob a responsabilidade do Mestrando Rudney Ferreira Bonfim, aluno da Pós Graduação - Mestrado em Educação Formação de Professores, da Universidade de Uberaba-UNIUBE-MG.

Declaro que minha participação é voluntária, tendo liberdade para desistir durante o processo de coleta de dados, caso venha a desejar, sem qualquer risco de penalização.

Permito a divulgação de meus dados bem como de imagens por mim cedidas para compor o corpo do texto. Permito, ainda, ao pesquisador a gravação, transcrição e arquivamento de meus relatos para fins de pesquisa, tanto atual como posteriores.

Caso sinta necessidade de contatar o pesquisador durante ou após a coleta de dados, poderei fazê-lo pelos telefones (93) 8122 6911 -(93)91430113 (93)3518 1817, ou no seguinte endereço: 8ª Rua, 1238 - Bairro Jardim das Araras, Itaituba (PA).

Ao final da pesquisa, se for do meu interesse, terei livre acesso ao conteúdo da mesma, podendo discutir com o pesquisador.

Itaituba PA, 25 de Julho de 2009.

Rudney Ferreira Bonfim
Assinatura do pesquisador

Silva
Assinatura do(a) entrevistado (a)



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, eu Antonia Edilizia Brandão,

disponho-me a participar da pesquisa "MULHERES DE OURO: experiência vividas por mulheres de garimpeiros que se tornaram professoras em Itaituba-PA no ciclo do ouro (1980-1990)" orientada pela Professora Doutora Sueli Terezinha de Abreu Bernardes, sob a responsabilidade do Mestrando Rudney Ferreira Bonfim, aluno da Pós Graduação - Mestrado em Educação Formação de Professores, da Universidade de Uberaba-UNIUBE-MG.

Declaro que minha participação é voluntária, tendo liberdade para desistir durante o processo de coleta de dados, caso venha a desejar, sem qualquer risco de penalização.

Permito a divulgação de meus dados bem como de imagens por mim cedidas para compor o corpo do texto. Permito, ainda, ao pesquisador a gravação, transcrição e arquivamento de meus relatos para fins de pesquisa, tanto atual como posteriores.

Caso sinta necessidade de contatar o pesquisador durante ou após a coleta de dados, poderei fazê-lo pelos telefones (93) 8122 6911 -(93)91430113 (93)3518 1817, ou no seguinte endereço: 8ª Rua, 1238 - Bairro Jardim das Araras, Itaituba (PA).

Ao final da pesquisa, se for do meu interesse, terei livre acesso ao conteúdo da mesma, podendo discutir com o pesquisador.

Itaituba PA, 25 de Julho de 2009.

Rudney Ferreira Bonfim
Assinatura do pesquisador

Adl

Assinatura do(a) entrevistado (a)

